

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**CERRITOS COMO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO:
O RESGATE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO
CORREDOR DO BOLSO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ricardo Pellegrin Marion

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

CERRITOS COMO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: O RESGATE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR DO BOLSO

por

Ricardo Pellegrin Marion

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Área de Concentração Arquitetura e Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**

Orientador: Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio
Cultural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**CERRITOS COMO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: O RESGATE DO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR DO BOLSO**

elaborada por
Ricardo Pellegrin Marion

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Saul Eduardo Seiguer Milder, Doutor
(Presidente/Orientador)

Átila Stock da Rosa, Doutor (UFSM)

Marisa Coutinho Afonso, Doutora (USP)

Santa Maria, 11 de novembro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Talvez os agradecimentos sejam a parte mais importante e difícil do trabalho. A injustiça de esquecer algum nome que tenha colaborado para a realização dessa dissertação anda ao lado da necessidade de agradecer muitas pessoas.

Primeiramente, devo citar o nome do professor, orientador e amigo Saul Eduardo Seiguer Milder, pela oportunidade de ingressar como estagiário no Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas no início da minha vida acadêmica, ainda no ano de 2003. Sem essa oportunidade, com certeza esse trabalho não existiria. De lá pra cá, as vivências, o conhecimento gerado e o aumento na confiança só cresceram, culminando em uma nova oportunidade para a realização do mestrado.

Ainda no âmbito do LEPA, não se pode deixar de lembrar dos amigos e funcionários da UFSM, Angelo e Jaime, sempre presentes a qualquer motivo que necessitasse de uma ajuda, no meio acadêmico e pessoal.

À professora Carmem que de forma ágil realizou a correção ortográfica da dissertação.

Dos velhos colegas de laboratório Jaqueline, Thiele, Guilherme e Lúcio, sempre dispostos a conversar sobre arqueologia e qualquer outro assunto, companheiros para dividir uma quadrícula, ou se aventurar em longas viagens pelo Brasil.

Dos novos colegas de laboratório, Franciele, Simone, Jeferson, Jociele, Mariusi, Bruno, Thais, Janice, Jovanele, Vanessa (preta) e Vanessa (branca) que surgiram em um momento difícil da dissertação e que com vontade de aprender arqueologia acabaram estimulando novas ideias que permitiram a escrita dessas linhas.

Em separado uma homenagem merecida à Lana que no último prazo para o término das análises do material foi fundamental, e ao Giovan que, além de ajudar com o material lítico, digitalizou o croqui que serviu de base para todos os mapeamentos intrasítios.

E em especial à amiga e, por que não, arqueóloga Stefani que desde o princípio foi dedicada e muito interessada em aprender a análise de materiais líticos. Ela foi a melhor assistente que alguém poderia ter, foi mais que fundamental na

elaboração dos mapas de distribuição dos instrumentos líticos, descobriu e corrigiu erros no catálogo, enfim passou horas em meio às pedras, incansável e sempre disposta a ajudar mais.

Aos colegas de mestrado, pelas discussões em aulas que contribuíram muito para a maneira de pensar as diversas manifestações do Patrimônio Cultural.

À professora Denise Saad, representando todos os professores do mestrado, que sozinha coordena o Programa de Pós-Graduação e tem tempo para sempre gentilmente responder as dúvidas e resolver os problemas institucionais.

Aos membros da banca que prontamente aceitaram o convite: Prof^o Dr^o Átila, sempre disposto a ajudar com as constantes dúvidas sobre formações geológicas e rochas utilizada com matéria-prima dos lascadores pretéritos; Prof^a Dr^a Marisa, que veio de longe; e Prof^a Dr^a Neli que desde o processo de qualificação colabora com o trabalho.

Por último e não menos importante, à minha família, fundamental na construção de meu caráter como pessoa e pesquisador. À minha mãe e meu irmão que entendem e apóiam a minha opção de trabalho e pesquisa. Ao meu pai que, mesmo não estando mais presente entre nós, sempre me acompanha em minhas lembranças.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

CERRITOS COMO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: O RESGATE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR DO BOLSO

Autor: Ricardo Pellegrin Marion

Orientador: Saul Eduardo Seiguer Milder

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 11 de novembro de 2010

O presente trabalho visa apresentar as atuais pesquisas no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, localizado no município de Santa Margarida do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O sítio, escavado em 1998, foi impactado por atividades agrícolas, mas mesmo assim conservou parcialmente integras duas estruturas monticulares, conhecidas pela bibliografia como “Cerritos”. A coleção estudada é composta por artefatos líticos lascados de diversas matérias-primas e fragmentos cerâmicos. A diversidade de matérias-primas utilizadas no lascamento reflete as várias formações geológicas da região e a mobilidade dos grupos pré-históricos para a captação de recursos. A pesquisa da cultura material mostra a ocorrência de duas ocupações pré-históricas distintas: uma ocupação de grupos caçador-coletores, responsável pela construção dos cerritos e uma posterior de grupos horticultores Guarani. Assim, buscou-se interpretar os materiais líticos lascados ligados ao grupo caçador-coletor e sua inserção no contexto arqueológico na tentativa de entender a construção dos cerritos. E por fim, relacionar esses dados com a ocupação Guarani.

Palavras-chave: cerritos; análise; cultura material; indústria lítica.

ABSTRACT

Professional Graduate Program in Cultural Patrimony
Masters Dissertation
Federal University of Santa Maria

CERRITOS AS CULTURAL PATRIMONY: THE RESCUE OF THE ARCHAEOLOGICAL SITE CORREDOR DO BOLSO

Author: Ricardo Pellegrin Marion

Orientation: Saul Eduardo Seiguer Milder

Date and Place of the Defense: Santa Maria, 11 of November of 2010

This paper presents the current research in the Archaeological Site Corredor do Bolso, located at Santa Margarida do Sul municipality, Rio Grande do Sul state, Brasil. The site, excavated in 1998, was impacted by agricultural activities, but still preserved two partially intact mound structures, known in the literature as “Cerritos”. The studied collection is composed of chipped lithic artifacts from various raw materials and ceramic fragments. The diversity of raw materials used in chipping reflects the various geological formations of the region and the mobility of prehistoric groups for resources acquisition. The study of material culture shows the occurrence of two distinct prehistoric occupations: a hunter-gatherer group’s occupation, responsible for the construction of Cerritos and a posterior Guarani horticulturalists groups. Thus, attempted to interpret the chipped materials lithic linked to the hunter-gatherers group and their insertion into the archaeological context in an attempt to understand the construction of Cerritos. And finally, connect these data with the Guarani occupation.

Key-words: cerritos; analysis; material culture; lithic industry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 - Croqui de um dos sítios com cerritos em Santa Vitoria do Palmar e corte longitudinal mostrando o perfil do terreno.....	51
FIGURA 02 – Croqui da intervenção de campo no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso.....	83
FIGURA 03 – Tentativa de reconstituição de um instrumento com depressão semi-esférica a partir de um fragmento.....	109
FIGURA 04 – Desenho representativo de lasca utilizada bruta.....	118
FIGURA 05 – Desenho representativo de lasca utilizada bruta.....	118
FIGURA 06 – Desenho representativo de lasca retocada sem padrão morfológico.....	119
FIGURA 07 – Desenho representativo de instrumento confeccionado sobre lasca cortical.....	120
FIGURA 08 – Desenho representativo de instrumento confeccionado sobre seixo sem padrão morfológico.....	121
FIGURA 09 – Desenho representativo de instrumento confeccionado sobre seixo com padrão morfológico.....	123
FIGURA 10 – Desenho representativo de instrumento com morfologia piramidal.....	125
FIGURA 11 – Desenho representativo de um Raspador Pendular	127
FIGURA 12 – Desenho representativo de um Raspador Pendular.....	127
FIGURA 13 – Desenho representativo de um Raspador Pendular.....	127
FIGURA 14 – Desenho representativo de dois micro instrumentos com entalhe.....	128
FIGURA 15 – Desenho representativo de um Raspador Pontiadudo.....	131
FIGURA 16 – Desenho representativo de um Raspador Pontiadudo.....	132
FIGURA 17 – Desenho representativo de um Raspador Unilateral.....	133

FIGURA 18 – Desenho representativo de um Raspador Unilateral.....	133
FIGURA 19 – Desenho representativo de um Raspador Alongado.....	134
FIGURA 20 – Desenho repres.entativo de um Raspador Alongado.....	135
FIGURA 21 – Desenho representativo de um Pré-Biface.....	137
FIGURA 22 – Desenho representativo de um Instrumento Bilateral.....	139
FIGURA 23 – Dispersão espacial do material lítico resgatado.....	147
FIGURA 24 – Dispersão espacial dos instrumentos líticos identificados.....	148
FIGURA 25 – Dispersão espacial dos instrumentos líticos identificados na área escavada do Cerrito “A”	149
FIGURA 26 – Dispersão espacial dos instrumentos líticos identificados na área escavada do Cerrito “B”	149
FIGURA 27 – Dispersão espacial dos fragmentos cerâmicos.....	152
IMAGEM 01 – Visão geral do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso em 1998.....	82
IMAGEM 02 – Abertura de trincheira Cerrito “A”.....	84
IMAGEM 03 – Trincheira escavada.....	85
IMAGEM 04 – Quadrículas escavadas no Cerrito “A”.....	85
IMAGEM 05 – Quadrículas escavadas em “xadrez” no Cerrito “B”	86
IMAGEM 06 – Procedimento de peneiragem.....	86
IMAGEM 07 – Visão geral do local onde se localizava o Sítio Arqueológico Corredor do Bolso em 2010.....	88
IMAGEM 08 – Face externa de exemplares de lascas oriundas de percussão unipolar e direta.....	94
IMAGEM 09 – Face interna de exemplares de lascas oriundas de percussão unipolar e direta.....	95
IMAGEM 10 – Face externa de exemplares de lascas que destoam do tamanho médio das lascas da coleção arqueológica.....	95
IMAGEM 11 – Face externa de exemplares de lascas que destoam do tamanho médio das lascas da coleção arqueológica.....	96
IMAGEM 12 – Face externa de exemplares de lascas corticais.....	96
IMAGEM 13 – Face interna de exemplares de lascas corticais.....	97
IMAGEM 14 – Exemplares de lascas Bipolares.....	97

IMAGEM 15 – Face externa de exemplares de lascas de reavivamento de gume.....	99
IMAGEM 16 – Face interna de exemplares de lascas de reavivamento de gume.....	99
IMAGEM 17 – Face externa de exemplares de lascas oriundas de percussão por pressão.....	99
IMAGEM 18 – Face interna de exemplares de lascas oriundas de percussão por pressão.....	100
IMAGEM 19 – Face externa de exemplares de lascas de retoque.....	100
IMAGEM 20 – Face interna de exemplares de lascas de retoque.....	100
IMAGEM 21 – Face externa de exemplares de lâminas.....	101
IMAGEM 22 – Face interna de exemplares de lâminas.....	101
IMAGEM 23 – Exemplares de estilhas de quartzo	103
IMAGEM 24 – Exemplares de estilhas de matérias-primas diversas.....	103
IMAGEM 25 – Exemplares de nucleiformes.....	104
IMAGEM 26 – Exemplares de núcleos.....	104
IMAGEM 27 – Exemplos de fragmentos encontrados no sítio arqueológico..	105
IMAGEM 28 – Exemplos de fragmentos encontrados no sítio arqueológico...	106
IMAGEM 29 – Exemplos de instrumentos com depressão semi-esférica encontrados no sítio arqueológico.....	109
IMAGEM 30 – Exemplos de instrumentos “Pedra-Queijo”.....	110
IMAGEM 31 – Exemplos de percutores plenos.....	112
IMAGEM 32 – Exemplos de percutores em superfície natural de seixos de arenito e siltito silicificado.....	113
IMAGEM 33 – Exemplos de percutores em superfície natural de seixos de quartzo.....	114
IMAGEM 34 – Exemplos de percutores em superfície natural de bloco de quartzo.....	114
IMAGEM 35 – Exemplos de percutores em superfície lascada.....	115
IMAGEM 36 – Exemplos de batedor-trituradores.....	117
IMAGEM 37 – Exemplos de lascas brutas utilizadas.....	117
IMAGEM 38 – Exemplares de lascas retocadas sem padrão morfológico.....	119

IMAGEM 39 – Exemplares de instrumentos confeccionados sobre lascas corticais.....	120
IMAGEM 40 – Exemplares de instrumentos confeccionados sobre seixos sem padrão morfológico.....	121
IMAGEM 41 – Instrumentos confeccionados sobre seixos com padrão morfológico.....	122
IMAGEM 42 – Instrumentos confeccionados sobre seixos com padrão morfológico. Visão lateral.....	122
IMAGEM 43 – Exemplares de instrumentos com morfologia piramidal.....	124
IMAGEM 44 – Exemplares de instrumentos com morfologia piramidal. Visão lateral.....	124
IMAGEM 45 – Exemplares de Raspadores Pendulares com a presença de córtex.....	126
IMAGEM 46 – Exemplares de Raspadores Pendulares sem presença de córtex.....	126
IMAGEM 47 – Exemplares de micro instrumentos com entalhe.....	128
IMAGEM 48 – Lascas com fraturas abruptas. Face externa.....	129
IMAGEM 49 – Lascas com fraturas abruptas. Face externa.....	130
IMAGEM 50 – Exemplares de Raspadores Pontigudos.....	130
IMAGEM 51 – Exemplares de Raspadores Unilaterais.....	132
IMAGEM 52 – Exemplares de Raspadores Unilaterais em suportes naturais.....	132
IMAGEM 53 – Exemplares de Raspadores Alongados.....	134
IMAGEM 54 – Lascas características de readequação volumétrica. Face externa.....	136
IMAGEM 55 – Lascas características de readequação volumétrica. Face interna.....	136
IMAGEM 56 – Pré-Bifaces.....	136
IMAGEM 57 – Bilateral Instrumentos Bilaterais. Face externa.....	138
IMAGEM 58 – Instrumentos Bilaterais. Face interna.....	138
IMAGEM 59 – Ponta de projétil fraturada.....	140
IMAGEM 60 – Exemplares de fragmentos de boleadeiras.....	140

IMAGEM 61 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face externa.....	142
IMAGEM 62 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face interna.....	142
IMAGEM 63 – Fragmentos cerâmicos com decoração pintada. Face externa.....	143
IMAGEM 64 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face interna.....	144
IMAGEM 65 – Fragmentos cerâmicos com decoração unglada. Face externa.....	144
IMAGEM 66 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face interna.....	144
MAPA 01 – Localização do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso.....	20
MAPA 02 – Principal área de ocorrências de cerritos.....	24
MAPA 03 – Localização dos cerritos nas regiões sul e sudeste da Laguna Mirim.....	31
MAPA 04 – Mapa com a distribuição dos sítios arqueológicos com cerritos no “ <i>Depto. de Treinta y Tres</i> ”.....	32
MAPA 05 – Localização de alguns dos sítios arqueológicos descritos no texto.....	35
MAPA 06 – Croqui do “ <i>Sítio Rincón de los Indios</i> ”.....	40
MAPA 07 – Sítios localizados no entorno da “ <i>Laguna de Castillos</i> ”. Em destaque, grifado com uma cruz e círculo o “ <i>Sítio Cráneo Marcado</i> ”. Sem escala na publicação original.....	43
MAPA 08 – Locais onde, no Rio Grande do Sul, foram estudados sítios de aterros/cerritos	48
MAPA 09 – Imagem de satélite com a localização geográfica do Sítio Arqueológico do Corredor do Bolso.....	64
MAPA 10 – Formações geológicas da área de estudo. Escala Original: 1:750.000. Em vermelho localização do Sítio Arqueológico do Corredor do Bolso.....	68
MAPA 11 – Compartimentos ou províncias geomorfológicas.....	71

MAPA 12 – Limites das Bacias Hidrográficas no estado do Rio Grande do Sul. Em vermelho localização do Sítio Arqueológico do Corredor do Bolso.....	75
MAPA 13 – Bioma Pampa. Escala original 1:5.000.000	77
MAPA 14 – Vegetação Rio Grande do Sul. Escala original 1:5.000.000.....	78
MAPA 15 – Formação geológica da área de estudo, com um raio de ação de 30 km. Escala Original: 1:750.000.....	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sítios localizados por ROSA, 2008, com a referência geográfica em UTM.....	59
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Diversidade de matéria-prima rochosa utilizada para o lascamento.....	91
GRÁFICO 02 – Atributos Tecnológicos considerados para a análise da coleção.....	93
GRÁFICO 03 – Categorias de lascas consideradas na análise da coleção.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS COM CERRITOS	23
1.1. As Pesquisas na Argentina.....	25
1.2. Os Cerritos na República Oriental do Uruguai.....	27
1.3. Os Trabalhos no Brasil.....	46
2. INTERPRETAÇÃO DO ESPAÇO: CONCEITOS, GEOMORFOLOGIA E GEOLOGIA APLICADOS À ÁREA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR DO BOLSO	61
2.1. Localização Geográfica.....	63
2.2. Geologia	64
2.2.1. Solos	68
2.3. Geomorfologia	70
2.4. Clima, Hidrografia, Vegetação e Fauna.....	73
2.4.1. Clima.....	73
2.4.2. Hidrografia.....	74
2.4.3. Vegetação e Fauna.....	76
3. ANALISANDO FRAGMENTOS, CONSTRUINDO UM CONTEXTO: UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO PARA OS CERRITOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR DO BOLSO	81
3.1. Metodologia de Campo	81
3.2. A análise da Cultura Material.....	88
3.2.1. Os materiais líticos.....	89
3.2.1.1. Lascas	93
3.2.2.2. Estilhas.....	102
3.2.2.3. Núcleos e Nucleiformes.....	103
3.2.2.4. Fragmentos	104
3.2.2.5. Instrumentos.....	106
3.2.2.5.1. Instrumentos Passivos.....	107
3.2.2.5.1.1. Pedra com depressão semi-esférica	107
3.2.2.7.1.2. Pedras-Queijos.....	109
3.2.2.7.2. Instrumentos Ativos.....	111
3.2.2.7.2.1. Percutores.....	111

3.2.2.7.2.1.1. Percutores plenos	112
3.2.2.7.2.1.2. Percutores em superfície natural	113
3.2.2.7.2.1.3. Percutores em superfície lascada	114
3.2.2.7.2.1.4. Percutores brandos.....	115
3.2.2.7.2.2. Batedor-trituradores.....	116
3.2.2.7.2.3. Lascas brutas	117
3.2.2.7.2.4. Lascas retocadas sem padrão morfológico	118
3.2.2.7.2.5. Instrumentos sobre lascas corticais.....	119
3.2.2.7.2.6. Instrumentos sobre seixos sem padrão morfológico	120
3.2.2.7.2.7. Instrumentos sobre seixo com padrão morfológico	122
3.2.2.7.2.8. Raspadores piramidais	123
3.2.2.7.2.9. Micro raspadores pendulares	125
3.2.2.7.2.10. Micro instrumentos com entalhe.....	127
3.2.2.7.2.11. Raspadores pontiagudos.....	129
3.2.2.7.2.12. Raspadores unilaterais.....	131
3.2.2.7.2.13. Micro raspadores alongados	133
3.2.2.7.2.14. Pré-bifaces	135
3.2.2.7.2.15. Instrumentos bilaterais	137
3.2.2.7.3. Instrumentos ligados à atividade de caça	139
3.2.2. Os fragmentos cerâmicos	141
3.3.3. Análise do esqueleto	145
3.3. Resultados	145
CONCLUSÃO	155
REFERÊNCIAS.....	159

INTRODUÇÃO

A Arqueologia não é uma ciência linear. Muito pelo contrário, à medida que os estudos e trabalhos arqueológicos avançam, cresce o número de variáveis intermitentes e de conceitos maleáveis que suscitam discussões nos meios acadêmicos e profissionais dessa ciência.

As definições tomadas por verdades e usadas como modelos em determinado momento, estão em constante mudança ao se realizar novas pesquisas, revisar antigas ou na aplicabilidade de novos métodos em atividades de campo e laboratório. Contudo, em algum período, influenciado por diversas variáveis, houve um início, que passa a ser contestado, reelaborado, aceito ou mesmo abandonado.

A sistematização da Arqueologia Brasileira avança a partir de 1965, com o início do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológica (PRONAPA), que pretendia de imediato criar um panorama geral das culturas arqueológicas brasileiras. Os objetivos do PRONAPA estão implícitos nas primeiras linhas do prefácio da primeira edição do livro “Pré-História do Rio Grande do Sul”, onde Schmitz, referindo-se aos primeiros profissionais que iniciaram a ciência arqueológica no Rio Grande do Sul, completa o parágrafo com a seguinte frase: “A quase totalidade de suas pesquisas se deteve na prospecção, buscando identificar as culturas, ver a sua adaptação ecológica e sua distribuição espacial e temporal” (2006, p. 11).

Ao caracterizar uma nova cultura identificada, os arqueólogos do PRONAPA criavam conceitos e definições que visavam orientar os futuros trabalhos na arqueologia brasileira. No entanto, esses conceitos e definições não possuem consenso entre os próprios arqueólogos do Programa e muitas vezes se mesclavam, confundindo-se ou opondo-se aos usados em países vizinhos como Uruguai e Argentina.

Estabelecidos os quadros conceituais da arqueologia brasileira ainda na década de 60 e 70 através do PRONAPA, couberam “as novas gerações” de arqueólogos discutirem conceitos, definições e metodologias aplicadas à arqueologia em âmbito nacional. Isso porque, nesse primeiro momento, escavações em grandes áreas nos sítios arqueológicos eram deixadas de lado em detrimento à utilização de sondagens de pequenas dimensões que, além de limitar o

conhecimento do sítio, apenas objetivavam a definição da cultura arqueológica através de seus vestígios materiais.

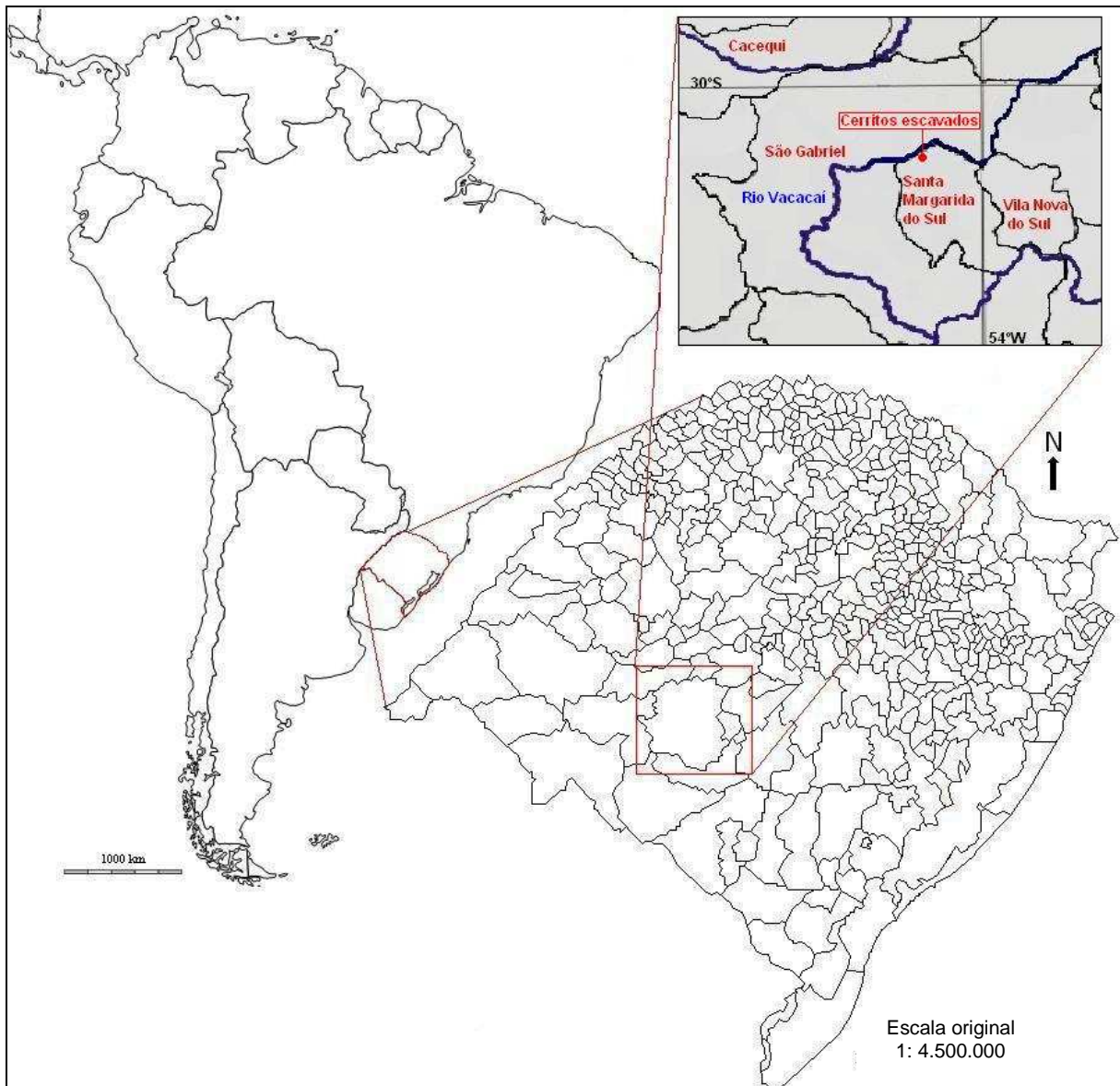
De forma crítica, cresce a importância da análise contextual do sítio arqueológico, cabendo ao arqueólogo ir muito mais além da cultura material resgatada e deter-se em elementos constituintes do cenário pretérito, como o ambiente e sua possível relação com o comportamento humano. Mas para isso é necessário debater com postulados intrínsecos, que por vezes é de difícil rompimento imediato, mas que aos poucos dão lugar a novas ideias.

Contudo, a dificuldade de definir conceitos, atribuir funcionalidades, ou mesmo contrastar interpretações abrange os sítios arqueológicos conhecidos e/ou compostos por “cerritos”. Essa denominação é bastante aceita pela comunidade científica devido a morfologia dessa estrutura arqueológica, semelhante a de um pequeno cerro. Mas sua definição como vestígio arqueológico, erigido intencionalmente por grupos pretéritos, está em plena discussão.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva através dos dados disponibilizados pelas atividades de escavação realizadas no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, agregar mais elementos para as pesquisas relacionadas a cerritos na região Platina, mas principalmente, esboçar um panorama de pesquisas para a região central do Estado do Rio Grande do Sul.

O Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, também identificado pela sigla VAC-07, está localizado a 37 km da sede do município de Santa Margarida do Sul, região Central do Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente no Distrito do Corredor do Bolso (motivo do nome). Sua principal característica é a existência de dois Cerritos, cuja coordenada UTM de referência é 21 J 771326 6655411, *Datum South American 69*. A principal via de acesso ao sítio é a BR-290.

Outro dado importante quanto a sua localização é a proximidade ao Rio Vacacaí, e por isso o recebimento da sigla VAC que denomina os sítios arqueológicos encontrados na Bacia Hidrográfica do Rio Vacacaí (Mapa 01).



Mapa 01 – Localização do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso.
 Fonte: Elaborado pelo autor¹

As escavações ocorreram ao final do ano de 1998. Nesse ano, ao preparar a terra para o cultivo de arroz, o agricultor Adelar Mozzaquatro, morador da localidade de Corredor do Bolso, encontrou uma urna funerária com restos humanos em sua propriedade. A seguir, comunicou o achado à Universidade Federal de Santa Maria

¹ Com base nos mapas disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos:
http://1.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/SrTnFGFy7hI/AAAAAAAAAjk/OsAb48ScGQ0/S760/america+do+sul_politico.gif;
http://www.redhbrasil.net/imagens_mapas/rio_grande_do_sul.gif;
http://www.sema.rs.gov.br/sema/html/imagens/Bacias_mapa.jpg, acessados dia 13 de fevereiro de 2010.

(UFSM), que através do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA), tomou as providências cabíveis. Foi conseguida através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) uma permissão excepcional, que autorizava o arqueólogo Prof^o. Dr^o. Saul Eduardo Seiguer Milder, coordenador do LEPA, a intervir no local. Durante 10 dias foram realizadas as metodologias adequadas de escavação para o resgate dos vestígios arqueológicos encontrados.

De imediato, foi constatada a presença de duas estruturas monticulares parcialmente impactadas que caracterizavam o sítio arqueológico e orientaram as escavações.

Nos meses que se seguiram as escavações, a coleção arqueológica resgatada sofreu todo o processo de curadoria em laboratório (lavagem e catalogação), sendo colocada para análise inicial por alunos da iniciação científica da referida instituição.

Passados 12 anos das atividades de campo, poucos resultados significativos foram obtidos, o que pode ser justificado pelo caráter transitório de muitos alunos pelo LEPA e as dificuldades de continuar seus estudos em cursos de pós-graduação. Esse quadro vem mudando nos últimos anos com a possibilidade cada vez maior de acesso a pós-graduações, como o Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural, principalmente a Linha de Pesquisa em Arqueologia, que oportuniza aprofundar as pesquisas.

Assim, a metodologia empregada na pesquisa baseou-se em uma análise detalhada dos vestígios arqueológicos oriundos das atividades de campos, bem como, entender os dados sistematizados durante a escavação, na tentativa de uma interpretação espacial da cultura material in situ e em relação a áreas circundantes. Simultaneamente, a análise da cultura material buscou-se relacionar os dados obtidos com a bibliografia existente sobre a temática desse trabalho, interpretando-os em diferentes escalas e identificar as particularidades físicas locais que influenciaram o grupo pré-histórico durante sua ocupação na área estudada.

Antes de dar ênfase ao que será discutido pelos capítulos vale explanar sobre o sentido ambíguo da palavra “resgate” presente no título desse trabalho: inicialmente ela expressa o sentido literal de resgate, devido o interesse despertado pela coleção após 12 anos de sua escavação; e segundo, pela possibilidade da

cultura material escavada ser finalmente analisada por completo e interpretada, dando um sentido a milhares de peças arqueológicas.

Para tanto, o trabalho desenvolvido com os cerritos do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso foi dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “As Pesquisas Arqueológicas com Cerritos”, faz uma revisão bibliográfica com os principais autores da temática cerritos. As publicações selecionadas mostram um panorama sobre a localização, funcionalidades e interpretações atribuídas aos cerritos em toda Região Platina.

Dando sequência, o segundo capítulo “Interpretação do Espaço: Conceitos, Geomorfologia e Geologia aplicados ao Sítio Arqueológico Corredor do Bolso” trará a descrição geológica, geomorfológica e a localização geográfica da área onde se encontra o Sítio Arqueológico Corredor do Bolso. O conhecimento desses fatores se faz necessário quando se acredita que não só os dados obtidos com a cultura material são suficientes para a interpretação espacial proposta. Conhecer o meio onde o sítio está inserido é fundamental para o bom andamento das pesquisas.

Já no terceiro capítulo denominado “Analisando Fragmentos, Construindo um Contexto: uma tentativa de interpretação para os cerritos do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso”, é onde os dados das análises da cultura material do sítio Corredor do Bolso serão apresentados e relacionados com sua dispersão espacial na área pesquisada e com a própria construção dos cerritos. Nele, será abordado ainda, o significado da descoberta de vestígios materiais da Cultura Guarani na camada mais superficial dos cerritos e sua relação simbólica como o grupo “cerriteiro”.

Por fim, abre-se espaço para as conclusões.

Com isso, nas linhas que se seguem, quer-se entender melhor a adaptação ao ambiente e a ocupação da área do sítio arqueológico Corredor do Bolso pelo grupo construtor dos cerritos, assim como o processo de fabricação de sua cultura material, desde a obtenção da matéria-prima até a utilização e descarte do artefato, a construção dos cerritos e a uma possível relação com a Cultura Guarani

Dessa forma, se faz necessário o conhecimento de que já foi escrito sobre essa temática, para tornar o presente estudo singular, utilizando das particularidades apresentadas pelo Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, em seus aspectos espaciais, culturais e materiais.

1. AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS COM CERRITOS

Os trabalhos ocorridos até o momento (2010) mostram singularidades em todos os cerritos pesquisados, embora existam características comuns que os definam como sendo de origem antrópica. Logo, estruturas enquadram-se na categoria de sítios arqueológicos construídos, já que demonstram uma intencionalidade em sua edificação, embora ainda não se tenha um consenso quanto sua finalidade.

A existência de cerritos extrapola os limites geográficos políticos, recebendo contribuições de arqueólogos brasileiros, uruguaios e argentinos.

As pesquisas mais expressivas com essa categoria de sítios arqueológicos tão peculiar foram realizadas na região costeira/lagunar do Rio Grande do Sul e do Uruguai e na região pampeana entre o Brasil, Uruguai e Argentina, seguindo cursos de rios. Desses trabalhos são oriundas as principais bibliografias que orientam novos projetos de pesquisas.

Mas afinal, o que é um cerrito? Como podemos definir ou conceituar esse sítio arqueológico? A dificuldade de definir um conceito abrangente de cerrito, que englobe sua funcionalidade, dados sobre sua construção, sua inserção na paisagem, ou mesmo sua morfologia, é devida às diferentes abordagens teórico-metodológicas utilizadas pelos pesquisadores no passado.

A evolução do pensamento arqueológico é perceptível nos estudos de cerritos, quando se nota a dicotomia entre a arqueologia Histórico-Culturalista desenvolvida principalmente nas décadas de 60/70 pelos brasileiros e de cunho Processualista desenvolvida pelos uruguaios a partir da década de 80. Essas contradições teórico-metodológicas, muitas vezes, ocasionaram pesquisas superficiais em muitos sítios arqueológicos, enaltecendo diferenças na composição dos cerritos, ao invés de buscar as similaridades, criando um perfil característico.

Archeological theory consists of propositions and assumptions regarding the archeological record itself-its origin's, its source of variability, the determinants of differences and similarities in the formal, spacial, and temporal characteristics of artifacts and features and their interrelationships. (BINFORD & BINFORD, 1968)²

² A teoria arqueológica é constituída de proposições e hipóteses sobre o registro arqueológico em suas origens, em sua fonte de variabilidade, e nos fatores determinantes das diferenças e

Dessa forma, os cerritos, também conhecidos por aterros, cômoros (termos usados na bibliografia brasileira), montículos (utilizado na Argentina), *mounds* (termo em inglês) e *eclots funéraires* (termo em francês), são definidos, *a priori*, por esse trabalho, como estruturas monticulares de origem antrópica que se destacam na paisagem em toda a região das Terras Baixas Platinas. Embora sua aparente distribuição por diversos lugares do mundo, suas características variam bastante de uma localização geográfica para outra. Nesse caso, o presente trabalho abordará sua ocorrência na porção sul da América do Sul, ou seja, nas Terras Baixas Platinas.

As Terras Baixas Platinas podem ser definidas como grandes áreas de interflúvio situadas no sul do Brasil, nordeste da Argentina e a totalidade do Uruguai.



Mapa 02 – Principal área de ocorrências de cerritos. Imagem em detalhe Google Earth.
 Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/SrTnFGFy7hI/AAAAAAAAAjk/OsAb48ScGQ0/S760/america+do+sul_politico.gif; acessado em 13 de fevereiro de 2010. Modificado pelo autor.

semelhanças nas características formais, espacial e temporal dos artefatos e recurso e suas inter-relações. [Traduzido pelo autor]

Assim, na sequência, serão sintetizadas as pesquisas realizadas e divulgadas em publicações com cerritos na Argentina, no Uruguai e no Estado do Rio Grande do Sul, culminando em uma revisão bibliográfica que norteia esse trabalho.

1.1. As Pesquisas na Argentina

Os arqueólogos argentinos desde final do século XIX e começo do século XIX pesquisam sobre esses “certos acúmulos de terra” encontrados nas regiões baixas e alagadiças, principalmente localizados ao longo da bacia do Rio Paraná.

Desde principios de este siglo encontramos antecedentes de investigaciones arqueológicas para a planicie de inundación y el delta Del rio Paraná: Ambroseti (1894), Outes (1917), Aparicio (1925), Frenguelli (1932), Gasparí (1945), realizaron trabajos específicos sobre sitios. Presentaron en algunos casos buenas descripciones y perfiles estratigráficos. Se discutió el origen natural de los sitios con elevación monticulares y se plantearon modelos de sucesiones y difusiones culturales, con especial énfasis en los rasgos cerámicos estilísticos y su posible relación con grupos etnográficos. (NOBILE, 1997, p.187, Tomo 1)

Foram, por exemplo, Torres em 1911 e Lothrop no ano de 1932 que denominaram este tipo de sítio com ocorrências de estruturas monticulares como cerritos, devido à forma oval e elevada, semelhante a um pequeno cerro (SCHMITZ et al., 2006 e SCHMITZ et al., 1997).

Inicialmente, na Argentina:

...se discutiu se eram diques marginais do rio, ocupados por indígenas pré-históricos, ou aterros construídos intencionalmente por estes. Nossas sondagens sistemáticas na borda dos aterros provaram, sem margem de duvida, que não foram depositados pela água, mas são resultado da ocupação humana, a qual, ao menos em muitos casos, teria ajudado intencionalmente a levantar a plataforma para impedir a inundaçã das cheias (SCHMITZ & BAEZA, 1982 apud SCHMITZ et al. 2006, p. 103).

A metodologia adotada para o estudo dos cerritos nesse país é de cunho evolutivo e considera os recursos disponíveis no ambiente para a adaptação do grupo pretérito, como atesta Nobile:

Los enfoques evolutivos (Smith y Winterhalder, 1991; Dunnell, 1980; Bettinger, 1991) son una vía de acercamiento útil para los estudios de utilización das espacio y relaciones sociales de las poblaciones. Desde esta perspectiva consideramos el registro arqueológico como un continuum en el espacio y el tiempo y sus propiedades como indicadores sensibles de cambio y continuidad (Lanata, 1993).

Para el análisis de asentamiento y subsistencia asumimos que la estructura de recursos en cuanto a predictibilidad, distribución, densidad, disponibilidad y diversidad (Bettinger, op.cit.) y su relación con la distribución del registro arqueológico puede acercarnos a la interpretación del uso del espacio y la conducta territorial (Dyson-Hudso y Smith, 1978) de los grupos humanos (NOBILE, 1997, p. 188).

Assim, como resultado efetivo das pesquisas de cerritos citamos o projeto “*Investigaciones Arqueológicas en el Bajo Paraná*”, que localizou 28 montículos, no baixo curso do rio Paraná, próximo à Província de Santa Fé.

Talvez, o número de cerritos encontrados pudesse ser ainda maior, caso o enfoque da arqueologia argentina fosse mais diversificado ou mesmo a região de ocorrência não fosse tão impactada pelo processo de colonização européia.

El área deltaica del río Paraná y la boca del estuario del Rio da le Plata pueden ser caracterizados como los espacios donde el impacto de la conquista europea se produjo de manera más acelerada e intensa. Por tal motivo, ya desde fines del siglo pasado el área ha sido un atractivo centro de interés para realizar estudios bajos diferentes enfoques disciplinarios. En primer lugar, los estudios antropológicos, arqueológicos y etnohistóricos buscaron reconstruir la imagen previa y la imagen inmediata al momento del contacto; en segundo lugar, los de índole geográfica e histórica proporcionaron una imagen colonial en la que el entretejido de factores ambientales y sociohistóricos fue percibido desde la construcción de la sociedad colonial o desde el mundo hegemónico de los europeos colonizadores (TAPIA, 1999, p. 147).

Para concluir, devemos citar que na província de Catamarca, no noroeste da Argentina, são encontradas estruturas também denominadas pela bibliografia como montículos, cuja estruturação e distribuição espacial é diferente dos sítios abordados no presente estudo, embora sua morfologia, possível função e área de ocorrência em terrenos alagadiços lembre os cerritos anteriormente apresentados.

1.2. Os Cerritos na República Oriental do Uruguai

No final século XIX, o arqueólogo uruguaio Figueiras inicia as pesquisas na região da “*Cuenca de La Laguna Merín*”, observando construções de terra nas áreas alagadiças (*Tierra Bajas*), atribuindo funções funerárias. O também uruguaio Férris, em 1927, baseado nos trabalhos de Torres (1911), atribuiu função de habitação em zonas alagadiças aos “cerritos de índios” (LOPEZ, 2000; BRACCO et. al, 2000).

A partir das décadas de 60 e 70 os trabalhos com cerritos começam a se diversificar, abrangendo vários territórios dentro do Uruguai, alguns sob influência de pesquisas brasileiras: em 1970, Pietro, estuda os cerritos no Departamento de “*Treinta y Tres*”; em 1965, ocorrem as pesquisas de Santos no Departamento de “*Rivera*”, e as escavações de Fenémias e Bosh no Departamento de “*Rocha*”; já em 1980, Baeza realiza trabalhos no Departamento de “*Cerro Largo*” e na cidade de Santa Vitória do Palmar com o arqueólogo brasileiro Schmitz; no mesmo ano temos os trabalhos de Taddei que são realizados no Departamento de “*Tacuarembó*” (RÜTHSCHILLING, 1989 e BRACCO et. al, 2000).

A partir da década de 80, as pesquisas sobre o passado pré-histórico uruguaio têm grande crescimento devido a incentivos do governo daquele país. No ano de 1986, por exemplo, através do “*Proyecto Tierras Bajas en Uruguay*” iniciam-se diversos trabalhos na região lagunar no leste do Uruguai, fronteira com o Brasil e parte limítrofe com o Oceano Atlântico, objetivando um resgate arqueológico, promovido pelo “*Ministerio de Educación y Cultura*” (BRACCO et. al, 2000). O aumento no número de pesquisas fomentou uma série de publicações na década de 90 e início dos anos 2000.

En lo últimos 10 años se ha renovado el interés en cazadores-colectores que habitaran las Tierra Bajas del Este, particularmente por su arquitectura monumental en tierra. El nuevo planteo estuvo en sus inicios motivados por la sensibilidad del Estado con relación a ese Patrimonio Cultural Prehistórico que comenzó a ser virtualmente destruido por el desarrollo regional del cultivo intensivo (BRACCO et. al, 2000, p. 14).

Esse novo período de pesquisas arqueológicas traz consigo renovadas influências teórico-metodológicas, abandonando simples interpretações difusionistas e evolutivas do Histórico-Culturalismo.

Este desenvolvimiento, durante la última década tuvo que vencer la inercia de las interpretaciones “planas” (sin profundidad temporal) y sencillas que habían encajonado (tanto en círculos académicos como de profanos) a la mayoría de las culturas de nuestra prehistoria dentro de la categoría de cazadores colectores tan simples y bárbaros como, consecuentemente, primitivos (LOPEZ; BRACCO, 1993 apud BRACCO et. al, 2000, p. 15).

Assim, mais que descrever os aspectos físicos e característicos dos contextos arqueológicos, elaborando cronologias e hipóteses difusionistas e evolucionistas, a Arqueologia Processual criada pelos americanos Lewis Binford na década de 60, e assumida pelos arqueológicos uruguaio na década de 80, pretende interpretar os dados relacionando-os com intensas pesquisas paleoambientais, sociais, ideológicas, e mesmo com aspectos simbólicos. Dessa forma, evita-se utilizar uma abordagem empírica nos estudos dos cerritos que taxa de imediato a funcionalidade dos objetos e estruturas arqueológicas, expressando supostas sequências culturais de ocupação e adaptabilidade a ambientes de difícil acesso, para dar margens a variadas interpretações.

Nessa linha de pensamento onde a estrutura que forma o cerrito possivelmente faculta de diversas funcionalidades, podemos citar o arqueólogo uruguaio Lopez Mazz que os redefine da seguinte maneira:

Los cerritos son originalmente el producto de grupos de cazadores-recolectores, pescadores, de importante movilidad extra-regional, que se instalan en las Tierras Bajas a partir del final del período Arcaico. A categoría cerrito parece resultar hoy demasiado amplia, y agrupa estructuras producto de actividades diferentes (funeraria, ritual, doméstica) (1998, p.88).

Os trabalhos de José Lopez Mazz marcam uma mudança conceitual, teórica e metodológica nas pesquisas nas “*Tierras Bajas*” uruguaias. Gamble (2002) coloca bem essa questão da Arqueologia Processual:

Abordada los problemas de adaptación y cambio e, tales sistemas a base de identificar tres ámbitos de comportamiento – ambiental, social e ideológico – los cuales podían inferirse de los objetos y de los contextos en los cuales se hallaban dichos objetos. (GAMBLE, 2002. p. 37)

A adoção dessa nova visão metodológica resultou na desconstrução das hipóteses anteriores, passando-se a aceitar dentro do Uruguai a utilização dos

cerritos como monumentos funerários, demarcadores de território e de recursos ambientais, inviabilizando a percepção dos mesmos como local de moradia, como propunham os arqueólogos brasileiros. Mais do que isso, algumas definições de arqueólogos brasileiros não são aceitas por pesquisadores uruguaios. Por exemplo, podemos citar a passagem: “*Dicha tradición no será sin embargo, reconocida por todos los investigadores uruguayos principalmente por cuestiones metodológicas*” (FEMENÍAS, 1990; BRACCO; NADAL, 1991 apud BRACCO *et al.*, 2000, p.14). Os autores da frase acima se referiam a Tradição Vieira, criada por Brochado, que define, a grosso modo, uma cerâmica incipiente, vasilhames de forma simples, abertos e de tamanho pequeno, tratamento superficial alisado, sem decoração, de ocorrência característica em cerritos.

A Tradição Vieira foi estabelecida por Brochado et alii. (1969:12), para reunir todas as fases cerâmicas dos grupos caçadores, coletores e pescadores encontrados no sul do Rio Grande do Sul e norte do Uruguai. Os limites da tradição encontra-se, ao sul, no Departamento de Rocha e no médio Rio Negro, no Uruguai; a oeste, no médio Rio Ibicuí, e ao norte do Rio Jacuí (COPE, 1997, p. 194 e 195).

O parágrafo a seguir expressa bem os resultados obtidos pelas pesquisas após as mudanças metodológicas:

Os montículos ubicados en las cimas de las sierras, no estuvieron durante el holoceno en cotas sujetas a peligro de inundación. La estratigrafía muestra que los cerritos de la planicie atlántica, se sobreponen a los depósitos sedimentarios formados durante los niveles altos del mar y que son posteriores a estos. Desde hace 2.000 años las condiciones de drenaje, muestra que los cerritos de planicies medias se encuentran sobre suaves albardones, al límite de la zona actualmente inundable. Los contextos arqueológicos recuperados en nuestras excavaciones y aquellos reportados en la literatura, no muestran plantas de excavación con “pisos de ocupación domésticos” claros (LOPEZ, 2001 apud LOUREIRO, 2006, p.106).

A afirmativa de que são estruturas de caráter funerário, pode levar a outras relações e hipóteses de uma sociedade complexa, com estratificação social, por exemplo, já que não são todos os indivíduos do grupo que se encontram enterrados nos cerritos.

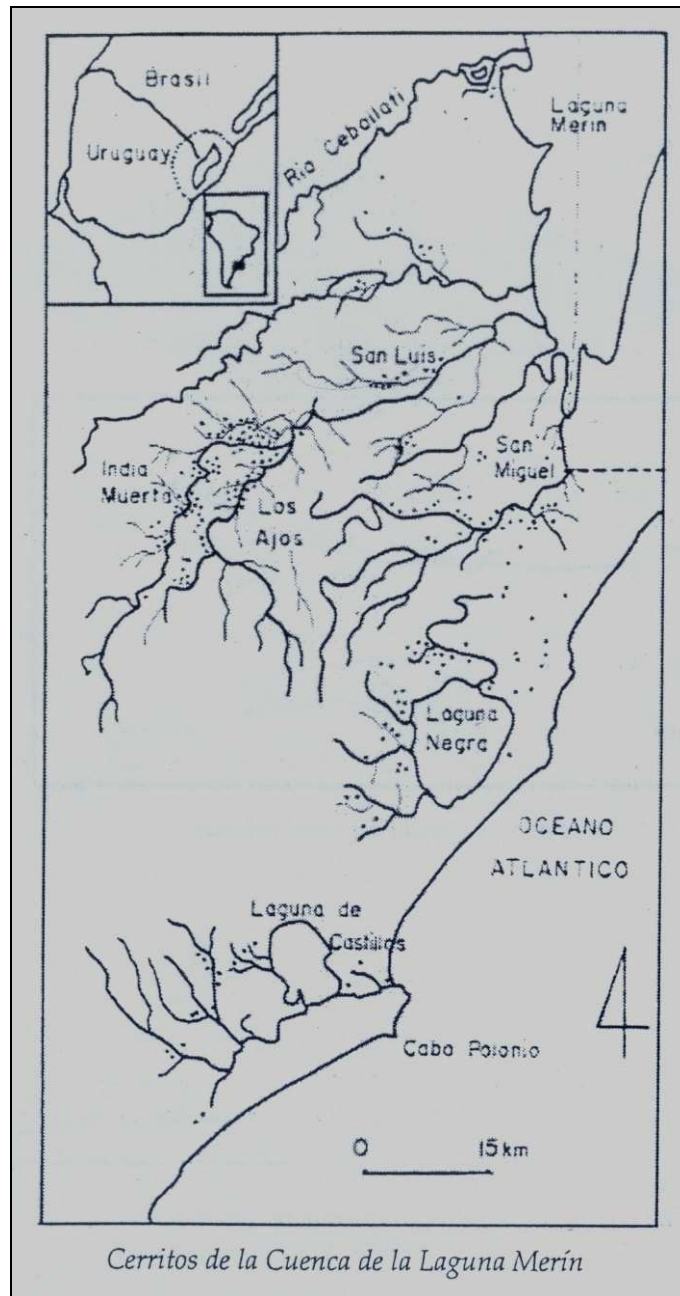
De fato, as pesquisas uruguaias agregaram novos elementos antes desconsiderados ou apenas citados superficialmente aos estudos dos cerritos, além de englobar outros pesquisadores de diferentes ciências em prol do desenvolvimento da arqueologia.

Dessa forma, as principais pesquisas, a seguir descritas, deram origem a diversos trabalhos de vieses diferenciados, muitas vezes com base apenas em um sítio arqueológico.

A primeira região a ser considerada abrange o sul da Laguna Mirim (Mapa 03), a partir do “*Río Cebollati*”, passando pelas margens do “*Arroyo de La India Muerta*”, Laguna Negra, até o entorno da “*Laguna Castillos*”, localizada totalmente dentro do Departamento de “*Rocha*”. Essa região é caracterizada pela formação de uma série de áreas alagadiças (banhados), propícia para a ocorrência de cerritos. Entre essas áreas estão o “*Bañado de San Miguel*”, “*Isla Larga*”, “*Sierra de los Ajos*”, “*Potrillo de Santa Teresa*”, “*Puntas del San Luis*”, entre outras (PINTOS & BRACCO, 1999; LOPEZ, 1999). Os trabalhos arqueológicos nessa área ficaram à cargo dos profissionais da “*Comisión de Rescate Arqueológico de la Laguna Merín*” (CRALM).

Las operaciones de prospección y excavación, desarrolladas por el grupo de investigadores uruguayos, se han concentrado, hasta el presente, al Sur del Río Cebollatí, donde la población se ha estimado en más de 1500 estructuras monticulares o “cerritos de indios”. Dicha población no se distribuye en forma homogénea. Se concentra en diferentes áreas manifestando claras asociaciones con elementos del paisaje y un marcado hábito de agrupamiento (BRACCO, 1993; LOPEZ & PINTOS, 1996 e 1997 apud PINTOS & BRACCO, 1999, p. 83).

Esses cerritos foram encontrados agrupados e também de forma isolada, muitos em lugares mais altos do que a paisagem em seu entorno compostas por banhados. De certa forma, essa situação dos cerritos em locais mais altos, como em serras ou colinas, embora próximas das áreas alagadiças, coloca de imediato dúvida à questão funcional, pois nesses casos sua construção não parece ser apropriada para habitação. Além do mais, foram delimitadas “claras evidencias de actividad doméstica alrededor de los montículos indujo a idear un esquema interpretativo que se estructuraba en la dicotomía de espacios domestico-espacios públicos/ rituales-funerarios” (PINTOS & BRACCO, 1999, p. 83).



Mapa 03 – Localização dos cerritos nas regiões sul e sudeste da Laguna Mirim.

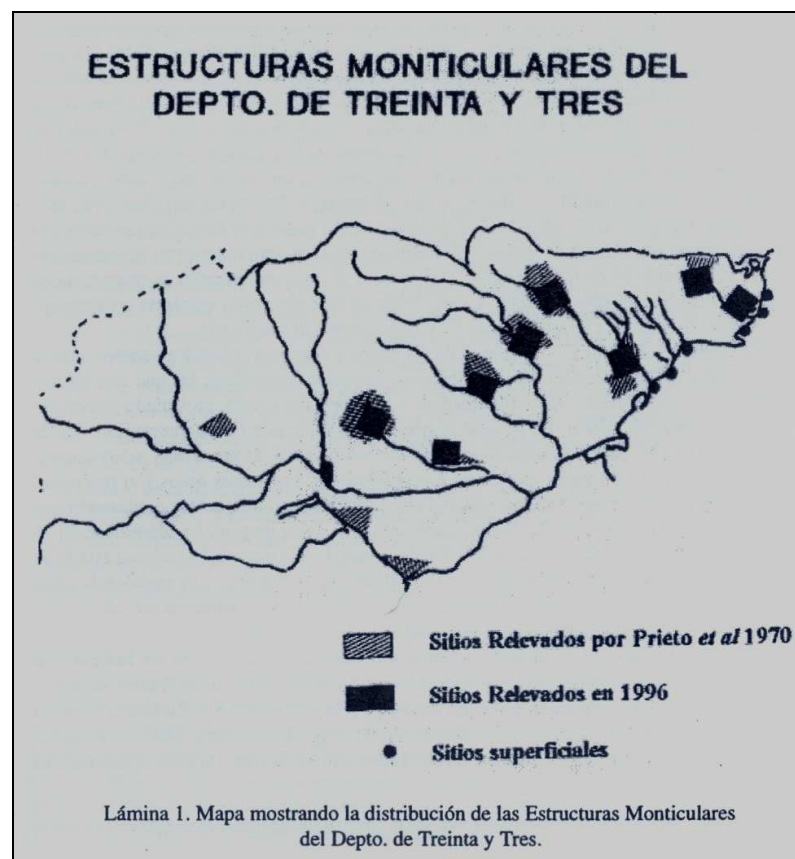
Fonte: LOPEZ MAZZ, José M. Construcción del Paisaje y Cambio Cultural en las Tierras Bajas de la Laguna Merín (Uruguay). In: LOPEZ MAZZ, José M.; SANS, Mónica (Orgs). **Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 57.

Em decorrência disso, suscitou a seguinte observação sobre a metodologia utilizada pelos arqueólogos brasileiros que sem maiores preocupações atribuíram aos cerritos a função de moradia:

Adoptada por la arqueología brasileña de los de los '60 y '70 esta visión funcionalista ingenua domina hasta el inicio de los '90. Para entonces

comienzan a comunicarse los primeros resultados de las investigaciones iniciadas a mediados de la década del '80, en territorio uruguayo (PINTOS & BRACCO, 1999, p. 82).

Os levantamentos arqueológicos no “*Departamento de Treinta y Tres*” iniciaram ainda na década de 70, como a quantificação e mapeamento dos sítios arqueológicos. Na oportunidade foram localizados cerca de 350 cerritos, sendo que em alguns deles foram realizadas pequenas sondagens assistemáticas para a coleta de amostras do material arqueológico. As áreas percorridas mais intensamente localizavam-se no entorno dos rios “*Cebollatí, Olimar e Tacuari*” e em seus afluentes menores como os arroios “*Ayala, Sarandí, Zapata*”, próximos à Laguna Mirim (CABRERA & MAROZZI, 1997b).



Mapa 04 – Mapa com a distribuição dos sítios arqueológicos com cerritos no “*Depto. de Treinta y Tres*”.

Fonte: CABRERA PÉREZ, Leonel; MAROZZI, Oscar. Sitio PR14D01, Rio Tacuari, DPTO de Treinta y Tres. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 77, Tomo I, 1997b.

Com os investimentos do governo uruguaio através do projeto “Arqueologia de las Tierras Bajas” e o alto grau de degradação dos sítios arqueológicos pela implantação do cultivo de arroz, Cabreira e Marozzi retomam a pesquisas na região realizando novos levantamentos arqueológicos, partindo dos achados descritos na década de 70. Como resultado dessa retomada constataram a alteração e a perturbação de 70% dos sítios encontrados no passado (CABRERA & MAROZZI, 1997b).

Percebendo a necessidade de pesquisas e preservação dos sítios arqueológicos do “*Departamento Treinta y Tres*”, os autores acima citados detiveram suas ações no Sítio Arqueológico PR14D01.

O sítio PR14D01 está localizado na desembocadura do “*Rio Tacuari*” na Laguna Mirim e é composto por quarto cerritos, medindo cerca de 0,80 a 1,20 m, dispostos em meia lua. A intervenção no sítio consistiu de escavações de cortes transversais para apurar a estratigrafia dos cerritos, seu processo construtivo e sua relação com o seu entorno. Em decorrência dos achados arqueológicos, como os enterramentos, por vezes, esses cortes foram ampliados. Simultaneamente, efetuaram-se sondagens na planície circundante ao cerritos; ao todo foram escavados cerca de 25m² (CABRERA & MAROZZI, 1997b).

Quanto aos materiais arqueológicos resgatados pode-se dizer que: o material lítico em sua maioria é produto de atividades de retoques e microretoques de instrumentos, os poucos núcleos encontrados estavam em sua etapa de esgotamento total e os instrumentos recuperados tinham a função de corte ou raspagem, moenda e caça, como pontas de projétil bifaciais. Já sobre os outros vestígios arqueológicos:

La distribución vertical y horizontal de los restos y vestigios culturales parecen indicar la presencia de dos tecnocomplejos diferentes, a nivel estratigráfico, los que aun no han podido ser cronologizados en forma absoluta. La cerámica es escasa, mostrando características bastante homogéneas. En general se presenta con alta tasa fragmentación. Es de carácter utilitario, cocción oxidante incompleta, antiplástico de arena mal seleccionada, alisado incompleto y formas globulares e subglobulares. Los restos óseos son pequeños, por lo general muy fragmentados, observándose una mala conservación, perdurando con mayor frecuencia, aquellos que fueron sometidos a un calor intenso (CABRERA; MAROZZI, 1997b, p. 74, tomo I).

Por fim, os autores deixam clara a necessidade dos profissionais da arqueologia intervirem nos poucos sítios com grau de integridade aceitável para um bom trabalho, a fim de salvaguardar o Patrimônio Cultural Pré-Histórico.

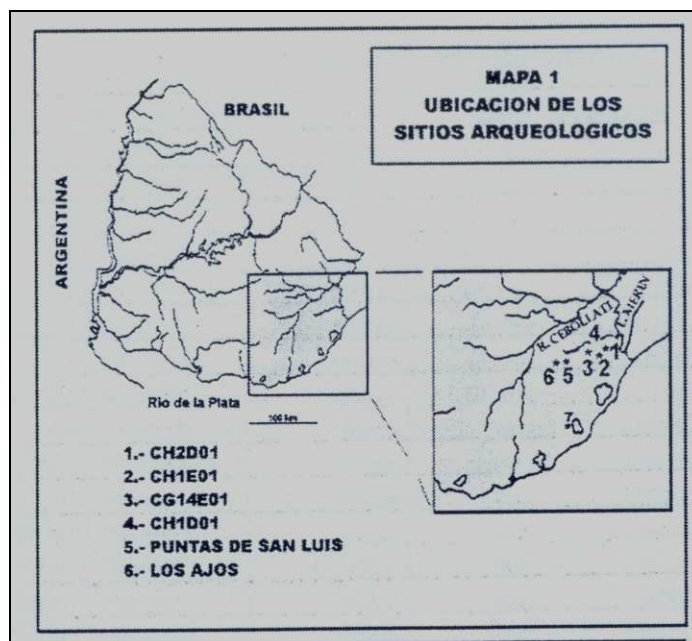
No “*Bañado de San de Miguel*” foram escavados entre 1986 e 1993 dois sítios arqueológicos denominados CH2D01 e CH1E01 (BRACCO & PANTAZI, 1999).

En la primera región se excavaron cuatro estructuras monticulares pertenecientes a dos sitios distintos denominados Ch1E01 y Ch2D01. Estos sitios son muy similares en cuanto a emplazamiento e composición. Ambos se sitúan en la llanura media que se extiende entre el Arroyo y Sierra de San Miguel. Cada uno integra dos cerritos de indios que mostraron periodos de construcción (ocupación-reocupación) prolongados y prácticamente paralelos (BRACCO et al., 2000, p. 20).

As escavações das quatro estruturas monticulares mencionadas revelam uma grande quantidade de enterramentos primários e secundários³. Por exemplo, no sítio CH2D01 foram recuperados 24 enterramentos na elevação “A” e 6 na elevação “B”. Ainda completando esse conjunto de sítios temos na mesma microrregião em questão o sítio CH01D01, composto por dois cerritos com aproximadamente um metro de altura e dois enterramentos (PINTOS & BRACCO, 1999).

Na sequência, localizados no Mapa 06, alguns sítios arqueológicos pesquisados descritos no decorrer do texto:

³ PINTOS & BRACCO (1999), definem como enterramento primário corpos enterrados diretamente na estrutura do cerrito em posição estendida, flexionada ou fortemente flexionada. Já enterramento secundário se entende de duas formas: enterramento em pacotes, onde a disposição do corpo mostra a existência de um envoltório que não se conservou; e enterramentos secundários onde o grupo escolhe poucos ossos a serem enterrados em determinada posição, sendo esse ato consequência de processos culturais.



Mapa 05 – Localização de alguns dos sítios arqueológicos descritos no texto.

Fonte: BRACCO BOKSAR, Robero; PANTAZI, Cristina Ures. Ritmos y Dinámica Constructiva de las Estructuras Monticulares: sector sur de la cuenca de la Laguna Merín – Uruguay. In: LOPEZ MAZZ, José; SANS, Mónica (Org). **Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Ed. Universidad de la Republica. 1999, p. 27.

O sítio arqueológico CG14E01, também conhecido como “*Isla Larga*” (CABRERA & MAROZZI, 1997a; PINTOS & BRACCO, 1999; CABRERA et al., 2000) é um dos sítios com a ocorrência de cerritos mais sistematicamente pesquisado no Uruguai.

Las investigaciones en este sitio arqueológico, comienzan en 1975, cuando en forma fortuita es localizada una urna funeraria por un lugareño, lo cual generará la intervención del Museo Nacional de Historia de Montevideo a través de los investigadores del mismo, Sres. J. Femenías, A. Bosh y M. Moreno. [...] En el año 1995 se retoma la investigación del sitio, en el marco del Sub Proyecto “Sistema Sierra de San Miguel”, dentro del Programa “Arqueología de las Tierras Bajas”. Las investigaciones desarrolladas a partir de esa fecha han posibilitado recuperar informaciones diversas que hoy se pueden agrupar en diferentes áreas temáticas (CABRERA & MAROZZI, 1997a, p. 55, Tomo I).

Cabrera e Marozzi, partindo do pressuposto de que cerrito em questão é palco de rituais, devido à presença de diversos enterramentos e a não ocorrência de evidências de ocupação, buscaram explorar os arredores da estrutura monticular a fim de determinar áreas domésticas do grupo pretérito responsável pela sua construção.

Asumido el carácter básicamente ritual de las estructuras monticulares y en función de la ausencia total de “pisos de ocupación” y “estructuras domésticas” al interior del “cerrito”, so nos plantea la imperiosa necesidad de ubicar y reconocer las áreas habitación de dichos pobladores (CABRERA & MAROZZI, 1997a, p. 58, Tomo I).

As áreas domésticas são de difícil identificação, pois estão expostas à “naturaleza generalmente inundable do suelo”(CABRERA & MAROZZI, 1997a, p. 58, Tomo I).

Para corroborar com a ideia de áreas domésticas no entorno do cerrito foram analisados e comparados os vestígios arqueológicos encontrados (restos alimentares, materiais líticos e cerâmicos) visando a compreensão de atividades cotidianas dos grupos pré-históricos, bem como, a identificação de outros sítios arqueológicos próximos que demonstraram atividades específicas e importantes ao grupo, como a obtenção de matéria-prima para o lascamento.

Ao concluir, os autores acreditam que ao escavar amplas áreas e analisar a distribuição espacial dos vestígios materiais resgatados os resultados poderiam ser melhores interpretados, como mostra o parágrafo abaixo:

Creemos que ampliando la visión de las áreas excavadas, en las que, como en este caso, se observan claras funciones domésticas, y mediante la cuantificación y cualificación de la distribución de los rasgos constructivos de las mismas, se podrán interpretar eventualmente con mejores posibilidades, los aspectos demográficos, movilidad/ permanencia; tipo de actividad, periodicidad, entre otros, los que permitirán profundizar en los aspectos cotidianos de los “Constructores de Cerritos”, asignando con precisión estas manifestaciones de lo “doméstico” (CABRERA & MAROZZI, 1997, p. 62, Tomo I).

A pesquisadora Mónica Sans analisou os conjuntos ósseos humanos oriundos de enterramentos encontrados pelas escavações em cerritos da CRALM, principalmente dos sítios CH2D01 e Isla Larga.

Para tal objetivo se utilizan dos factores que reflejan la interacción hombre-medio: el estrés funcional y el estrés nutricional. El primero se relaciona directamente a los patrones de actividad, mientras el segundo el modo de subsistencia, es claro que ambos son interdependientes (SANS, 1999, p. 107)

Dessa forma, analisaram-se os aspectos físicos dos restos esqueléticos, observando a idade dos indivíduos, tamanho do corpo e o dimorfismo sexual; e os

aspectos patológicos e nutricionais, avaliando a dieta, as carências de nutrientes e as possíveis doenças que levaram a morte.

Como observación general se puede entonces concluir que la, o más posiblemente, las poblaciones que vivieron en tiempo prehistórico en el este del Uruguay, estaban bien adaptadas a su medio. Una dieta balanceada les permitía posiblemente alcanzar buena parte de su potencial genético en cuanto a estatura y dimorfismo sexual; las condiciones de vida permitían un estado sanitario bueno, con escasas patologías. Si bien el trabajo pudo ser duro en algunos casos, no parece que haya disminuido la calidad de vida de un modo dramático (SANS, 1999, p. 118).

O sítio arqueológico “*Los Ajos*”, localizado na “*Sierra de los Ajos*”, comporta um total de 49 cerritos, sendo que os mais antigos datam em cerca de 3.800 A.P. (PINTOS & BRACCO, 1999).

Este sitio mostró particularidades. Por una parte exhibe El mayor agrupamiento conocido de estructuras monticulares. Por otra, presentó los “cerritos de indios” más antiguos hasta ese entonces conocido. Estos nuevos dados retraían un milenio el inicio de la *tradición de los constructores de cerritos*. (BRACCO & PANTAZI, 1999, p. 42)

No cerrito denominado “Alfa”, foi localizado um enterramento secundário composto de apenas um crânio de um indivíduo jovem. Em outro cerrito desse conjunto foi localizado mais um enterramento secundário, localizado sobre um bloco de riolito (PINTOS & BRACCO, 1999).

Em área adjacente ao “*Arroyo de los Ajos*”, temos o “*Bañado de la India Muerta*”, no entorno do arroio de mesmo nome. Essa região também é caracterizada pela alta densidade de cerritos. A principal característica dos cerritos dessa área são as médias de altura dessas estruturas, que ultrapassam 7 m, estando ali as mais altas registradas (PINTOS & BRACCO, 1999).

Nas proximidades das margens da “*Laguna Negra*”, são encontrados importantes conjuntos arqueológicos relativos a cerritos, conforme Lopez e Pintos:

En la Laguna Negra, como en resto de la Cuenca de la Laguna Merín, el sitio más representativo es el cerrito, túmulo generalmente funerario, que se presenta en grupos, y a veces aislado. Esto permite la consideración de una aproximación regional a las prácticas funerarias (LOPEZ & PINTOS, 1997, p. 177, tomo I).

Um deles é conhecido como Sítio de “*Potrerillo de Santa Teresa*”, que está localizado dentro de uma reserva ambiental de mesmo nome, onde é desenvolvido o “*Proyecto PROBIDES*”, de conservação e estudo ambiental (LOPEZ & CASTIÑEIRA, 1997; PINTOS & BRACCO, 1999).

A partir de 1995 iniciaram as atividades de levantamento arqueológico na área, que por se tratar de uma reserva ambiental protegida necessitou da realização de um plano de intervenção mínima (LOPEZ & CASTIÑEIRA, 1997).

Esse sítio arqueológico é composto por três estruturas monticulares, cujas datações apontam para uma construção continuada entre 3500 a 1500 anos A.P. A visualização das estruturas no terreno foi dificultada pela vegetação local composta de pastagens altas, sendo necessária a realização de um levantamento topográfico.

Fueron reconocidos como elementos componentes del sitio: el cerrito A de planta circular de unos 30 mts de diámetro y 0.80 mts de altura (desde la planicie periférica). El cerrito B de planta circular de 27 mts de diámetro y 0.75 mts de altura. Por último, una tercera estructura monticular, cerrito C cuyas medidas aproximadas son de 0.70 mts de altura y 35 mts de diámetro. De acuerdo al relevamiento topográfico, la cima de estas estructuras es plana (LOPEZ; CASTIÑEIRA, 1999, p. 147, tomo I).

Além dos cerritos identificados, o levantamento arqueológico indicou uma “*zona de préstamo*”, com 35 metros de diâmetro, isto, um local de onde foi retirado o material utilizado para a construção das estruturas monticulares e “*zonas domésticas*”, identificadas por microrelevos no terreno, com vestígios materiais associados à tarefas cotidianas (LOPEZ; CASTIÑEIRA, 1997).

El sitio Potrerillo corresponde al típico padrón de asentamiento de los grupos constructores de cerritos, del sector Sul de la cuenca de la Laguna Merín, en fecha próxima al cuarto milenio antes del presente. Este sitio, sin duda jugó interesante papel en la colonización de la vertiente oriental de la Laguna Negra a partir del cuarto milenio, explorando simultáneamente el ambiente lacustre y el oceánico (LOPEZ & CASTIÑEIRA, 1997, p. 152, tomo I).

Outro aspecto interessante sobre esse sítio é a ocorrência de um enterramento composto de um esqueleto humano associado a um cachorro e a objetos de uso especializados. Esse dado pode indicar a domesticação de animais e a utilização dos mesmos na atividade de caça e coleta: “...la domesticación de cánidos parece haber un importante rol en esta economía de caza y recolección de

espectro rico, em ambientes de alta produtividade (LOPEZ & BRACCO, 1992 e 1994 apud LOPEZ & CASTIÑEIRA, 1999, p.153).

Por fim, constatou-se que as pesquisas arqueológicas no sítio além de contribuírem para o panorama arqueológico regional, foram importantes para os objetivos do Projeto de Educação e Preservação Ambiental da Reserva de *Potrillo*.

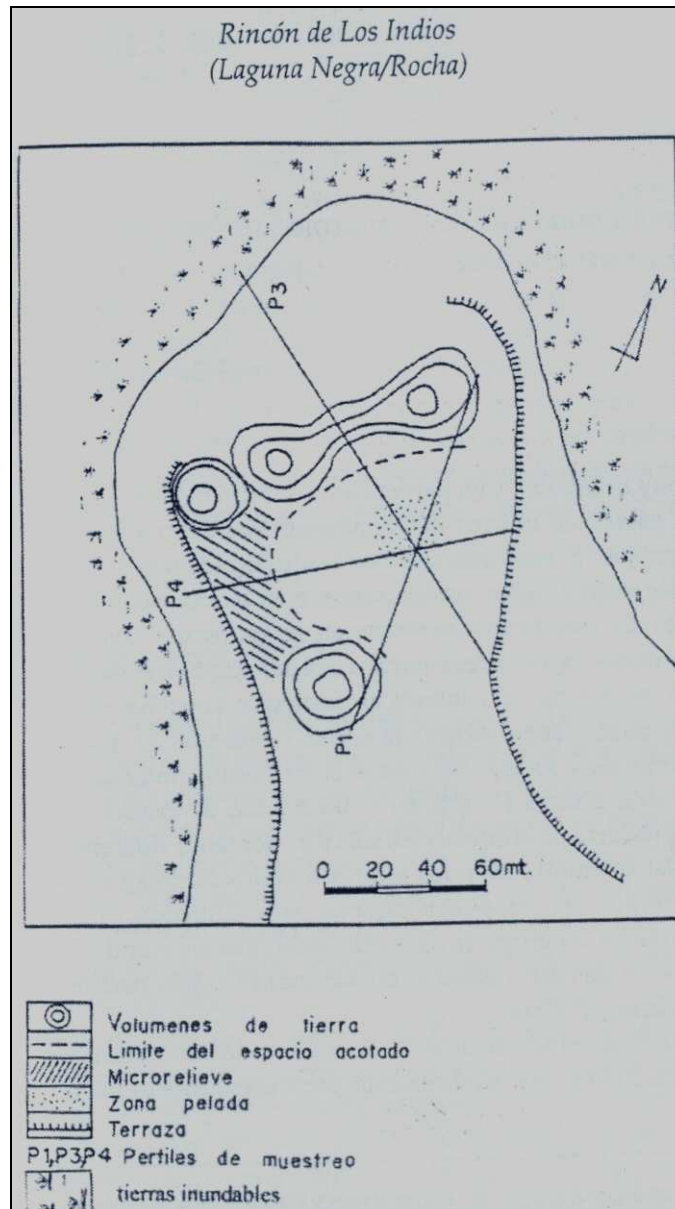
Outra região arqueologicamente importante às margens da Laguna Negra é conhecida como "*Potrero Grande*", onde foram localizados 36 cerritos. Esses cerritos encontram-se agrupados em 2, 3 e até 10 estruturas com tamanho médio entre 3 e 3,5 metros de altura (LOPEZ & BLANCO, 2000).

A complexidade de formas construtivas coloca a terminologia "cerritos" em revisão, já que tem sua origem em morfologias elípticas ou circulares semelhantes a pequenos cerros.

Es en Potrero Grande, a partir de la complejidad de formas y relaciones que adoptan las acumulaciones de tierra, donde claramente el concepto de "cerrito" se ve desbordado ante el fenómeno que intenta aludir. La enorme diversidad de formas, sus alargamientos, uniones, disposición en círculos, filas, calles, etc., hacen que de alguna manera el clásico empleo del término cerrito quede caduco para tan compleja culturalización de un paisaje (LOPEZ & BLANCO, 2000, p. 49)

Próximo à Laguna Negra, ainda, pode-se citar a "*Sierra de los Difuntos*", cujo trabalho prospectivo identificou 14 sítios arqueológicos, sendo 10 desses compostos por estruturas monticulares. As escavações revelaram uma baixa densidade de materiais arqueológicos, circunspectos apenas por poucas lascas de quartzo e um fragmento cerâmico (LOPEZ & BLANCO, 2000).

A localidade "*Rincón de los Indios*" é caracterizada por ser uma área com potencialidades arqueológicas entre o "*Bañado San Miguel*", "*Laguna Negra*" e o "*Bañado Santa Teresa*", como pode-se ver no Mapa 04. Está totalmente rodeada por regiões alagadiças, configurando-se como uma península, e por isso se torna uma área com riquíssimos e diferenciados recursos naturais. Além do mais está apenas 20 km do Oceano Atlântico. (LOPEZ & GIANOTTI 1997; LOPEZ, 2000).



Mapa 06 – Croqui do “Sitio Rincón de los Indios”.

Fonte: LOPEZ MAZZ, José M. Construcción del Paisaje y Cambio Cultural en las Tierras Bajas de la Laguna Merín (Uruguay). In: LOPEZ MAZZ, José M. Lopez; SANS, Mónica (Orgs). **Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 60.

Com o objetivo de entender os processos construtivos das estruturas monticulares do sítio e suas relações com a costa atlântica, como também articular a localidade de “*Rincón de los Indios*” com outras pesquisas regionais, foi formulada a seguinte hipótese de trabalho a partir da organização interna do mesmo:

Una de las hipótesis que se propone en relación con la organización interna del sitio, sugiere que la redundancia genérica en la ocupación de la península, y la redundancia específica vinculada a la reutilización de los

túmulos como estructuras funerarias, marcaron un progresivo ordenamiento espacial que dio lugar a una particular configuración y complejidad incipiente que puede apreciarse en la localidad arqueológica tiene como elemento central un espacio acotado por volúmenes positivos de tierra acumulada. Este espacio central tiene particular significación, con relación a la forma, organización y uso del espacio. En relación con estos aspectos se generaron hipótesis espaciales que interpretan las diferentes zonas perceptibles y acatables arqueológicamente, en tanto áreas de actividades específicas (LOPEZ & GIANOTTI, 1997, p. 163, tomo I).

Definido certo grau de complexidade ao sítio a partir de sua constituição interna, conclui-se que possivelmente estruturas construídas inicialmente para servirem de túmulo ganham gradativamente importância ao ponto de sua inserção e transformação na paisagem passe a ser assumido em um universo simbólico como um local ritualístico e demarcador de indispensáveis recursos naturais, ou mesmo caminhos para melhor circulação dentro do território.

La construcción de túmulos puede representar la voluntad de apropiación de esos espacios, y la legitimación de su uso exclusivo por parte de una población. Las funciones que sobresalen en estos túmulos son a saber: la funeraria, ceremonial, marcadores territoriales, orientadores de la circulación por el territorio (Gianotti y Leoz, 1997), y legitimación del uso exclusivo de recursos próximos (LOPEZ & GIANOTTI, 1997, p. 163, tomo I).

O Sítio arqueológico “*Puntas Del San Luis (PSL)*” está localizado à margem direita de rio homônimo, referenciado pela coordenada geográfica 37° 37’ 30” de latitude sul e 59° 83’ de longitude oeste. É composto por 15 estruturas monticulares dispersas em uma área de aproximadamente 16 hectares, com datações que alcançam em média 3.500 anos A.P. (BRACCO & PANTAZI, 1997; PINTOS & BRACCO, 1999).

Dentre os cerritos localizados, apenas cinco foram escavados (Cerrito I, II, III, IV, V) e como resultado comum observou-se baixa densidade de material arqueológico, composto por restos faunísticos e material lítico. Nos cerritos I e II foi constatada a presença de enterramentos humanos.

Once enterramientos humanos fueron recuperados. Dos en la estructura monticular I: ambos son enterramientos secundarios. Uno de ellos está compuesto por un cráneo aislado acompañado por una diáfisis. El, segundo en modalidad de enterramiento múltiple singular, integra los restos óseos altamente fracturados de un humano y un cánido. Proceden de la misma posición estratigráfica y ubican a menos de 75 cm de distancia (PINTOS & BRACCO, 1999, p. 88).

No cerrito III, houve a ocorrência de restos cerâmicos. Também sucederam seis intervenções em áreas adjacentes ao cerritos.

Além de resgatar materiais arqueológicos e definir a estratigrafia dos cerritos da região de “*Puntas del San Luis*”, essa etapa de campo objetivou a coleta de amostras de solos para análise química, com a finalidade de medir o índice de concentração de fósforo.

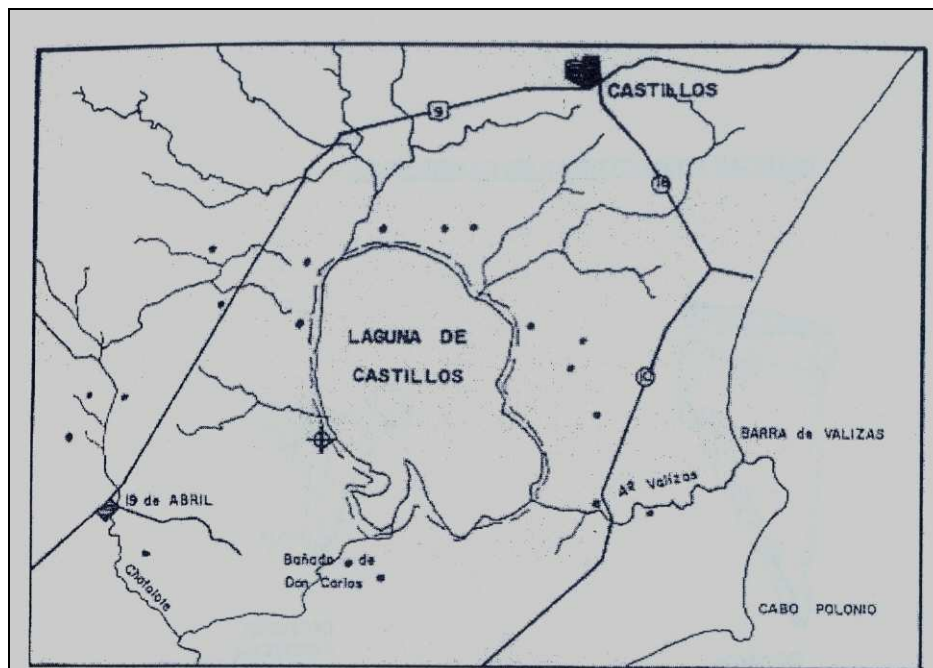
El fósforo se encuentra en forma de compuestos orgánicos e inorgánicos. Su concentración puede variar por actividad humana. La insolubilidad de sus compuestos limita su movilidad y hace que estas variaciones se mantengan en el tiempo, por lo cual se ha convertido en un valioso indicador de actividad humana pretérita (PINTOS & BRACCO, 1997, p. 395, tomo I).

O resultado esperado não foi alcançado. Queria-se por meio dos índices de concentração de fósforo delimitar áreas de atividades humanas fora das estruturas monticulares.

No entanto, o resultado obtido, embora óbvio, não vai contra as pesquisas. Assim, concluiu-se que a baixa densidade de fósforo nas proximidades dos cerritos pode ser explicada pela ação erosiva e atividades agropecuárias atuais.

Los espacios ocupados por las estructuras monticulares manifiestan altos niveles de fósforo, lo cual muestra lo obvio. Ahí hubo una fuerte actividad humana marcada por un descarte o abandono de elementos vegetales e animales. Particularmente la presencia, dentro del cuerpo de estas estructuras, de carbón, cenizas y restos óseos es coherente con lo observado (PINTOS & BRACCO, 1997. p. 396, tomo I).

Para finalizar as atividades arqueológicas relativas aos cerritos ao sul do “*Río Cebolatti*”, temos o “*Sitio Cráneo Marcado*” (Mapa 05). Esse sítio localiza-se na margem oeste da “*Laguna de Castillos*”, começou a ser trabalhado no ano 1994, mas atividades mais intensivas foram realizadas entre 1995 e 1996. É composto de duas áreas distintas em termos arqueológicos: uma extensa planície, onde foram encontrados a maioria dos vestígios arqueológicos (líticos, cerâmicos, restos faunísticos e ósseos humanos) e concentradas as escavações, e uma área associada a três cerritos de altura média de 1,5 metros. O sítio data de aproximadamente 3.050 anos A.P. (PINTOS, 1997; PINTOS & BRACCO, 1999).



Mapa 07 – Sítios localizados no entorno da “Laguna de Castillos”. Em destaque, grifado com uma cruz e círculo o “Sitio Cráneo Marcado”. Sem escala na publicação original.

Fonte: PINTOS, Sebastián Blanco. Arqueología en el Sitio Craneo Marcado Laguna de Castillos, Rocha (R.O.U). In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 218, Tomo I, 1997.

A denominação é dada ao sítio pelo achado diferenciado a outras áreas de pesquisas de ossos humanos encontrados fora das estruturas monticulares. Os ossos são parte de um crânio com marcas de incisões, possivelmente de origem antrópica, e uma falange anular.

El que se refiere a la pieza craneal, se pudieran identificar además de la fractura del arco zigomático, marcas que por su morfología y emplazamiento estarían vinculadas a la desarticulación de la mandíbula. Estas marcas corresponden, posiblemente, a incisiones de origen antrópico que por su emplazamiento han debido de ser realizadas con un instrumento fino y punzante. (PINTOS & BRACCO, 1999, p.92)

Além da localização intrasítio diferenciada, chama a atenção dos pesquisadores a deposição dos restos humanos como restos ósseos de animais mamíferos que mostram claramente preparação para o consumo. Uma hipótese decorrida é algum tipo de cerimonia envolvendo as partes do esqueleto encontradas, como um ritual de escalpo (PINTOS & BRACCO, 1999).

Quanto aos artefatos cerâmicos, foram encontrados apenas 27 exemplares concentrados nos níveis mais profundos das escavações de datações mais antigas,

o que pode indicar um recuo na cronologia no uso de cerâmica. Sobre suas características físicas, não se pode fazer uma análise apurada devido aos poucos fragmentos resgatados. Dessa maneira por traços gerais foi associada à Tradição Viera (PINTOS, 1997).

A análise dos materiais líticos mostra que a matéria-prima mais utilizada é o quartzo, inicialmente reduzida a núcleos e nucleiformes através da técnica bipolar, e posteriormente recebe acabamentos por técnica de percussão direta para a produção de instrumentos expeditivos.

Essa conclusão foi possível devido a:

(...) análisis del conjunto artefactual lítico está centrado en aspectos tecnológicos, en las actividades involucradas en la producción de los instrumentos. En este sentido se presentan algunos puntos en relación a la caracterización de los desechos de talla, así como los instrumentos recuperados (CAPOREALE, 1997, p. 93).

Em concomitância as pesquisas arqueológicas, realizaram-se intensos estudos paleoambientais com o objetivo de avaliar as mudanças físicas da “*Laguna Castillos*” durante o período de ocupação pré-histórica. Com os resultados pretendia-se perceber a influência da Laguna à fauna e flora e que consequência possíveis mudanças interfeririam no modo de vida dos construtores dos cerritos.

Finalmente, cabe resaltar que ha sido a partir de la investigación arqueológica del Sitio Cráneo Marcado -aún en curso-, la que estimuló el desarrollo de esta propuesta de abordaje interdisciplinario sobre la evolución de los paleoambientes. La misma principalmente se propone generar nuevas interrogaciones, a partir de las cuales arribarse a un nuevo marco conceptual, que permita reconocer la posible existencia de patrones en el proceso de selección de los espacios e de asentamientos prehistóricos (CASTIÑEIRA; FERNÁNDEZ; CÉSPEDES, 1997, p. 106).

No “*Departamento de Artigas*” está localizado o sítio arqueológico G-YCI-Yacaré-Cururu, localizado às margens dos arroios homônimos, composto por diversos cerritos, com uma estrutura considerada principal (G-YCI-1) pelas atividades de escavação. Essa estrutura mede aproximadamente 52 metros de diâmetro longitudinalmente e 12 metros de diâmetro a considerar sua latitude e 0,60 a 0,70 metros de altura (CONSENS, 1997).

Os primeiros trabalhos de campo ocorreram em 1978, sendo coletado um total de 7.267 peças arqueológicas (6.944 peças líticas, 244 fragmentos cerâmicos e

99 pedaços de ossos), atualmente resguardadas pelo “Museo Departamental de Artigas”. Após 18 anos, por incentivo do projeto “*Arqueología de las Tierras Bajas*” foram retomadas as pesquisas no ano de 1996. Nesse ano, ocorreu a escavação de 96m² com o objetivo de entender melhor a distribuição espacial dos materiais arqueológicos e a dinâmica construtiva do cerrito principal (CONSENS, 1997).

Apesar do grau de perturbações encontrado em locais pontuais do cerrito oriundas de animais, pisoteio de gado e até mesmo das ações de campo de 1978, foi constatado que o “...montículo G-YCI-1 tiene una formación prehistórica, determinada hoy a través una serie de ocupaciones que iniciaran entre los 3.200 a los 2.700 A.P. y con reocupaciones posteriores realizadas luego del 1.200 A.P. (CONSENS, 1997, p. 120, tomo I).

Por meio do projeto “*Análisis espacial de estructuras monticulares*”, coordenado pelo arqueólogo Prof. Dr. José M. Lopez Mazz, realizou-se levantamentos arqueológicos no médio curso do “*Arroyo Yaguari*” no “*Departamento de Tacuarembó*”, no qual foram localizados cerca de 36 cerritos. Esse projeto objetivou introduzir novos modelos interpretativos através da aplicação de técnicas específica de Arqueologia da Paisagem (GIANOTTI & LEOZ, 1997).

A partir da década de 1990, ocorre um alargamento da utilização dos paradigmas da chamada Arqueologia da Paisagem, trazendo novas perspectivas para a análise dos cerritos. As relações homem/paisagem passam a ter grande destaque e, enfim, se reconhece que há um certo grau de complexidade entre as populações construtoras de tais estruturas (QUINTANA, 2008, p. 15).

Dessa forma, passa-se a perceber os cerritos como um elemento transformativo da paisagem, que adquire significado social e simbólico de tal forma que deve ser considerado um produto da geografia locacional dos grupos que os construíram, e como tal só são significativos dentro da cultura que os concebeu.

Através da reunião de dados litológico, topográficos, geomorfológicos e fotos aéreas identificaram-se os montículos, microrelevos, depressões, áreas de alagues, bem como, observou-se os ciclos migratórios de determinadas espécies animais. “De este análisis surge la idea de que los agrupamientos de estructuras monticulares se hallan estrechamente vinculados unos con otros a través de las vías de circulación” (GIANOTTI & LEOZ, 1997, p. 141, tomo I).

Ao estarem associadas a vias de circulação os cerritos seriam demarcadores de caminhos que adquiriam um carácter multifuncional (“función funeraria-ceremonial, habitacional (el lugar de emplazamiento), posible soporte de actividades hortícolas, marcadores territoriales y estructuradores del paisaje” (GIANOTTI & LEOZ, 1997, p.143).

A ideia desse trabalho no “*Departamento de Tacuarembó*” é vista pelos autores como um elemento a mais nas pesquisas arqueológicas, que “puede aportar elementos relevantes para lograr un plan de manejo integral de los recursos arqueológicos” (GIANOTTI & LEOZ, 1997, p. 143).

O elevado número de pesquisas suscitou uma gama de trabalhos temáticos que contribuem para a formação de um contexto arqueológico amplo. Em paralelo às pesquisas arqueológicas no Uruguai, fomentou-se uma série de trabalhos multidisciplinares que visavam contribuir com o crescimento da pesquisa arqueológica.

Dessa forma, é possível encontrar entre a bibliografia arqueológica uruguaia diversos trabalhos relativos a pesquisas arqueológicas, mas que contribuem de maneira a agregar cada vez mais conhecimento ao estudo de populações pretéritas, como por exemplo levantamentos paleoambientais, geomorfológicos e geológicos.

1.3. Os Trabalhos no Brasil

As pesquisas arqueológicas brasileiras tiveram grande avanço na década de 60, quando arqueólogos americanos do *Smithsonian Institution* promoveram seminários que objetivavam “ensinar metodologias arqueológicas, classificação e interpretação de cerâmica” para interessados brasileiros, como parte do acordo firmado entre o Ministério da Educação e a *United State Agency for Inter-American Development* (FUNARI, 1998, p.9).

Essas metodologias atreladas em termos teóricos à Arqueologia Histórico-Cultural foram de carácter empirista e visavam à classificação espaço-temporal dos vestígios arqueológicos brasileiros remanescentes. Para tanto, os primeiros arqueólogos brasileiros realizaram sondagens de dimensões pré-determinadas, em

níveis artificiais de 10 cm, buscando estabelecer datações relativas. Os materiais que compunham as coleções resgatadas foram elencados em categorias de vestígios arqueológicos que serviram como fósseis guias, para a criação e vinculação das descobertas arqueológicas em Tradições, Subtradições e Fases⁴. Divididos nessas categorias, os sítios arqueológicos brasileiros foram mapeados e sua dispersão espacial deu margem a interpretações difusionistas, ou seja, as recorrências materiais que identificavam determinadas Tradições formavam caminhos adotados por grupos pré-históricos ao longo do tempo, mostrando um quadro de expansão cultural. As contradições aparentes dessa metodologia eram explicadas pelo viés evolucionista e adaptacionista do grupo pretérito ao meio.

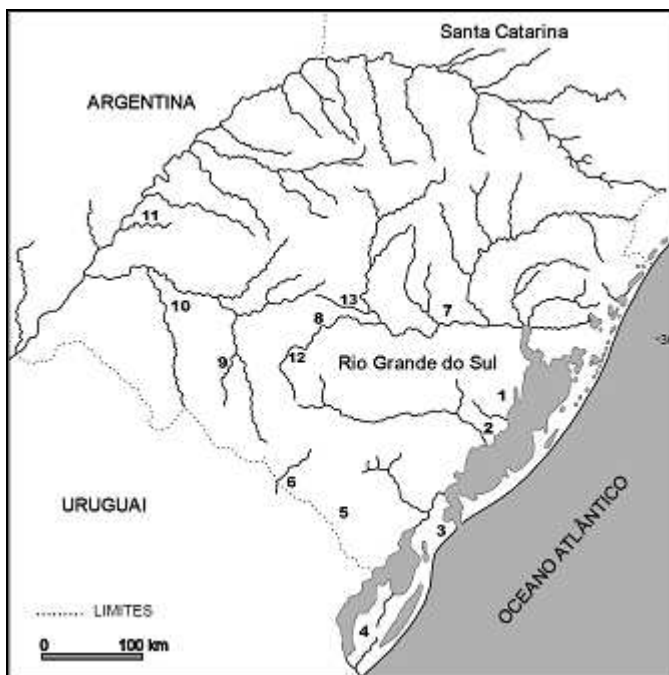
Nesse contexto foram realizados os primeiros trabalhos com cerritos no Brasil pela equipe de arqueólogos composta por Pedro Inácio Schmitz, Guilherme Naue, Fernando La Salvia, José Proenza Brochado e Ítala Becker, iniciados em 1966, nos municípios de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande e Camaquã. De modo geral, a metodologia utilizada para os trabalhos de campo consistia em coletas superficiais e sondagens limitadas sobre a estrutura monticular.

O pioneirismo de Schmitz é relatado por Prous, que de antemão, frisa a importância de suas pesquisas juntamente com Naue, bem como a metodologia adotada:

Os principais trabalhos de pesquisa foram realizados no Brasil pelas equipes de Pe. Schmitz e de Frei G. Naue. Foram, sobretudo, efetuadas coletas de superfície, complementadas por coletas de superfície restritas (de, no máximo, 4m²) em alguns sítios nos municípios de Rio Grande e Camaquã. (PROUS, 1992, p.293)

Ainda de acordo com Prous (1992), até o ano de 1968 foram descobertos no Rio Grande do Sul: 72 sítios em Camaquã, totalizando 80 montículos; 29 sítios, sendo 42 cerritos em Rio Grande; 46 sítios em Santa Vitória do Palmar, com a presença de 138 cerritos; e 7 sítios com cerca 30 cerritos em torno da região do alto rio Negro. Vale lembrar e como é notório, um sítio arqueológico pode ser composto por um ou mais cerritos.

⁴ Segundo Chmyz, 1976, defini-se: Tradição: Grupo de elementos ou técnicas com permanência temporal; Subtradições: Variedades dentro de um Tradição; Fases: Qualquer complexo (complexo 'conjunto de elementos culturais associados entre si') de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc. relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios.



Mapa 08 – Locais onde, no Rio Grande do Sul, foram estudados sítios de aterros/cerritos: 1. Tapes; 2. Camaquã; 3. Rio Grande; 4. Santa Vitória do Palmar; 5. Herval do Sul; 6. Dom Pedrito; 7. Vera Cruz; 8. Santa Maria; 9. Rosário do Sul; 10. Alegrete e Itaqui; 11. São Borja; 12. Santa Margarida do Sul; 13. Pinhal Grande.

Fonte: SCHMITZ, Pedro Inácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Basile. **Os Aterros dos Campos do Sul: a Tradição Vieira**. In: SCHMITZ, Pedro Inácio (Org.). *Pré-História do Rio Grande do Sul*. 2ª Ed. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 2006, p. 120. Modificado pelo autor.

Juntamente com esses arqueólogos podemos citar uma série de pesquisadores que colaboraram para o avanço dos estudos dessa forma particular de sítio arqueológico dentro do estado do Rio Grande do Sul, como Maria Helena Schorr e Pedro Augusto Mentz Ribeiro.

O conjunto dos resultados iniciais das pesquisas dos arqueólogos descritos acima foram compilados dando origem à tese de doutoramento de Schmitz, e outras diversas publicações, como ele próprio coloca:

Foi a partir de 1966 que José Proenza Brochado, Vander Valente e Pedro Inácio Schmitz se ocuparam, de forma ainda precária, desses sítios em Rio Grande. De 1967 a 1976 um grupo de arqueólogos, entre os quais Schmitz, Basile Becker, Naue, La Salvia, Maria Helena A. Schorr, alguma vez Mentz Ribeiro e Brochado, enfrentaram com seriedade o problema dos "cerritos" do Sudeste; dele resultou a tese de Schmitz: "Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil" (1976); mais tarde o Instituto Anchietano de Pesquisas estudou os "cerritos" do alto Jaguarão, que deram origem à dissertação de mestrado de Silvia Moehlecke Copé: "Aspectos da ocupação pré-colonial no vale do rio Jaguarão - RS" (1985). Ana Luiza B. Rüttschilling publicou em 1989 os resultados conseguidos com os diversos

trabalhos realizados no Banhado do Colégio, em Camaquã. (SCHMITZ et al., 2006, p. 101 e 102)

Em sua tese Schmitz, ao delimitar geograficamente a área de estudo, detalha os abundantes recursos naturais da porção sul da Laguna dos Patos, descrevendo os componentes da flora e da fauna de maneira que os grupos pré-históricos se sentissem atraídos pela região. Outra preocupação foi atrelar os recursos naturais e sua ocorrência em determinados meses do ano, devidos às variações de temperatura percebidas pela mudança das estações climáticas.

Dessa forma, através dos restos faunísticos encontrados nos cerritos analisados, foi possível comparar a alimentação do grupo pré-histórico com a ocorrência da fauna e da flora em determinada estação do ano. A conclusão obtida é que os grupos que habitaram a região o fizeram de forma sazonal, privilegiando a estação quente, ou seja, o verão e a alimentação era basicamente composta por peixes (NAUE & BECKER, 1968. SCHMITZ, 1976). Em consequência os cerritos são sítios que:

(...)caracterizam-se como assentamentos de pesca, sendo apanhados predominantemente peixes e crustáceos marinhos, que entram na parte mixohalina⁵ da Lagoa para fins de procriação, durante períodos quentes do ano(...)" (SCHMITZ, 1976, p.209)

Na sequência dessa linha de pensamento, nota-se que a variabilidade de restos alimentares de espécies de peixes, somando-se à estratigrafia evidenciada, mostra longos períodos de ocupação nos cerritos e que essa está relacionada diretamente com o recuo das águas da Laguna dos Patos, isto é, a alteração de volume de água da Laguna dos Patos afeta diretamente o ambiente refletindo em mudanças alimentares do grupo pretérito ou mesmo no abandono dos cerritos.

Outras conclusões bastante importantes de sua tese, dizem respeito ao tamanho dos grupos que ocuparam a região compostos por uma baixa densidade de indivíduos e a forma que os cerritos se constituíram, a partir do acúmulo de material orgânico oriundo da ocupação, atribuindo aos cerritos a função de habitação, e que seu agrupamento teriam o papel de aldeia. "A ocupação por períodos longos criaria

⁵ Termo usado para caracterizar águas com salinidade dominada por sais de cloreto de sódio com valores entre 0,5 e 30,0 g/l, segundo LAVINA, (S.D.), p. 8. Disponível em http://portal.icnb.pt/NR/rdonlyres/4C39C4DD-0BDE-4A2F-9F78-2A568E34923C/0/Gloss_ZH.pdf, acesso em 8 de dezembro de 2009.

um acúmulo de restos que se destaca suavemente na paisagem como um pequeno cômodo” (SCHMITZ, 1976, p. 212).

Quanto ao estudo da cultura resgatada, Schmitz identifica, nas sondagens realizadas, camadas de ocupação mais antigas localizadas em estratos inferiores apenas a presença de material lítico lascado, atribuindo à um “período pré-cerâmico” dos grupos habitantes dos cerritos. As camadas antropogênicas posteriores em direção à superfície dos cerritos apresentavam material cerâmico cuja características determinaram a seguinte cronologia dos sítios arqueológicos trabalhados:

(...) o período pré-cerâmico, do século VI a.C. ao A.D., pertence à fase Lagoa, subtradição Itaipu; o período cerâmico de A.D. ao século XVIII à tradição Vieira, subtradição Vieira, fase Torotama (de A.D. ao século III d.C.), fase Vieira (do século III ao século XVIII d.C.). A partir do século XI d.C estão presentes no local os horticultores Tupiguarani, que mantém contato com os caçadores, registrando-se a partir de então fenômenos aculturativos. (SCHMITZ, 1976, resumo).

Nela, admite-se que os grupos caçadores-coletores-pescadores, num dado momento adquirem a prática agrícola, passando a confeccionar cerâmica, aumentando gradativamente a sedentariedade desse grupo. A adoção da cerâmica pode ter sido influenciada pela cultura Guarani, devido a presença de vestígios materiais desse grupo próximas aos cerritos.

Embora as pesquisas tenham ocorrido simultaneamente às realizadas no município de Rio Grande as publicações relativas aos primeiros trabalhos de campos ocorridos na região de Santa Vitória do Palmar ocorreram tardiamente (Figura 01).

Apenas em 1997, Schmitz et al.. divulgaram os resultados obtidos com as sondagens de 42 cerritos, quando se acreditava que a região possuísse aproximadamente 150 ocorrências.

Nessa publicação, os autores definem cerritos como pequenos cômodos, regionalmente chamados de cerritos, parcialmente acumulados pela mão humana com a finalidade de tornar estes locais mais elevados e protegidos das enchentes, e parcialmente crescidos pela deposição natural de detritos de habitação (Schmitz et al., 1997). Como podemos ver, passados 30 anos da publicação da tese de Schmitz há uma mudança na concepção de cerrito, que deixa de ser apenas uma pequena saliência visível no terreno erigida pelo amontoamento de restos de matéria orgânica

produzidas pela ocupação de grupos pretéritos, para ser visto como uma construção intencional, em um primeiro momento, com o objetivo de proteger a habitação das cheias.

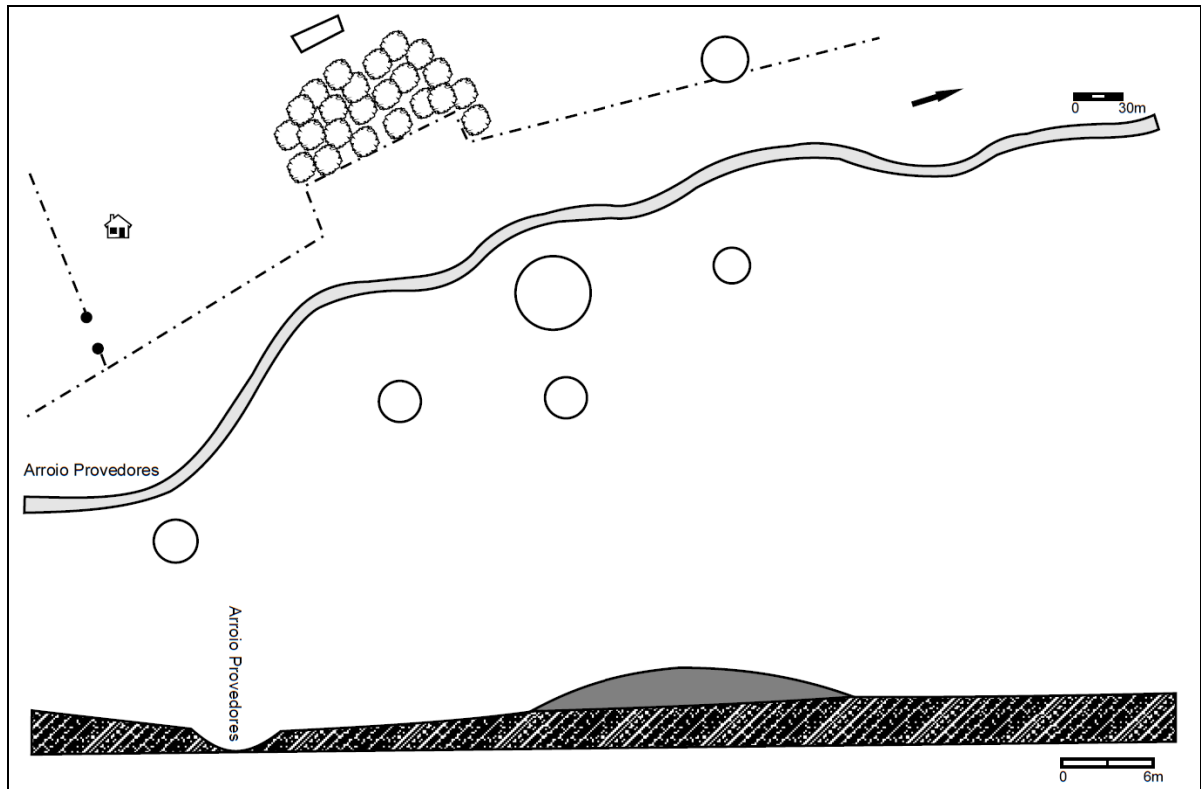


Figura 01 - Croqui de um dos sítios com cerritos em Santa Vitoria do Palmar e corte longitudinal mostrando o perfil do terreno.

Fonte: SCHMITZ, Pedro Inácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Basile. **Os Aterros dos Campos do Sul: a Tradição Vieira.** In: SCHMITZ, Pedro Inácio (Org.). *Pré-História do Rio Grande do Sul.* 2ª Ed. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 2006, p. 121

Para os autores, a existência de inúmeros cerritos na mesma área dá o caráter de aldeia ou acampamentos a esses sítios arqueológicos, onde os diversos cerritos representam ocupações simultâneas de famílias ou grupos familiares; ou então, ocupações sucessivas, onde diversos cerritos representariam assentamentos de parcelas diferentes de populações. Também é possível unir as duas explicações, pensando os vários cerritos de um sítio e os sítios vizinhos como ocupações sucessivas de bandos ou tribos de caçadores, onde diferentes grupos familiares se estabelecem em espaços discretos dentro de um acampamento coletivo.

Assim, para Schmitz et al. (1997), a inexistência de sepultamentos em alguns cerritos estudados, a distribuição aleatória do lixo, a multiplicidade dos cerritos e sua implantação no terreno sugerem que se trata de sítios de moradia, não de monumentos funerários, fortalezas ou marcadores de limites. A esses dados acresce-se as pesquisas uruguaias que expõem o caráter de continuidade na construção dos cerritos ao longo dos séculos, muitas vezes em períodos anuais, o que descartaria a função funerária num primeiro momento, já que esses monumentos não foram erigidos especificamente para o enterramento de um indivíduo. A questão da construção dos cerritos em termos cronológicos lineares é vista na citação que segue:

Los datos nos indican, en forma concluyente, que las estructuras monticulares crecieron a ritmo constante y regular, a escala secular o de larga duración. Pero probablemente, para períodos menores, hubieron variaciones cíclicas en sus ritmos de desarrollo, periódicas o de una amplitud que no podemos resolver con el número de datos que hoy disponemos. Tampoco podemos descartar ritmos estacionales vinculados, por ejemplo, a acontecimientos sociales que se repetían a intervalos anuales. (BRACCO & PANTAZI, 1999, p.20)

Já a existência de alguns sepultamentos em cerritos pode ser explicada, segundo Schmitz et al.(1997), por uma mudança de concepção tardia dos grupos pré-históricos, que passam em determinado momento a enterrarem seus mortos nos cerritos, não os construindo para essa função.

Ao concluir, os autores deixam em aberto o debate: os cerritos não são basicamente monumentos funerários, não originaram exclusivamente do acúmulo natural e dos detritos de ocupação, mas afirmam-se claramente como resultado de atividades intencionais do homem, podendo receber numerosas outras interpretações de razão prática ou simbólica.

No final da década de 60, Brochado desenvolveu pesquisas nas margens do rio Camaquã e Piratini e seus afluentes, abrangendo os municípios de Canguçu e Camaquã/RS. Os resultados preliminares das coletas superficiais foram publicados em 1974, envolvendo diferentes sítios arqueológicos, não apenas cerritos, localizados em compartimentos geomorfológicos diferentes: o Escudo Sul-Rio-Grandense e Planície Litorânea.

Nas duas áreas pesquisadas foram prospectados 60 sítios arqueológicos, subdivididos em 66 componentes diferentes e cerca de 110 evidências distintas ('festures'): núcleos de concentração material, vestígios de habitação, locais de enterramentos em urnas, aterros, dunas ocupadas, etc. (BROCHADO, 1974, p. 28 apud SILVA, 2006, p.62).

Os cerritos encontrados, segundo Brochado, estão localizados nas áreas alagadiças próximas à Laguna dos Patos: "Os aterros se encontram exclusivamente na planície litorânea da Laguna dos Patos..." (BROCHADO, 1974 apud SILVA 2004).

Como conclusão, Brochado percebe, através dos vestígios materiais cerâmicos identificados, que existe a possibilidade de contemporaneidade entre a cultura Guarani ocupante das áreas elevadas do Escudo Sul-Rio-Grandense e a cultura dos cerritos.

Na década de 70 foram realizados levantamentos no município de Dom Pedrito e Bagé, totalizando cerca de 30 cerritos localizados. "Em duas expedições realizadas em 1965 e 1967 nos municípios de Bagé e Dom Pedrito, F. La Salvia localizou 30 aterros e mais 2 sítios abertos" (COPÉ, 1997, p.192). Segundo Leite (S.D.), em Relatório sobre o Mapeamento Arqueológico do Município de Dom Pedrito, os resultados obtidos por La Salvia não foram publicados.

Ainda no mesmo relatório, Leite(S.D.) afirma que em 1985 suas pesquisas registraram 93 evidências arqueológicas no município de Dom Pedrito, e que apenas no Sítio I-17 foram localizados 12 cerritos, o que pode indicar que o número de cerritos na região pode ser mais elevado. Outro dado revelado, é que dos 12 cerritos do Sítio I-17, somente 2 ainda existiam de forma parcialmente destruída na publicação do referido relatório.

Já na década de 80, o arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro dedicou-se ao estudo de 2 cerritos localizados próximos ao município de Vera Cruz, também região central do estado do RS.

Ribeiro (1983; 1990) acredita que os cerritos são de origem antrópica, mas a sua construção ocorreu de forma não intencional, onde os grupos caçadores-coletores ocupavam pequenas elevações já existentes no terreno, que iam aumentando de tamanho de acordo com os resíduos depositados devido à ocupação.

Em suas escavações identificou uma série de ocupações distintas, distribuídas em horizontes arqueológicos diferenciados.

A explicação para essa situação está na localização dos cerritos em uma área de trânsito de grupos étnicos arqueologicamente conhecidos, e, portanto passível de domínio ora de um grupo ora de outro; e/ou na aquisição de técnicas de manufatura de cerâmica por grupos caçadores-coletores, no caso, a Tradição Umbu passaria a produzir cerâmica, que através das comparações dos registros arqueológicos passaria a ser conhecida como Tradição Vieira (RIBEIRO 1983; 1990).

Em decorrência do desenvolvimento do projeto “Salvamento Arqueológico na Área do Reservatório da Barragem do Centurião, lado brasileiro, RS” foram realizadas pesquisas arqueológicas no Vale do Rio Jaguarão. Os resultados do levantamento arqueológico foram publicados pela arqueóloga Silva M. Copé em sua dissertação de mestrado “Aspectos da Ocupação Pré-Colonial no Vale do Rio Jaguarão”, em 1986.

A fim de melhor compreendermos a região a ocupação pré-colonial do sudeste e sul do estado, estudamos, durante os anos de 1979 a 1985, uma área de 800km² na margem esquerda do Rio Jaguarão, que cobre parte de município do Herval do Sul. O tamanho da área permitiu um levantamento sistemático dos sítios arqueológicos e é adequado às necessidades experimentais de investigação do padrão locacional do Vale do Jaguarão (COPÉ, 1997, p. 196 e 197).

Durante as pesquisas, foram encontrados 51 sítios arqueológicos, sendo que desses, 86% foram considerados cerritos, ou segundo a autora “aterros”, com a forma circular e elipsoidal.

A cultura material resgatada foi analisada com o objetivo de “obter indicadores que permitam interpretar a distribuição espacial dos sítios em relação ao ambiente físico e social” (COPÉ, 1997, p. 199), estabelecendo assim, uma sequência cronológica para incluir os sítios pesquisados no contexto arqueológico regional. Essa sequência cronológica relativa obtida foi considerada provisória como podemos ver abaixo:

Através do estudo dos sítios arqueológicos e das características dos artefatos, buscamos indicadores temporais da ocupação pré-colonial da área em pesquisas. Devemos ressaltar que se trata de um quadro temporal provisório, baseado nos cortes estratigráficos realizados nos sítios e nos aspectos tecnológicos e morfológicos dos artefatos (COPÉ, 1997, p. 203).

Ao concluir, os dados cronológicos e materiais alcançados por Copé, foram comparados a dados etnográficos de viajantes que percorreram o Rio Grande do Sul

e Uruguai, após o início do processo de colonização histórica. Como resultados, foram elencadas uma série de semelhanças possíveis ao modo de vida Charrua e Minuanos descritos pelos viajantes, através da análise espacial e material dos sítios pesquisados. Embora a discussão entre a arqueologia e a etnografia encontre compatibilidades, Copé finaliza da seguinte forma:

Possivelmente, a área em investigação tenha sido local de passagem na migração anual dos grupos pré-coloniais em busca de subsistência, do interior para o litoral. Entretanto, os dados são, ainda, insuficientes para afirmações categóricas desse tipo (COPE, 1997, 211).

Nos municípios de Jaguarão e Arroio Grande, também localizados próximos ao Rio Jaguarão, em área abrangida entre os arroios Bretanha e Sarandi, um levantamento superficial encontrou cerca de 62 cerritos. Os resultados dessa pesquisas foram publicados por Pereira, em 2005, na forma de monografia para a conclusão de uma Especialização pela Universidade Católica de Pelotas. No trabalho não foram dados detalhes da localização geográfica e ficam dúvidas sobre a autenticidade arqueológica dos montículos (SILVA, 2006).

Outra área onde se realizam pesquisas arqueológicas sistemáticas dentro do compartimento geomorfológico gaúcho Planície Costeira, localiza-se no município de Pelotas.

O município de Pelotas tornou-se alvo de pesquisas arqueológicas sistemáticas a partir do ano de 2001 com a criação do Laboratório de Ensino e Pesquisa Antropológica e Arqueológica (LEPAARQ/UFPel), sob a coordenação do Prof. Dr Fábio Vergara Cerqueira. (LOUREIRO, 2008, p.9)

A partir da implementação do LEPAARQ, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), foi constatada a presença de aproximadamente 50 sítios arqueológicos em Pelotas, incluindo cerritos (LOUREIRO, 2008).

Através do projeto intitulado “Programa de Mapeamento Arqueológico da Ilha da Feitoria”, foram realizadas uma série de atividades prospectivas na localidade de mesmo nome (SILVA, 2006 e LOUREIRO 2008). Como resultado, foi constatada uma vasta potencialidade arqueológica no local, cujo aprofundamento das pesquisas no sítio arqueológico PT-02-Sotéia, “Cerrito da Sotéia”, pode ser visto na dissertação de mestrado de André Garcia Loureiro: “ Sítio PT-02-Sotéia: Análise dos Processos Formativos de um Cerrito na Região Sudoeste da Laguna dos Patos”. Nela:

Procurou-se compreender a formação espacial do sítio PT-02 por meio da análise da distribuição da cultura material, o mapeamento das estruturas arqueológicas e o processo de formação destas.

Através da análise da cultura material procurou-se discutir aspectos como afiliação cultural e exploração de recursos, com o intuito de conceber a funcionalidade deste sítio. (LOREIRO, 2008, p. 4)

Ao término do trabalho, Loureiro obtém resultados bastante semelhantes ao de Schmitz (1976) e Schmitz et al. (1997), embora a pouca idade do cerrito (1100 A.P. a 990 A.P.), como observamos na citação abaixo:

Conclui-se de forma incipiente, que o sítio PT-02 se configura como um local de exploração de recursos lacustres, ocupado por grupos que tem característica o acúmulo intencional de refugio em montículos, resultados do transporte doméstico. (LOUREIRO, 2008, p. 57)

O Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA), vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é outra instituição que desenvolve pesquisas vinculadas a cerritos.

Além da escavação realizada no ano de 1998 nos cerritos do Sítio Arqueológicos Corredor do Bolso, tema central desse trabalho, o LEPA realizou outras pesquisas no centro do estado do Rio Grande do Sul e na região sudoeste.

No ano de 2001, às margens do rio Vacacaí-Mirim, foram realizadas escavações no cerrito, denominado “Cidades dos Meninos”. O cerrito recebeu essa denominação por estar localizado em frente à propriedade onde funcionava o Educandário Cidade dos Meninos, no município de Santa Maria/RS. Os materiais arqueológicos oriundos dessa escavação encontram-se no LEPA ainda para análise.

No ano de 2004, a equipe do LEPA realizou um levantamento sistemático na região do Banhado M'bororé no município de São Borja/RS.

Os trabalhos iniciaram com o Projeto Arqueológico do Banhado do M'bororé, no município de São Borja, no ano de 2004. Foram realizadas prospecções, o georreferenciamento e a escavação de dois sítios, denominados Butuy 1 e 2. Mapeou-se um total de 55 cerritos nas cercanias dos arroios Capeati e Butuí. Entre abril e maio de 2004, a equipe do LEPA realizou as intervenções nos sítios. A área foi prospectada e após foram feitas sondagens em alguns cerritos para “avaliar o conteúdo e o grau de bioturbação” e, posteriormente, decidiu-se pela escavação de dois destes. Para tanto, procedeu-se a demarcação de quadrículas e posterior decapagem. Os sedimentos foram peneirados e algumas amostras de solo foram coletadas para futuras análises. Levantou-se ainda a topografia da

área e do cerrito Butuy 1, para determinar sua forma. (QUINTANA, 2008, p. 24)

Simultaneamente às escavações, foi realizada a topografia dos cerritos e áreas adjacentes, obtendo cerca de 0,65 cm de altura para o cerrito Butuy 2 e 2,90 cm de altura para o cerrito Butuy 1. Também, foram coletadas amostras de solo:

Percebemos que a composição química do solo no interior do cerrito apresenta-se diferenciada da encontrada na área externa. O alto índice de fósforo indica queima de materiais sobre a estrutura. No entanto, durante as intervenções, não se encontrou vestígios de possíveis fogueiras nem materiais carbonizados. A significativa presença de potássio e cálcio sugere, ainda, a intensa ocupação de grupos humanos por determinado período. Nenhum resto de alimentação ou de enterramento humano foi descoberto durante as escavações. (QUINTANA, 2008, p.35)

Quanto à cultura material escavada, Lima mostra as ações iniciais:

Os materiais arqueológicos resgatados foram em sua grande maioria peças líticas, as quais serão alvo do estudo apresentado nesse trabalho. Além disso, resgataram-se alguns fragmentos cerâmicos, atribuídos a chamada Tradição Vieira (primeiros grupos a confeccionarem artefatos de cerâmica), e recebeu-se, ainda, peças doadas por moradores da região como bolas de boleadeiras e pontas de projétil. Em laboratório receberam devida higienização e catalogação, bem como passaram pelas primeiras análises para identificação de suas características preliminares. (2008, p. 11)

Ao total, a coleção arqueológica dos cerritos Butuy 1 e 2 é composta por 9.366 peças líticas e apenas 1 fragmento cerâmico, vinculados às tradições Umbu e Vieira, respectivamente (LIMA, 2008 e QUINTANA, 2008).

Dessa forma, o trabalho iniciado em 2004 vem contribuindo para o estudo de cerritos, ampliando o quadro de distribuição espacial desses sítios arqueológicos, bem como a forma que esses interagem com paisagem e seus construtores com a cultura material escavada.

Ainda nos anos 2000, foram publicados alguns resultados parciais sobre os materiais arqueológicos dos cerritos do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso. Quanto ao material lítico, Milder et. al (2002a), identificou inicialmente cerca de 4.500 peças, das quais apenas 236 foram analisadas. A análise seguiu uma tabela técnico-tipológica, e a conclusão primária é que a indústria lítica dos cerritos era confeccionada sobre lasca, e o grupo era privilegiado devido a grande oferta de diferentes matérias-primas existente. Já a cerâmica, constatou-se que a técnica

manufatura predominante era o acordelado, em detrimento de uma minoria de fragmentos confeccionados pela técnica de modelagem. A espessura dos cacos variam entre 6mm a 12mm, e os tratamentos de superfícies mais recorrentes eram o corrugado e o ungulado. A análise inicial dos fragmentos apontou duas Tradições ceramistas diferentes: a Tradição Viera e a Tradição Guarani. (Milder et al. 2002b).

Em 2003, outro artigo intitulado “A Variabilidade Cerâmica Intrasítio como Processo Adaptativo de um grupo Pré-Colonial Pampeano: o cerrito Corredor do Bolso, São Gabriel-RS”, especificamente sobre a cerâmica dos cerritos foi publicado, esboçando uma distribuição espacial das peças, que será discutida no item 3.3 dessa dissertação.

As três publicações acima mencionadas localizam o Sítio Arqueológico Corredor do Bolso no Município de São Gabriel, isso se dá pelo fato de que a emancipação do município de Santa Margarida do Sul se efetivar no final de 1998, poucos dias após a realização do trabalho de campo.

Mais recentemente, o arqueólogo André Osório Rosa (2008), em levantamento arqueológico para a construção da Barragem do Arroio Jaguari, localizado à 38 km da sede do município de São Gabriel, identificou 20 sítios arqueológicos, com a ocorrência de cerritos. As atividades de prospecção abrangeram parte das Bacias Hidrográficas dos rios Santa Maria e Vacacaí, em regiões próximas aos municípios de Rosário do Sul, São Gabriel e Dom Pedrito.

SÍTIOS	COORDENADAS UTM's
Sítio 01	21 J 739425 6588314
Sítio 02	21 J 740089 6590665
Sítio 03	21 J 725168 6607356
Sítio 04	21 J 725017 6607269
Sítio 05	21 J 725073 6607250
Sítio 06	21 J 724938 6607299
Sítio 07	21 J 726258 6613944
Sítio 08	21 J 726237 6606353
Sítio 09	21 J 727260 6661688
Sítio 10	21 J 726246 6661980
Sítio 11	21 J 725407 6606285
Sítio 12	21 J 725528 6606230
Sítio 13	21 J 727028 6624120
Sítio 14	21 J 727467 6605437
Sítio 15	21 J 735628 6593066

Sítio 16	21 J 735337 6592891
Sítio 17	21 J 735449 6592777
Sítio 18	21 J 735531 6592433
Sítio 19	21 J 735337 6592891
Sítio 20	21 J 734947 6593072

Tabela 1 – Sítios localizados por ROSA, 2008 com a referência geográfica em UTM.

Fonte: ROSA, André Osório. **Relatório de Diagnóstico e Identificação do Impacto sobre o Patrimônio Arqueológico na Área Afetada pela Construção da Barragem no Arroio Jaguari, Bacia Hidrográfica do Rio Santa Maria/RS**. Relatório, 2008. Impresso. Elaborada pelo autor.

Ainda em 2008, através de contato por parte do morador local, o LEPA estuda um sítio arqueológico que aparentemente parece ser um cerrito no município em Pinhal Grande, próximo ao Rio Jacuí. O sítio encontra-se ainda em análise, sendo previstas intervenções mais efetivas em 2010/2011.

Com base na leitura das bibliografias, brevemente sintetizadas acima, percebe-se uma mudança gradativa de uma postura teórico-metodológica, entre os trabalhos mais recentes, em prol das publicações mais antigas. No entanto, o que de novo vem sendo produzido sobre cerritos ainda é fortemente enraizado nos primeiros resultados obtidos.

E mesmo quando, a partir de um discurso incipiente, se passou a afirmar a necessidade de uma arqueologia de cunho processualista, esta não rompeu em tudo com a perspectiva pronapiana.

Desta forma, diferentes posicionamentos conviveram harmonicamente. Pelo que, entre a perspectiva pronapiana e a incipiente utilização do processualismo como ferramenta de análise em pouco diferenciou a construção do conhecimento que possuímos sobre os construtores dos cerritos no Rio Grande do Sul. (NASCIMENTO, 2006, p. 72)

Mesmo assim, é visível que nos últimos anos buscaram-se na interdisciplinaridade novos vieses de pesquisa alcançando novas interpretações sobre as estruturas monticulares, principalmente no Uruguai.

Dessa forma, é fundamental para o sucesso das pesquisas saber buscar as qualidades dos diferentes *corpus* teóricos e identificar os possíveis problemas de cada um. A abertura para outras premissas existentes em correntes diferenciadas acaba para contribuir como o melhor andamento das pesquisas do referido trabalho.

Os próprios autores reconhecidos por seguir a risca suas correntes teóricas, transitam com frequência em outros campos teóricos, o que leva ao crescimento do

seu trabalho, como comprova Jorge: “Um autor é sempre mais multifacetado que seu “programa” – e é nisso, nessa “desobediência” ao que os outros dizem que ele é, que se torna interessante.” (JORGE, 2003, p. 27)

Assim, não é o objetivo desse trabalho criticar ou enaltecer uma ou outra tendência teórico-metodológica, e sim buscar dentro da gama de trabalhos apresentados o melhor de cada um, contribuindo assim para a construção de mais uma página nas pesquisas arqueológicas sobre cerritos.

As grandes etapas epistemológicas de evolução arqueológica – entendida como vontade de construir uma história da humanidade a partir de objetos materiais, promovidos a categorias de “documentos” – não são, como seria de esperar, uma sucessão aleatória de paradigmas ou de “grandes” teorias. (JORGE, 2003, p. 25-26)

Como vimos um aspecto importante, frequentemente abordado nas pesquisas arqueológicas com cerritos, é o contexto ambiental, abordado a seguir.

2. INTERPRETAÇÃO DO ESPAÇO: CONCEITOS, GEOMORFOLOGIA E GEOLOGIA APLICADOS À ÁREA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR DO BOLSO

Nesse capítulo pretende-se começar a entender o espaço das ações dos grupos pretéritos que construíram os cerritos e suas relações com o meio. Para tanto, enfatizar-se-á o aspecto físico do ambiente e suas condicionantes, ou atrativos, para o estabelecimento da sociedade em estudo.

As diversas formas de relevo apresentam inter-relações diretas com a geologia, solos e hidrografia da área de interesse, podendo-se expressar, através dos mapeamentos geomorfológicos, o necessário conhecimento do meio físico nos trabalhos que abordem a realização e integração com informações sociais e econômicas (GUERRA & MARÇAL, 2006, p.16).

Assim, mais que localizar geograficamente a área das pesquisas, pretende-se esboçar elementos constituintes da geologia, geomorfologia, clima, vegetação e fauna.

Cabe lembrar, como muito bem coloca Ross abaixo, que os ambientes naturais são sistemas bastante complexos, e tem essa complexidade aumentada com a intervenção do homem. Dessa forma buscar-se-á na leitura dos componentes da paisagem as informações julgadas necessárias para a compreensão desse trabalho.

A complexidade dos ambientes naturais, bem como dos alternados pelo homem, é de tal ordem que não se tem modificações bruscas de uma condição ambiental para outra. Por outro lado, é fato também importante o infinito fracionamento do quadro ambiental podendo-se identificar quantos quadros ambientais se queira em um determinado território, por menor que seja. Para tanto basta definir o grau de detalhamento e verticalização da pesquisa e da geração de informação, e isso passa obrigatoriamente pela escala de trabalho (ROSS, 2005, p.12)

O recorte espacial onde serão aplicados os conhecimentos ambientais, geológicos, geomorfológicos e arqueológicos é denominado paisagem. Nesse sentido, o conceito de paisagem como o espaço de interação do meio social com o meio ambiente pode ser compreendido abaixo:

A paisagem é a natureza integrada e deve ser compreendida como síntese dos aspectos físicos e sociais, sendo importante seu conhecimento, no sentido de serem desenvolvidas pesquisas aplicadas que possam levar a metodologias que colaborem com o manejo adequado e sustentável dos recursos naturais, relevantes para as sociedades como um todo. Os estudos sobre paisagem também ganham importância, na medida em que o conhecimento sobre a natureza vem sendo compreendido como a resultante de interações de diversos fatores sociais, econômicos e ambientais que interagem de forma dinâmica, aleatória e em diferentes escalas, espaciais e temporais, e conduzem a metodologias que apontem para um melhor conhecimento das interações e processos que ocorrem na natureza, ajudando de forma mais eficiente a sustentabilidade e/ou preservação das paisagens (GUERRA & MARÇAL, 2006, p.14).

Dessa forma apropria-se dos dados observados no ambiente em torno do sítio e utiliza-os para a interpretação de cenários passados juntamente com a arqueologia. Assim, partindo do princípio que a paisagem é um produto da interação homem/meio, dá-se origem a um desdobramento da arqueologia, conhecida como a Arqueologia da Paisagem.

Fundamentada nas bases teóricas e conceituais das disciplinas de origem, a arqueologia da paisagem converge seus esforços em duas dimensões: a *matriz ambiental natural*, relacionada com o meio físico-biótico, e o *ambiente modificado*, relacionado com o meio socioeconômico e cultural. Ela se configura como uma estratégia de investigação para o estudo dos *processos sociais* em sua *dimensão espacial*, reconstruindo e interpretando a *evolução da paisagem arqueológica* e os *padrões de assentamento* a partir das expressões materiais da cultura (MORAIS, 2007a, p. 103).

A arqueologia da paisagem relaciona-se diretamente com a geoarqueologia, que geoarqueologia consiste na utilização de técnicas, métodos e conhecimentos das tidas Ciências da Terra ou Geociências (geologia, geomorfologia, pedologia, entre outras) na avaliação, registro e pesquisa dos vestígios arqueológicos (BITENCOURT, 2008; MORAIS, 1999):

Em geoarqueologia a análise da paisagem é fundamental não somente para a contextualização espacial ou do ambiente no qual está inserido um sítio arqueológico, mas sobretudo, para a compreensão da estrutura ou das fontes que alicerçam os mais variados tipos de recursos, desde matéria-prima para confecção de artefatos e alimentos (fauna e flora) até a proveniência e o aporte de materiais que compõem a matriz do sítio arqueológico (sedimentos e solo).

A análise da paisagem é feita mediante fotografias aéreas e/ou imagens de satélite, visando caracterizar conjuntos de elementos, podendo estar divididos em naturais (formas de relevos, solos, hidrologia, tipos de rochas, vegetação) e antrópicos (formações ou sítios arqueológicos e áreas atuais, como cidades, pastagens e culturas) (BITENCOURT, 2008, p.45)

Contudo, é perceptível a importância do estudo dos elementos componentes da Geoarqueologia, principalmente pela arqueologia pré-histórica, já que as nuances da paisagem constituem-se em um objeto de estudo na falta de registros mais apurados sobre as sociedades pretéritas.

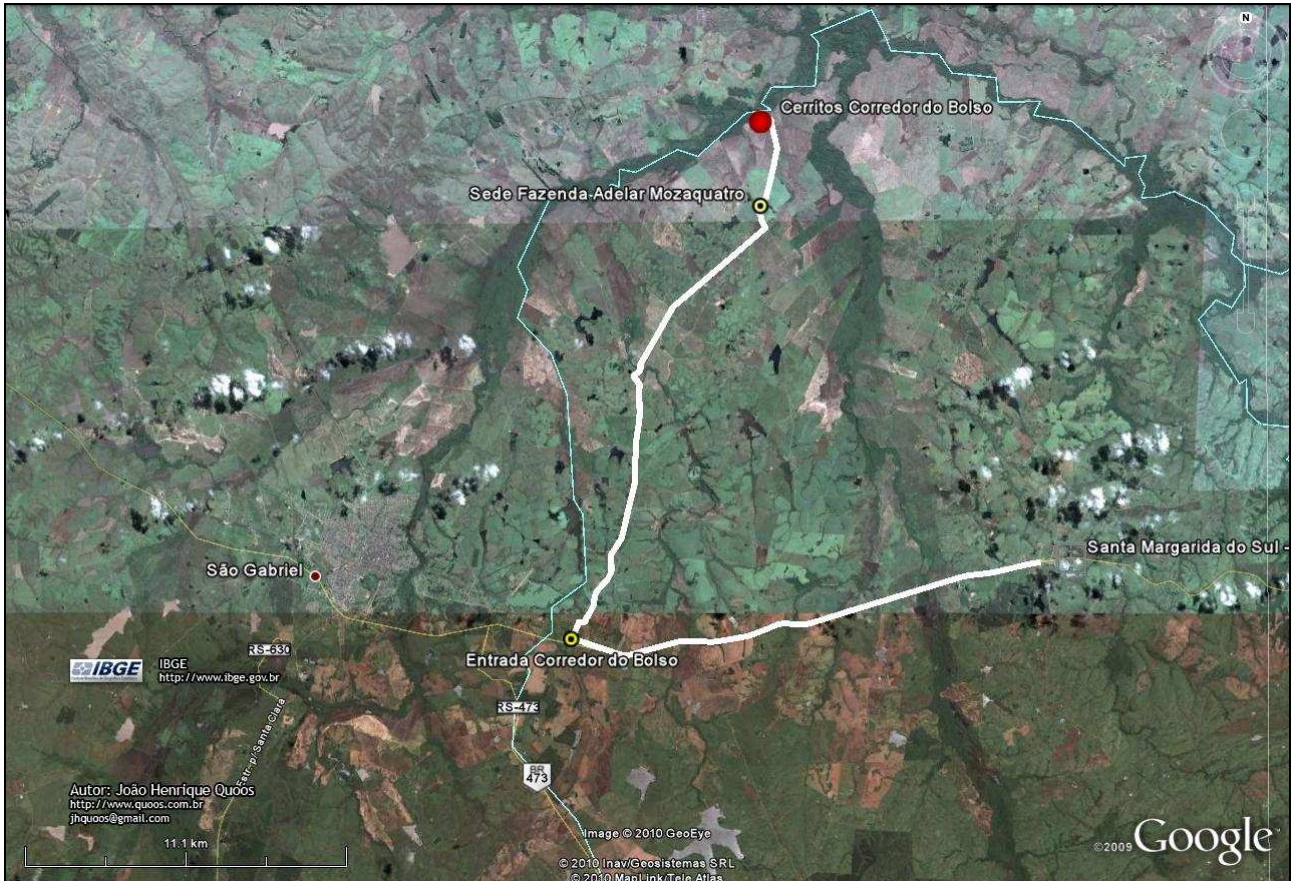
2.1. Localização geográfica

Os cerritos escavados no ano de 1998 estão localizados geograficamente em uma área pertencente ao município de Santa Margarida do Sul. Esse município, pertencente à região da campanha, está situado na porção sul do Estado do Rio Grande do Sul, centrado nas coordenadas geográficas aproximadas 30° 30' 27' latitude sul e 59° 19' 01' de longitude oeste.

Santa Margarida do Sul limita-se ao norte e ao oeste com São Gabriel, a leste com Vila Nova do Sul e, ao sul com São Gabriel e Lavras do Sul, e desmembrou-se do município de São Gabriel em abril de 1996 através da Lei nº 10.751/96. O município tem uma superfície territorial de 958 km².

O Sítio Arqueológico Corredor do Bolso está localizado às margens do Rio Vacacaí, no Distrito do Corredor do Bolso. O acesso ao sítio se dá pela BR-290, na qual se percorre cerca de 17 km da sede do município até a entrada para o Distrito do Corredor do Bolso. A essa distância são acrescentados mais 20 km de estradas vicinais até o local escavado no ano de 1998, como pode ser visto na imagem de satélite abaixo.

O sítio arqueológico encontra-se na propriedade do senhor Adelar Mozzaquatro, sob a coordenada UTM correspondente 21 J 771326 6655411.



Mapa 09 – Imagem de satélite com a localização geográfica do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso. A linha branca representa o acesso ao sítio a partir da sede do município de Santa Margarida do Sul
 Fonte: Google Earth, acessado em 18 de junho de 2010, modificado pelo autor.

2.2. Geologia

O estudo da geologia da área em pesquisa e seus arredores é importante ao ponto que suas condicionantes modelam os relevos, estabelecem os cursos d'água e juntamente com as intempéries do clima revelam os afloramentos rochosos essenciais para a obtenção de matéria-prima pelos grupos pretéritos para a confecção de seus utensílios e adornos. Ou seja, a superfície terrestre a ser interpretada está sujeita a alterações oriundas de força endógenas e exógenas no processo de sua formação.

Conseqüentemente, o estudo do material com que está sendo modelado o relevo não pode ser omitido, porque a composição e a estrutura do conteúdo da forma estarão, de maneira ativa ou passiva, participando no desenvolvimento do processo. Esses materiais, existentes na superfície

terrestre, podem ser afloramentos de rochas, rochas intemperizadas ou solos. (MARQUES, p. 26 in GUERRA & CUNHA, 2007)

A área onde está localizado o município de Santa Margarida do Sul é bastante complexa em termos geológicos. Sua litologia aponta para diferentes gêneses geológicas: Depósitos Fluviais; Formação Palermo; Formação Rio Bonito; Grupo Itararé; Complexo Cambaizinho; Complexo Cambaí; Complexo Palma ou Vacacaí; Formação Pessegueiro; Formação Acampamento Velho e Formação Santa Tecla.

Essas unidades são descritas a seguir com base no Projeto Radam Brasil (1986) e Catelan (2002):

Os **Depósitos Fluviais**, são depósitos sedimentares sub-atuais e atuais, indiferenciados, constituídos por cascalhos e areias de canais fluviais e lamas de planícies de inundação. Esses depósitos ocupam as calhas dos rios, constituídos por areias, cascalhos, silte e argilas, sendo que os sedimentos mais grosseiros localizam-se de forma preferencial nas cabeceiras das drenagens oriundas do escudo e da escarpa basáltica, em função da declividade mais acentuada, enquanto que a sedimentação siltico-argilosa desenvolve-se acentuadamente nas planícies de inundação dos cursos médio a inferior das drenagens principais. Os sedimentos arenosos constituem também barras de meandros, como ocorre nos rios Ibicuí, Vacacaí e Santa Maria. Os sedimentos formadores desses depósitos são geralmente considerados holocênicos, mas entre esses sedimentos verifica-se a presença de terraços situados em cotas mais elevadas que o nível atual dos rios, assim como a ocorrência de fósseis, indicando uma idade do Pleistoceno Superior para tais sedimentos.

A **Formação Palermo** é construída de siltito silicificados arenosos e argilosos de coloração cinza a amarelo-esverdeados, quando alterados. Também apresenta arenito fino na base e na parte superior apresentando intensa bioturbação, laminações cruzadas e lenticular, ondulação e cimento calcítico. O ambiente de deposição da Formação Palermo teria ocorrido após a sedimentação das últimas areias da Formação Rio Bonito, onde toda a Bacia do Paraná foi coberta pelo mar transgressivo, transformando-se em uma extensa plataforma rasa, e a intensa bioturbação encontrada nesses sedimentos mostra que a deposição ocorreu abaixo do nível de ação das ondas, localmente a ação de correntes teria sido mais intensa,

a formação de laminações paralelas com marcas ondulares. Considera-se a Formação Palermo com uma idade permiana média a superior.

Já a **Formação Rio Bonito** é composta de siltito silicificados cinza e folhelhos escuros, carbonosos, com leitões e camadas de carvão; e também de associações de arenitos cinza-esbranquiçados, finos a grosseiros, localmente conglomeráticos. Apresenta estratificações paralela, cruzada e acanelada. Constitui uma sistema deltaico de deposição, sendo uma fase construtiva composta pelos depósitos de carvão e retrabalhamento dos depósitos deltaicos por processos marinhos. Em face, a maior influência dos processos fluviais indicam um modelo deltaico do tipo construtivo que em função da estabilidade da bacia, geraram um ciclo pró-gradacional. A idade admitida para esta unidade é relativa ao Permiano Médio a Superior.

Quanto ao **Grupo Itararé** é constituído de folhelhos, argilitos, ritmitos, arenitos finos, diamictitos e varvitos, cinza-escuros, com laminação plano-paralela, convoluta, cruzada e rítmica nos sedimentos argilosos, enquanto nas camadas síltico-arenosas são comuns a presença de estruturas de escorregamento.

O **Complexo Cambaizinho** é formado de quartzitos micáceos e biotita-muscovita xisto. Além de Serpentinóis, xistos magnesianos e tremolita, talco ou clorita, tremolitos e peridotitos.

O **Complexo Cambaí**, por sua vez, constitui-se de granitóides gnáissicos, gnaisses acidentados, comumente bandados, cuja composição varia de diorítico a tonalítico; migmáticos de estruturas diversas, anfíbolitos maciços e gnaisses anfíliticos. Também são encontrados quartzitos, mármore e rochas calcossilicadas. Todo o conjunto mostra várias fases deformacionais e metamorfismo da fácies anfíbolito formando uma intrincada associação de rochas metamórficas, cata e mesozonais. Essa Formação constitui as rochas mais antigas da região do Escudo Sul-Rio-Grandense, sendo parcialmente rejuvenescida por fenômenos reflexos ao evento Geodinâmico Brasileiro, particularmente atuante na área do Maciço Pelotas do escudo. Por fim, o Complexo Cambaí é composto por inúmeros tipos litológicos, que variam em curtas distâncias e podem se repetir ao longo de toda a área de exposição.

O **Complexo Palma** é formado por peridotitos, dunitos piroxenitos modificados por efeitos metamórficos para serpentinóis e xistos magnesianos,

metabasaltos, metagabros, metavulcânicos ácidos e intermediários, filitos, xistos de composição pelítica a quartzo feldspático e quartzitos. Apresenta ainda uma fácies química representada por mármore e metacherts ferruginosos ou não. Na área de estudo esta formação é encontrada na sua porção sul próxima ao Arroio do Salso.

A **Formação Pessegueiro** é constituída de arenitos e arenitos conglomeráticos com intercalação de arenitos finos e siltito silicificados alternados, subordinadamente a rochas vulcânicas ácidas e intermediárias, concordantes com rochas vulcânicas.

Quanto à **Formação Acampamento Velho**, é formada por riolitos e riodacitos. Também apresenta brechas vulcânicas, ignimbritos e tufos ácidos com intercalações subordinadas de arenitos e conglomerados derivados de detritos vulcânicos.

Por fim, a **Formação Santa Tecla** constitui-se de arenitos de granulação média a fina e raros conglomerados de cor avermelhada, quartzosos e friáveis, também arenitos brancos ou amarelados subordinados com cimento silicoso ou calcítico, compactos. O cimento silicoso é composto por calcedônia, a qual encontra-se disposta radialmente em torno de grãos de quartzo. Mais raramente há a ocorrência de zircão, turmalina e hornblenda. A idade de deposição desses sedimentos é consignada ao Terciário, por estar em contato com hipoabissais referíveis à Formação Serra Geral e com rochas alcalinas atribuídas à Suíte Passo da Capela.

Também devemos citar a unidade **Subgrupo Estrada Nova** que não está presente na área geográfica do município de Santa Margarida do Sul, mas é encontrada na outra margem do Rio Vacacaí, a poucos quilômetros do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso. O Subgrupo Estrada Nova é composto, no Rio Grande do Sul, por folhelhos, argilitos e siltito silicificados não betuminosos, lentes e concreções de calcários.

A descrição geral das unidades geológicas mostra a possibilidade de obtenção de diversas opções de matérias-primas. Essa diversidade é comprovada nas análises da coleção lítica apresentadas no capítulo 3.

O mapa abaixo mostra algumas das formações geológicas presentes na região.

importante para prever as condições físicas dos materiais a serem resgatados, bem como a possibilidade de degradação de alguns vestígios, como materiais orgânicos, que não suportariam a acidez e a umidade do solo.

De acordo com Catelan (2002) e o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos desenvolvido pela Empresa Nacional de Pesquisas Agropecuárias desde 1999, pode-se considerar que a região estudada está localizada na Unidade de mapeamento Vacacaí. Segundo essa mesma autora, existem outras unidades de mapeamento de solo no município não sendo abordadas por esse trabalho, tais como a unidade de mapeamento Alto das Canas; unidade de mapeamento Pinheiro Machado; unidade de mapeamento Bexigoso, unidade de mapeamento Santa Clara; unidade de mapeamento Cambaí; unidade de mapeamento Guassupi e unidade de mapeamento Ibaré.

A unidade de mapeamento Vacacaí é uma planosol de textura média que ocorre em relevo plano ou suave ondulado com substrato de sedimentos recentes, provenientes de arenitos e siltitos sendo predominante solos mal a imperfeitamente drenados, onde as condições ambientais e do próprio solo favorecem o excesso de água, ocasionando fenômenos de redução, desenvolvendo no perfil cores cinzentas, características de gleização. Ocorrem em áreas baixas de várzeas ao longo dos rios sob condição de clima úmido. Ainda segundo a nova classificação desenvolvida pela Embrapa (2006), a unidade de mapeamento Vacacaí, passa a ser caracterizada como solos Planossolos Hidromórficos Eutróficos arênicos, que são solos de textura arenosa desde a superfície até o início do horizonte B plânico, que ocorre entre 50 a 100 cm de profundidade. Esse solo apresenta algumas limitações ao uso agrícola, caracterizando-se por possuir uma fertilidade natural moderada a forte, pois são solos ácidos, com saturação e soma de bases baixas e pobres na maioria dos nutrientes. É utilizado no município com cultivo de arroz e com pastagens. Especialmente ocupa as áreas de várzea do rio Vacacaí e arroio Salso, na porção norte e centro do município de Santa Margarida do Sul.

Em um solo arenoso, húmico e ácido fica difícil a preservação de estratigrafia, devido a flutuação constante d'água; e a conservação de vestígios orgânicos, como restos alimentares ou mesmo enterramentos diretamente no solo. Também condições de Ph extremas e de forte umidade podem alterar rochas silicosas naturalmente, além da abrasão que pode ocorrer entre os vestígios arqueológicos e o

solo arenoso, podendo intervir na identificação traceológica de alguns instrumentos e de micropolimentos em bordos ativos de algumas peças (MANSUR, 1990).

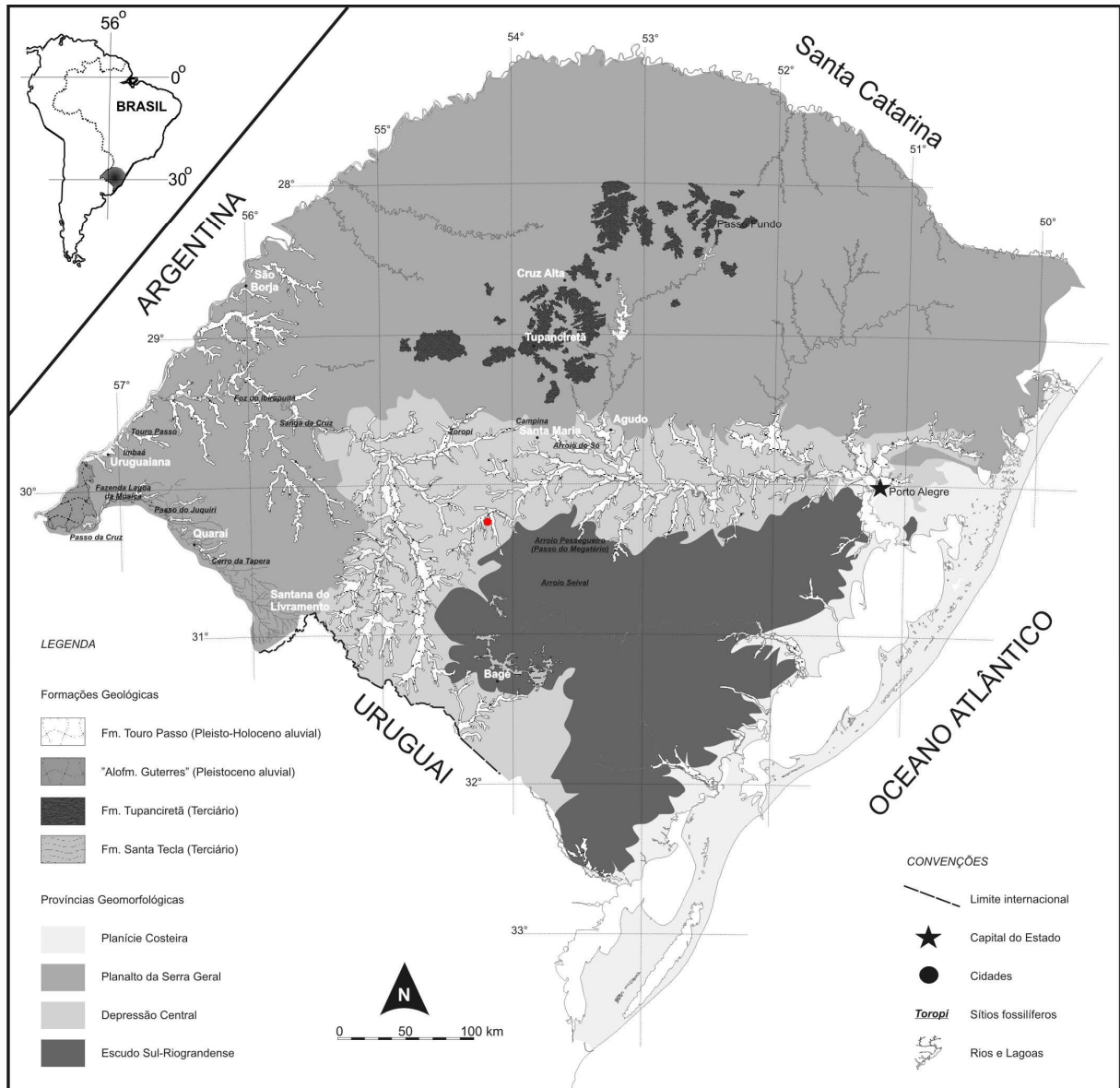
2.3. Geomorfologia

Em termos gerais, Geomorfologia é o estudo das formas do relevo. Os pesquisadores imbuídos em estudar o dinamismo morfológico da superfície terrestre consideram a geomorfologia como uma ciência autônoma das demais ciências da terra, por possuir um objeto e concepções teóricas próprias, sistematização de conhecimento e cada vez mais importância para a sociedade (GUERRA & MARÇAL, 2006; CHRISTOFOLETTI, 1980; MARQUES, 2007).

Os autores Guerra e Marçal ainda acreditam, que além do aspecto visível da paisagem, a geomorfologia compreende ações sociais e ambientais:

Atualmente, a Geomorfologia coloca-se como uma ciência que integra aspectos que envolvem conhecimentos das atividades sociais e ambientais, que são fundamentais aos estudos e pesquisas voltados às ações de caráter aplicativo (GUERRA & MARÇAL, 2006, p.15).

No estado do Rio Grande do Sul, segundo Herrmann & Rosa (1990) de maneira abrangente existem 4 compartimentos ou províncias geomorfológicas principais: Planalto Norte-Riograndense ou Planalto da Serra Geral, Planície Costeira, Depressão Central e Escudo Sul-Riograndense.



Mapa 11 – Compartimentos ou províncias geomorfológicas. Em vermelho a localização do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso.

Fonte: DA-ROSA, Átila Augusto Stock. Geologia do Quaternário continental do RS: estado da arte e perspectivas de trabalho. In: **Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2009, p. 18.

Esses compartimentos geomorfológicos desdobram-se em muitos outros em escalas regionais que não serão discutidos nesse trabalho.

O município de Santa Margarida do Sul está localizado entre os compartimentos geomorfológicos do Escudo Rio-Grandense e Depressão Central.

Conforme Catelan (2002), orientada pelo Projeto Radam Brasil (1986) e pelos autores Herrmann e Rosa (1990), na área do município:

A região do Escudo Rio-Grandense se mostra presente como área de forte rebaixamento e predominância da meteorização química, apresentando feições de morros arredondados com afloramentos esparsos do embasamento cristalino. Sendo encontrado na área do escudo formações sedimentares antigas o que diversifica a estrutura cristalina original. Apresentando relevos suavemente ondulados, sendo uma área soerguida, fato que lhe confere o nome de Serras do Sudeste. Comportando uma superfície de cimeira apalinada no Pós-Cretácio, esta área foi palco de solevamento dômico, o que propiciou a ocorrência de processos erosivos e o seu entalhamento pela rede de drenagem, dando origem às vertentes dissecadas e aos topos aplainados, desta forma a drenagem adaptou-se de maneira divergente ou radial; em paralelo e nos vales o aluviamento foi intensificado.

As áreas pertencentes a Depressão Central aparecem na porção Norte do município, caracterizando-se por apresentar um relevo plano a suave ondulado, onde o principal processo está vinculado aos transportes de massa nas planícies aluviais existentes. Herrmann & Rosa (1990), confirmam o exposto, dizendo ser uma área sem grandes variações altimétricas, predominando as amplas e alongadas formas de topos convexos ou planos, cujas encostas caem suavemente em direção aos vales, sendo estas formas conhecidas regionalmente por coxilhas.

Conforme o Radam Brasil (1986), a Depressão Central Gaúcha se caracteriza por pertencer ao domínio morfoestrutural das bacias e cobertura sedimentares, sendo uma área plana interplanática onde os processos erosivos esculpiam em rochas sedimentares paleozóicas, triássicas e jurássicas da Bacia do Paraná colinas alongadas, denominadas regionalmente de coxilhas, que não apresentam grandes variações altimétricas, com topos convexos, vertentes levemente inclinadas (CATELAN, 2002, p.35-36).

Essa descrição técnica não expressa a importância das estruturas do relevo estudadas pela geomorfologia como faz Marques:

O relevo sempre foi notado pelo homem no conjunto de componentes da natureza pela sua beleza, imponência ou forma. Também, é antiga a convivência do homem com o relevo, no sentido de lhe conferir grande importância em muitas situações do seu dia-a-dia, como para assentar moradia, estabelecer melhores caminhos de locomoção, localizar seus cultivos, criar seu rebanho ou definir os limites de seus domínios (MARQUES, 2007, p. 24).

E o autor referido acima continua: “Os relevos constituem os pisos sobre os quais se fixam as populações humanas e são desenvolvidas suas atividades, derivando daí valores econômico e sociais que lhe são atribuídos” (Idem, p.25)

Seguindo a ideia:

Como destaca Hart (1986), na medida que o homem usa a superfície terrestre, ele tem que conhecer as formas de relevo, solos, rochas, recursos hídricos etc. Além disso, esse conhecimento pode possibilitar um melhor aproveitamento dos recursos existentes, bem como evitar que catástrofes

venham a ocorrer na área ocupada (HART *apud* GUERRA & MARÇAL, 2006, p.21).

Assim, os agentes endógenos determinantes na formação geológica e geomorfológica da região vão influenciar diretamente no clima, na rede hidrográfica, na constituição da fauna e flora conseqüentemente no modo de vida dos grupos pretéritos em estudo.

2.4. Clima, Hidrografia, Vegetação e Fauna

A definição do Clima, Hidrografia, Vegetação e Fauna regional, é importante para pensar as características ambientais no momento do estabelecimento do grupo pretérito quanto a recurso hídricos, alimentares, térmicos e pluviométricos. É o ambiente que permite a ação do homem como agente biológico e conseqüentemente como ser social, se esse for atrativo e permitir o desenvolvimento de sua cultura.

2.4.1. Clima

De maneira geral, o clima do Estado do Rio Grande do Sul é considerado temperado úmido. Segundo Vieira (1984), o clima no estado é do tipo mesotérmico super-úmido, pois não há um período seco e as chuvas são regularmente distribuídas durante todo o ano, o que dá uniformidade ao clima sul-rio-grandense. Analisando a Escala de Köppen, o clima do Rio Grande do Sul corresponde a sigla CF, ou seja, temperado com chuvas regulares. Dentro da classificação CF existem dois subtipos apropriados para o estado:

“Cfa”, subtropical, com temperatura média das máximas superiores a 22°C e a média das mínimas variando entre -3 e 18°C; “Cfb”, subtropical, com a média das máximas inferior a 22°C e a média das mínimas oscilando entre -3 e 18°C. O tipo “Cfa” corresponde ao clima mesotérmico brando e domina na maior área do Rio Grande do Sul. O tipo “Cfb”, mesotérmico médio, ocorre no nordeste de Estado (planalto basáltico), escudo rio-grandense e pequena célula em Santa Vitória do Palmar. Nos dois primeiros casos a influencia é da altitude e no segundo, da latitude (VIEIRA, 1984, p.105).

Portanto, o clima no município de Santa Margarida do Sul é subtropical Cfa, ou também considerado mesotérmico brando, por não apresentar a ocorrência de

uma estação seca relacionado às latitudes subtropicais. As precipitações variam de 1.300 a 1.600 mm anuais.

As temperaturas, em termos locais, configuram-se por invernos que não ultrapassam 15°C e verões onde os termômetros dificilmente elevam-se acima de 30°C.

2.4.2. Hidrografia

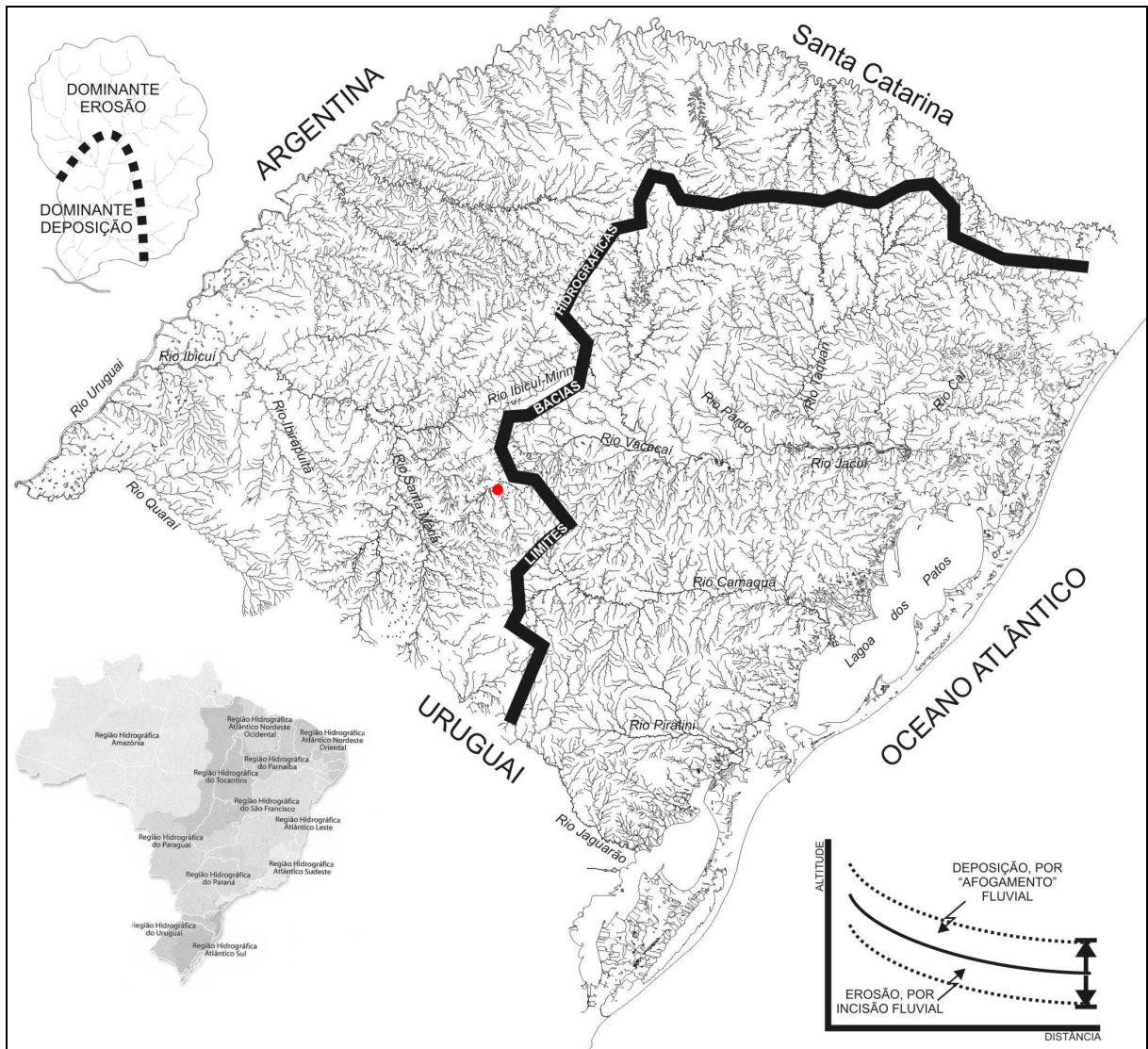
O Estado do Rio Grande do Sul é constituído de duas bacias hidrográficas sistêmicas responsáveis pela coleta e drenagem das águas: a Bacia do Rio Uruguai e a Bacia Atlântica (VIEIRA, 1984; DA-ROSA, 2009):

No conjunto, pode-se definir duas grandes bacias hidrográficas sistêmicas: a bacia do rio Uruguai e a bacia atlântica. A primeira constitui um sistema simples e a segunda tem um sistema composto (Vacacaí-Jacuí), um sistema simples (drenagem direta para a laguna dos Patos, lagoa Mirim e canal São Gonçalo) e um sistema lacustre interligado com a laguna dos Patos no centro da recepção (VIEIRA, 1984, p.115)

Como pode ser observado no Mapa 10.

Assim a área de estudo é banhada pela bacia Atlântica, que conforme descrito acima, se subdivide em: bacia do sistema Vacacaí-Jacuí e bacias do sistema lacustre.

A bacia Atlântica cobre mais de 200.000 km² do território do Rio Grande do Sul e também uruguaio, quando consideramos que os rios Cebolati e Taquari integram-se a ela. Portanto, é um volume de águas considerável que permite um intenso ritmo hidrológico (VIEIRA, 1984).



Mapa 12 – Limites das Bacias Hidrográficas no estado do Rio Grande do Sul. Em vermelho localização do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso
 Fonte: DA-ROSA, Átila Augusto Stock. Geologia do Quaternário continental do RS: estado da arte e perspectivas de trabalho. In: **Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2009, p.21. Modificado pelo autor.

Voltando-se a região do município de Santa Margarida do Sul, o principal rio é o Vacacaí, que mede cerca de 283 km, tendo sua nascente no município de São Gabriel, em cota positiva de 300 m em relação ao nível do mar. Integra-se ao sistema da bacia Atlântica ao desaguar no Rio Jacuí em cota positiva de 100m em relação ao nível do mar.

O rio Vacacaí nasce no Escudo Sul-Riuriograndense, sendo que a maior parte de seu percurso ocorre na região geomorfológica da Depressão Central.

A rede hidrológica do rio Vacacaí que banha os aluviões e é alimentada pelas vertentes da área em estudo, drena os compartimentos da Depressão Central e Escudo Sul-Riograndense, possuindo regime equilibrado, com chuvas mensais regulares (CATELAN, 2002, p. 38)

A Bacia do Rio Vacacaí influencia uma área de 11.616 km² e está localizada entre as latitudes 29° 45' e 30° 45' sul e as longitudes 54° 30' e 53° 45' oeste, abrangendo 11 municípios: Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Dilermando de Aguiar, Formigueiro, Lavras do Sul, Restinga Seca, Santa Maria, Santa Margarida do Sul, São Gabriel, São Sepé e Vila Nova do Sul (ROSA, 2009).

Arruda ao se referir à hidrografia do município de São Gabriel afirma que:

A rede hidrográfica da região desenvolveu em amplas várzeas que durante o período de cheias permanecem alagadas. Os divisores de água são superfícies planas geralmente formadas por banhados que separam a drenagem de bacias hídricas secundárias (ARRUDA, 2008, p. 22)

Assim, próximo ao local do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso pode citar ainda o Arroio do Salso, que desemboca a poucos metros do local da escavação. Na área entre a desembocadura do arroio e a sinuosidade do Rio Vacacaí forma-se uma área de alague onde foram encontrados os cerritos. Esse arroio nasce ao sul do município de Santa Margarida do Sul e pode ser considerado mais uma fonte de recursos ao grupo cerriteiro.

A água é indispensável para o desenvolvimento de uma região e fator fundamental para o estabelecimento de grupos pré-históricos.

2.4.3. Vegetação e Fauna

A área do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso e seu entorno estão inseridos no Bioma Pampa, também conhecido como Campos Sulinos, por apresentar uma vegetação baixa, mas rica pela biodiversidade.

O Bioma Pampa é um dos seis principais biomas brasileiros, segundo o IBGE (2004), e ocupa cerca de 60 % do território do Rio Grande do Sul, estendendo-se pelos territórios uruguaios e argentinos.



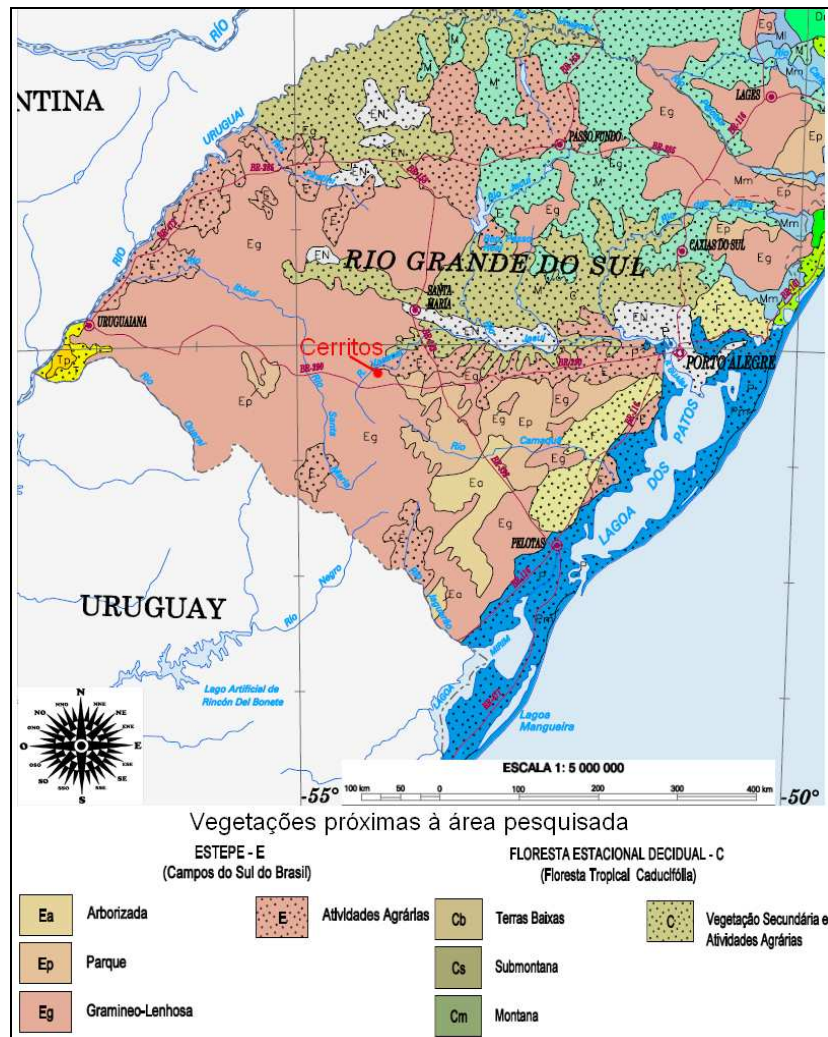
Mapa 13 – Bioma Pampa. Escala original 1:5.000.000.

Fonte: IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. 2004 **Mapa de Biomas do Brasil**, Escala 1:5.000.000, acessado pelo site ftp://ftp.ibge.gov.br/Cartas_e_Mapas, modificado pelo autor.

Ainda segundo o IBGE (2004), a vegetação predominante é de Estepe, ou seja, uma formação vegetal de superfícies aplainadas, sem árvores de grande porte, composta basicamente por herbáceas rasteiras, com clima úmido, sem um período seco sistemático. O termo Estepe suscita discussões, como coloca Oliveira:

Cabe mencionar que existe muita discrepância, entre distintos autores, quanto ao enquadramento da vegetação campestre do RS, tanto ao nível nacional quanto regional, sendo utilizados os termos Estepe ou Savanas com seus subtipos, ou simplesmente campos (OLIVEIRA, 2009, p. 73)

Para ilustrar a vegetação da área central desse trabalho, usar-se-á o termo Estepe, utilizado pelo IBGE (2004) na confecção de seus mapas.



Mapa 14 – Vegetação Rio Grande do Sul. Escala original 1:5.000.000.

Fonte: IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. 2004 **Mapa de Vegetação do Brasil**, Escala 1:5.000.000, acessado pelo site [ftp://ftp.ibge.gov.br/Cartas_e_Mapas](http://ftp.ibge.gov.br/Cartas_e_Mapas), modificado pelo autor.

O aspecto inicial da vegetação campestre mostra uma aparente uniformidade, apresentando nos topos mais planos um tapete herbáceo baixo, que se torna mais denso e mais rico nas encostas e nas várzeas, predominando gramíneas, compostas e leguminosas.

A vegetação campestre é nitidamente herbácea, atapetando amplas extensões de solo. As gramíneas e as ciperáceas⁶ predominam na composição florística dos campos, embora os capões, as matas e as capoeiras emolduram a paisagem campestre. (...)

⁶ São plantas herbáceas geralmente perenes e gramiformes. Tem preferência por solos pobres e úmidos em regiões com clima temperado ou frio.

A cobertura é de gramíneas na maior extensão, sendo que a concentração de indivíduos arbóreos ocorre no fundo de vales, onde a umidade é maior. (VIEIRA, 1984, p. 155 e 156)

Segundo Catelan:

Na região de estudo a vegetação campestre é ricamente constituída por variedades de compostas, predominando os gêneros *Eutorium*, *Vernonia*, *Lucilia*, *Pterocaulon*, *Achyroline*, *Gnaphalium* e leguminosas dos gêneros *Lupinus*, *Desmodium* e *Adesmia*. As gramíneas mais comuns são: *Paspalum*, *Panicum*, *Erianthus*, *Elionorus* e *Andropogon*. (CATELAN, 2002, p. 42)

O grande número de espécies de gramíneas e leguminosas deixa os campos cobertos por vegetação durante o ano todo, atraindo espécie de animais herbívoros, e conseqüentemente seus predadores.

A fauna nos campos sulinos é bastante diversificada. Estima-se que já foram catalogadas cerca de 102 espécies de mamíferos, 476 de aves e 50 de peixes, além das dezenas de espécies de répteis e insetos.

Entre as espécies animais⁷ encontradas no Bioma Pampa podemos citar: o tatu-mulita (*Dasyus hybridus*), o preá (*Cavia aperea*), capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), a paca (*Agouti paca*), o ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*), o veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), o zorrilho (*Conepatus chinga*), a ema (*Rhea americana*), o marreco (*Anas acuta*), a perdiz (*Nothura maculosa*), o quero-quero (*Vanellus chilensis*), o pica-pau do campo (*Colaptes campestris*) a coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*), o lambari-listrado (*Hollandichthys multifasciatus*), o lambari-azul (*Mimagoniates rheocharis*), traíra (*Hoplias malabaricus*), cascudo (*Hypostomus commersoni*), jundiá (*Rhamdia sapo*) a tartaruga-verde-e-amarela (*Chrysemys dorbigni*), a jararaca-do-banhado (*Dryadophis bissetatus*), a cobra-cipó (*Philodryas ofersii*) o cágado-de-barbicha (*Phrynops geoffroanus*), a vespa da madeira (*Sirex noctilio*) e o bicho-da-maçã (*Cydia pomonella*).

A rica biodiversidade presente no Bioma Pampa, mais a características de uma vegetação rasteira, favorece a confecção de armas de arremesso, como boleadeiras e pontas de projétil, para a caça em campo aberto.

⁷ Com a ajuda do site: <http://coralx.ufsm.br/ifcrs/fauna.htm>, acessado no dia 24/06/2010.

Ao finalizar, concorda-se com Eble, ao esboçar a importância do contexto onde se insere o sítio arqueológico, e o papel do arqueólogo ao interpretar seus registros:

O sítio arqueológico apresenta características tais que permitem ao arqueólogo fazer uma abstração do comportamento de um grupo humano e seu habitat. Essa abstração baseia-se nas características ambientais somadas ao material cultural encontrado. Portanto, o sítio arqueológico não resulta da composição somente de pontas de flechas, machados de pedra, carvão ou todos os outros bens culturais encontrados ou inferidos em uma escavação. Muitos materiais indispensáveis ao arqueólogo não precisam ser escavados para provar sua importância (1971, p. 73).

Contudo, a análise da coleção arqueológica torna-se melhor interpretada quando os elementos constituintes do ambiente onde está inserido o sítio são em conjunto considerados.

3. ANALISANDO FRAGMENTOS, CONSTRUINDO UM CONTEXTO: UMA TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO PARA OS CERRITOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR DO BOLSO

Nesse capítulo pretende-se apresentar especificamente as pesquisas realizadas no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso.

Para tanto, recorreu-se aos diários de campo e documentos produzidos no período de escavação no ano de 1998 para esboçar a metodologia de campo utilizada para o resgate da cultura material, bem como, mostrar resultados de análises mais efetivas da coleção.

3.1. Metodologia de Campo

Como já mencionado anteriormente, a intervenção de campo no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso ocorreu de forma emergencial, a partir do contato do proprietário do local Adelar Mozzaquatro, que informou o aparecimento de restos humanos ao preparar a terra, visando o cultivo de arroz.

Essa área, localizada às margens do Rio Vacacaí, é naturalmente propícia ao cultivo de arroz por estar próximo a um curso d'água e por ser um local relativamente plano, que facilmente retém a água necessária para o referido cultivo.

No entanto, para ampliar a área de plantio, o proprietário necessitou realizar o desmatamento do terreno e a terraplanagem do mesmo, utilizando o excesso de sedimentos para a construção de regadeiras visando a irrigação contínua do local.

Assim, configurou-se o cenário encontrado pela equipe do LEPA: foram encontrados materiais arqueológicos expostos em superfície e duas estruturas monticulares, que de imediato foram classificadas como sendo cerritos, já parcialmente perturbadas.

As estruturas tinham seus sedimentos revolvidos pelo movimento das raízes da vegetação que foi extraída do local, sendo que uma delas teve cerca de 70 centímetros de sedimentos removidos para a construção do canal de irrigação. Os

cerritos e seu entorno também foram perturbados pelo uso de maquinários agrícolas na terraplanagem, na aplicação de secante, na supressão da vegetação e plantio já efetivado em algumas áreas (Imagem 01).



Imagem 01 – Visão geral do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso em 1998.
Fonte: Acervo LEPA, 1998 por Saul Eduardo Seiguer Milder.

Ao averiguar a existência do sítio arqueológico, a equipe do LEPA de imediato tomou as providências legais para a intervenção no local, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através da Comissão Especial de Resgate do Patrimônio Arqueológico e Paleontológico da Universidade Federal de Santa Maria.

Diante do quadro de perturbação do sítio arqueológico e o início da irrigação para o plantio do arroz que submergia aos poucos a área a ser pesquisada, não houve tempo para pesquisas em longo prazo, priorizando assim intervenções de salvamento para o resgate do material arqueológico, antes de sua perda completa pela inundação e posterior passagem de maquinários agrícolas.

Pérez e Marozzi (1997), em seus levantamentos sistemáticos de campo já haviam percebido o quão é impactante o avanço da rizicultura para a conservação dos cerritos em áreas alagadiças, no caso de suas pesquisas na desembocadura do Rio Tacuarí e em redores da Laguna Mirim: “Durante los últimos años se ha verificado la desaparición de un importante número de sitio arqueológicos,

consecuencia del impacto que tenido la implementación a gran escala, del cultivo de arroz en el área.”(p.70)

Dessa forma, delimitou uma área de 10.000 m² que englobava as duas estruturas monticulares. Nela, foram estendidas duas linhas com 100 m cada, representando um plano cartesiano: uma linha horizontal representando números em ordem crescente, e uma linha vertical representado letras na ordem do alfabeto. Cada número e letra correspondiam a distância de 10 m, e o cruzamento dessas formava uma malha dividida em quadrantes de 10 m², que orientava o mapeamento do sítio arqueológico. De maneira mais macro, o sítio ainda foi dividido em setores (Setor I, II, III e IV), que conduziram os trabalhos. Segue o croqui com a demarcação do sítio:

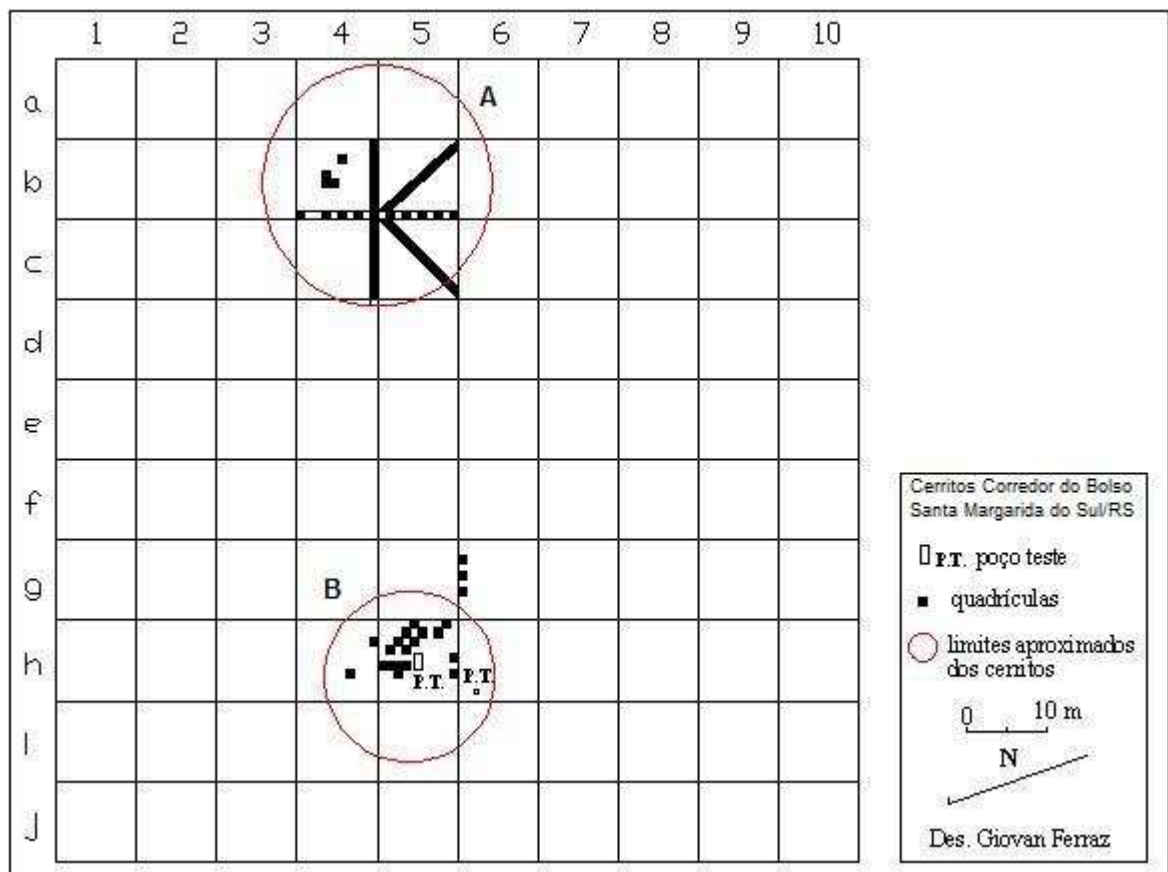


Figura 02 – Croqui da intervenção de campo no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso
 Fonte: Acervo LEPA, 1998. Reproduzido por Giovan Ferraz, 2010.

Em toda área demarcada foram realizadas coletas sistemáticas seguindo a ordem dos setores, independente da perturbação do terreno. Nas áreas circunscritas pelos cerritos foram realizadas trincheiras que vão ao encontro com os objetivos da metodologia adotada exposto nos Relatórios apresentados ao final da escavação:

- 1° - Resgatar a maior quantidade de material arqueológico possível seja através de coleta sistemática, ou através de sondagens;
- 2° - Obter perfis estratigráficos da composição do cerrito, suas ocupações humanas e os vestígios destas ocupações;
- 3° - Registrar o maior número possível de informações a respeito dos cerritos, uma vez que os dois identificados estavam em processo de destruição (Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 1998b p.3);

Devido ao grau de integridade diferenciado, a metodologia aplicada em cada um dos cerritos teve peculiaridades.

O cerrito denominado “A” tinha dimensões aproximadas de 31 m de diâmetro e 1,20 m de altura. Esse cerrito estava menos preservado sendo inicialmente aberta uma trincheira central que cruzou quase toda a sua superfície. Na sequência uma nova trincheira, transversal à primeira foi escavada. Posteriormente, houve a escavação de quadrículas perpendiculares à trincheira central, acompanhada de alguns poços-testes. Por fim, uma nova trincheira transversal foi aberta.



Imagem 02 – Abertura de trincheira Cerrito “A”.

Fonte: Acervo LEPA, 1998, por Saul Eduardo Seiguer Milder.



Imagem 03 – Trincheira escavada.

Fonte: Acervo LEPA, 1998, por Saul Eduardo Seiguer Milder



Imagem 04 – Quadrículas escavadas no Cerrito "A"

Fonte: Acervo LEPA, 1998 por Saul Eduardo Seiguer Milder

Já no cerrito “B”, de dimensões aproximadas de 20,5 m de diâmetro e 1 m de altura, optou-se pela abertura de quadrículas “em xadrez” e mais quatro quadrículas próximas ao centro, cuja escavação orientou-se em níveis artificiais de 5 cm e os sedimentos foram peneirados. Na área abrangida pelo cerrito “B”, e mesmo fora dela, ainda foram realizadas sondagens e poços-testes para a verificação de estratigrafia e busca de vestígios de enterramento.



Imagem 05 – Quadrículas escavadas em “xadrez” no Cerrito “B”.
Fonte: Acervo LEPA, 1998, por Saul Eduardo Seiguer Milder



Imagem 06 – Procedimento de peneiragem.
Fonte: Acervo LEPA, 1998, por Saul Eduardo Seiguer Milder

Ao final do processo de escavação, constatou-se que o impacto causado pelos implementos agrícolas na limpeza e preparo do terreno “perturbou em demasia o solo arqueológico, impossibilitando o registro de estruturas arqueológicas como fogões, buracos de estacas ou outros elementos”, e que “a umidade e composição do solo impediam a conservação de qualquer material orgânico”, bem como “a composição de areia e solo húmico não permitiu maiores detalhes de vestígios”, como a estratigrafia dos cerritos (Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, 1998a).

Os materiais arqueológicos resgatados foram acondicionados e transportados ao LEPA onde sofreram o processo de curadoria. Do procedimento de limpeza e catalogação até o presente, a coleção passou por diversas metodologias de análise com resultados pouco consistentes e divulgados.

Infelizmente, ao se elaborar o catálogo algumas informações não foram anotadas, como o nível artificial em que os materiais são provenientes. Talvez isso não seja um erro do catálogo, mas apenas a adoção de níveis de 5 cm como metodologia de campo, sem a pretensão de registrá-los. Também há uma certa confusão entre o que foi poços-teste e/ou quadrículas, o que dificultou a dispersão de alguns materiais arqueológicos intrasítio, mas nada que viesse a comprometer as conclusões desse trabalho.

Atualmente na área onde se realizou a escavação, passados 12 anos, não se encontra mais nenhum vestígio arqueológico em superfície, nem mesmo indícios das estruturas monticulares (Imagem 07).



Imagem 07 – Visão geral do local onde se localizava o Sítio Arqueológico Corredor do Bolso em 2010.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

3.2. A Análise da Cultura Material

A cultura material é o remanescente palpável, e portanto o que perdura, de muitos grupos humanos pretéritos. Ela é o produto de ações cotidianas de determinados indivíduos e expressão seu modo de vida e sua relação física e por vezes simbólica com o ambiente.

Diante disso, cabe ao arqueólogo resgatar e interpretar essa cultura, atribuindo-lhe significados.

No entanto, muito pouco essa cultura material tem a nos dizer diretamente, cabendo ao arqueólogo questionar seus achados, na perspectiva de obter respostas que mais se aproximem da realidade dos povos pretéritos. Para isso, são utilizadas metodologias que vão além do objeto em si, na tentativa de perceber a relação indivíduo - espaço – objeto (MARION, 2008, p.9)

A coleção material do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso é composta por 5.334 peças líticas e 599 fragmentos cerâmicos. Infelizmente, a composição do solo e condições climáticas na área do sítio não permitiram a remanescência de outras variedades de artefatos.

Perante essa oferta de matérias-primas, a coleção lítica resgatada não poderia se mostrar menos diversificada. Dentre as cerca de 5 mil peças contabilizadas, estima-se que existam em torno de 20 tipos diferentes de rochas, mais as variações dentro de um mesmo tipo quanto coloração, granulometria e cristalização, conforme os geólogos Átila Stock da Rosa e José Luiz Silvério da Silva, que deram origem a um mostruário de rochas.

Para citar como exemplos de variações dentro de determinadas rochas que ocorrem na coleção arqueológica analisada, temos o quartzo, que engloba o quartzo hialino, leitoso e o translucido; o arenito que junta as variações silicificada, conglomerática e metamorfoseados; e o sílex, que une o sílexito, a calcedônia e a madeira fossilizada, enquanto o siltito inclui as variações de siltito poroso e siltito silicificado.

Dessa forma, optou-se por restringir a classificação de matérias-primas, agregando as rochas em sete grupos, a fim de facilitar o manuseio e identificação das peças, sem causar grandes discrepâncias geológicas e mineralógicas. Então os grupos elencados grosseiramente foram o Arenito, o Basalto, o Quartzo, o Quartzito, o Sílex, o Siltito e o Granito. Mesmo assim, houve rochas que não se enquadraram nessa classificação e foi criada a categoria de “outras”. Da mesma forma, as rochas que não foram identificadas fazem parte da categoria “não identificadas”. Conforme o Gráfico 01 abaixo:

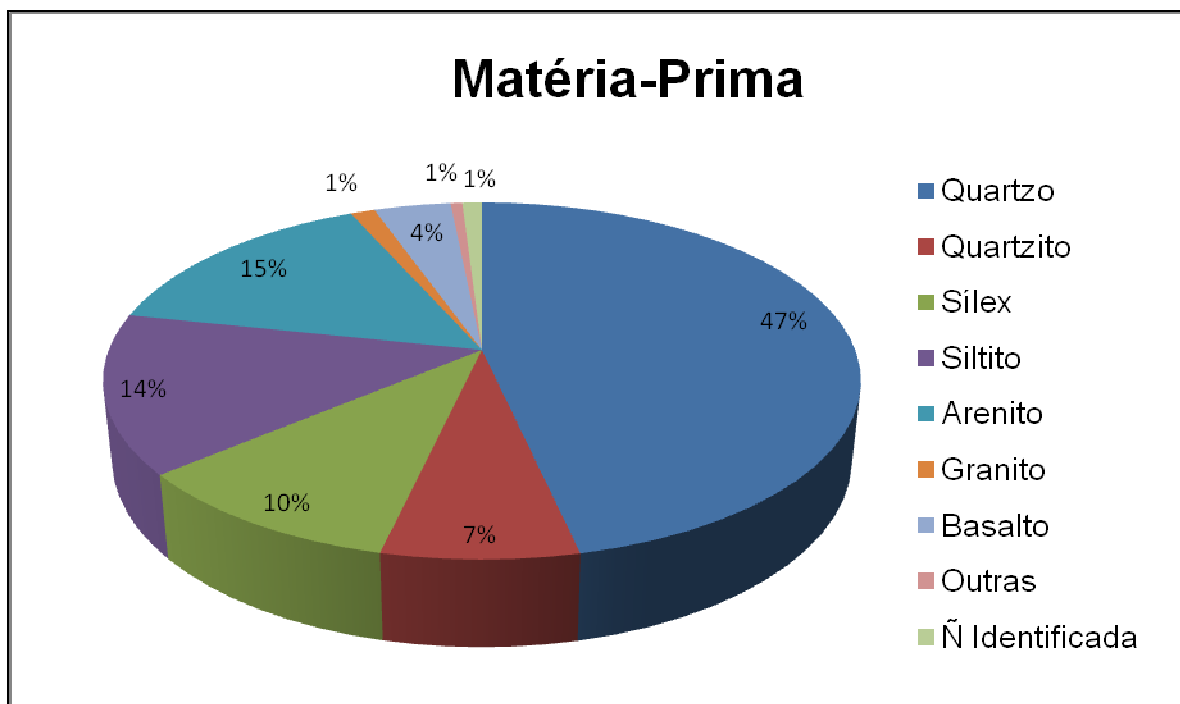


Gráfico 01 – Diversidade de matéria-prima rochosa utilizada para o lascamento.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

Como é visível no gráfico, o quartzo é a matéria-prima mais presente. A maioria das peças em quartzo é de origem primária, ou seja, disponíveis em afloramentos em blocos, filões e veios; também de forma secundária, em seixos ovóides de córtex amarelado (PROUS & LIMA, 1986/1990).

A segunda e terceira matérias-primas mais recorrentes são o arenito e o siltito silicificado, rochas sedimentares bastante comuns na região do sítio arqueológico. Sua ocorrência principal é em seixos.

Na sequência temos o sílex, que segundo Guerra e Guerra (2008) tem sua origem ainda não perfeitamente explicada, mas ocorrem em ambientes ricos em sílica, agregando-se em nódulos entorno de corpos orgânicos em decomposição.

Já, o quartzito, quinta rocha mais abundante, é originado da metamorfose do arenito.

Quanto ao basalto e o granito, são rochas componentes do Escudo Sul-Rio-Grandense, bastante comuns na região e ocorrem na coleção como blocos e seixos.

Na categoria outras, estão rochas ricas em hidróxido de ferro e anfibólito, utilizados até mesmo para a confecção de instrumentos.

É interessante observar que essas rochas são todas oriundas de áreas ao entorno do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, já que no local onde estavam

localizados os cerritos o solo é arenoso, com a granulometria fina, não aproveitável para o lascamento. E o leito do Rio Vacacaí próximo ao sítio é argiloso, sem a ocorrência de cascalheiras.

Assim, ao observar e analisar a coleção arqueológica resgatada, é perceptível a adaptabilidade do grupo a diferentes matérias-primas, utilizadas sem distinção em todos os processos de produção do instrumental lítico. Exemplo disso é a utilização de técnica de debitage bipolar para o lascamento do quartzo, uma matéria-prima tida dura e resistente ao talhe.

Passando a etapa de identificação das matérias-primas utilizadas pelo grupo pretérito em questão, chega o momento de refletir sobre os atributos válidos para uma análise tecnológica consistente, que dê subsídios para alcançar algumas respostas sobre o Sítio Arqueológico Corredor do Bolso.

Quintana (2010), ao refletir sobre a interpretação e atribuição de significados aos materiais arqueológicos salvaguardados durante uma etapa de campo menciona que: “Ao nomear e classificar as coisas constituímos relações metafóricas e perdemos muito de seus detalhes, no entanto ganhamos formas de torná-los compreensíveis” (p.63).

Diante disso, acredita-se que essa perda não deve ser percebida como a possibilidade de reconstituição de um contexto falho, mas sim um incentivo a outros pesquisadores a novas interpretações.

Dessa forma, para a análise tecnológica da coleção lítica do Corredor do Bolso, observaram-se, de modo geral, os seguintes atributos: Lascas, Estilhas, Núcleos, Nucleiformes, Fragmentos e Instrumentos.

O gráfico a seguir mostra a porcentagem dos atributos encontrados no sítio:

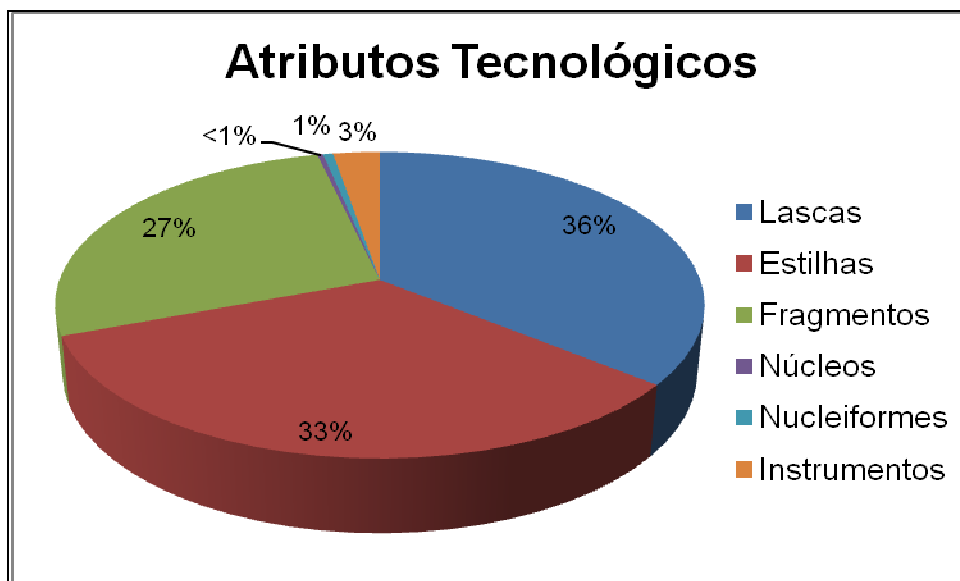


Gráfico 02 – Atributos Tecnológicos considerados para a análise da coleção.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.1.1. Lascas

As lascas são os elementos mais presentes na grande maioria das coleções arqueológicas pré-históricas. Em sua morfologia transparece a técnica de percussão empregada no lascamento, a dureza do percutor, e o tipo de suporte escolhido (bloco ou seixo) (NUNES, 2008; DIAS & HOELTZ, 1997).

Em toda a coleção analisada foram identificadas um total de 36% de lascas, as quais foram categorizadas em: lascas, lascas corticais, lascas bipolares, microlascas, e lascas *siret*⁸ com e sem córtex. O gráfico abaixo quantifica essa divisão:

⁸ Acidente de lascamento, ocorre quando do destacamento da lasca dois planos de percussão perpendiculares se produzem, separando a lasca em duas partes igualmente iguais (TIXIER, 1980).

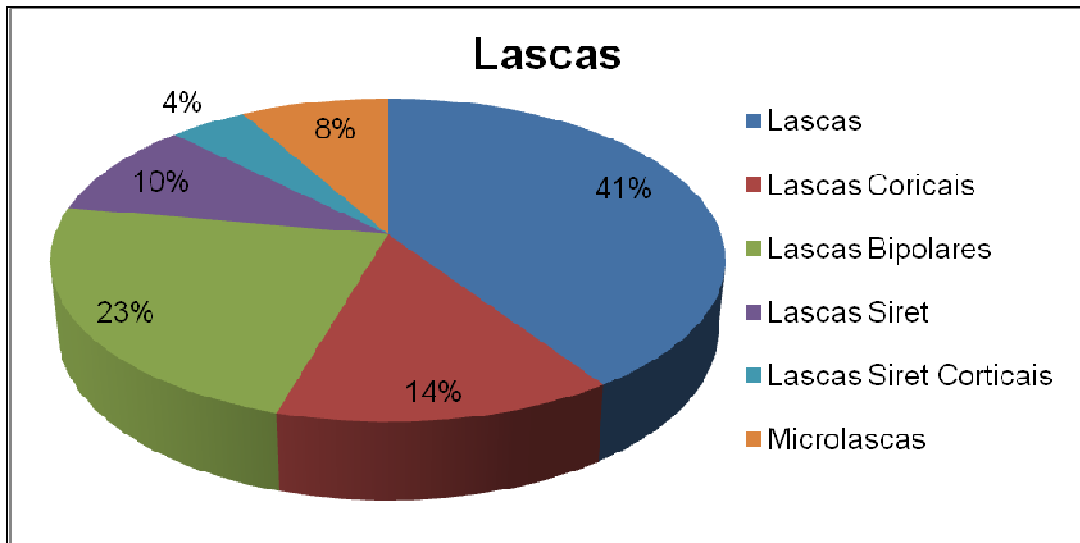


Gráfico 03 – Categorias de lascas consideradas na análise da coleção.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

As lascas de percussão unipolar e direta, corticais e não corticais, juntas abrangem cerca de 20% do total de peças de toda coleção lítica analisada.



Imagem 08 – Face externa de exemplares de lascas oriundas de percussão unipolar e direta.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 09 – Face interna de exemplares de lascas oriundas de percussão unipolar e direta.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

A grande maioria dessas lascas não ultrapassam 5 cm de tamanho, sendo que o tamanho médio fica em torno de 3 cm. Esse dado mostra a utilização, por opção, de suportes bastante reduzidos, visto que na coleção também existem lascas de grande porte que seriam ótimos suportes para a produção de instrumentos, mas não foram utilizadas.



Imagem 10 – Face externa de exemplares de lascas que destoam do tamanho médio das lascas da coleção arqueológica.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 11 – Face externa de exemplares de lascas que destoam do tamanho médio das lascas da coleção arqueológica.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

As lascas corticais, em sua maioria são ultrapassantes⁹ e possuem córtex em sua porção distal e proximal. Esse dado vai de encontro com a hipótese desse trabalho que os blocos são reduzidos inicialmente no afloramento, sendo transportados para o sítio apenas pequenos suportes, com apenas parte da superfície cortical.

Quando as lascas apresentam a totalidade da face dorsal com córtex, essas são oriundas em sua maioria de pequenos seixos.



Imagem 12 – Face externa de exemplares de lascas corticais.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

⁹ Segundo Tixier (1980, p. 95) as lascas ultrapassantes ou *outrapassé* (termo em francês) são “ Se dit de tout enlèvement dont le plan de fracture, normal dans sa partie proximale, s’arque brusquement et emporte toute une partie du support, qu’il soit nucléus, produit de débitage ou outil. Une face d’éclatement très concave et un épaissement généralement distal sont donc les deux caractéristiques des pièces outrepassées qui peuvent avoir emporté: - une partie de la calotte corticale d’un nucléus en début de débitage.”



Imagem 13 – Face interna de exemplares de lascas corticais.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

As lascas bipolares, como o próprio nome menciona, são produtos do lascamento pela técnica bipolar.

A técnica bipolar é caracterizada pelo pouco controle do artesão produzindo lascas com formas irregulares, porém algumas morfologias são recorrentes, permitindo a percepção do uso dessa técnica. Do lascamento bipolar, além das lascas resultam outros produtos, como nucleiformes e estilhas que serão abordados no decorrer do texto (PROUS & LIMA, 1986/1990).



Imagem 14 – Exemplares de lascas Bipolares.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

Essa técnica, no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, foi aplicada somente na matéria-prima quartzo, talvez pela sua dureza. Essa técnica necessita o uso de um apoio, deixando estrias característica de sua utilização como veremos no item 3.2.2.7.1.2.

Assim, acredita-se no emprego da técnica bipolar somente na quebra de porções maiores de rochas de quartzo, e que os produtos desse lascamento, como as lascas, sejam retocados para a utilização e/ou também sejam percutidos pela técnica unipolar, a julgar pela ocorrência de lascas de quartzo unipolares, contabilizadas acima.

As lascas *siret*, tidas como acidentes de lascamento, são bastante recorrentes na coleção e podem indicar um lascamento menos cuidadoso, com maior desprendimento de força, muito comum na debitagem plena, para obtenção de lascas, ou simples redução de suportes.

A presença considerável de lascas *siret*, também está ligada ao uso de matérias-primas mais duras, como o arenito e o quartzo, nas quais apresentam maior incidência. No lascamento do quartzo as *siret* aparecem nos produtos das técnicas unipolar e bipolar.

As microlascas foram identificadas não só pelo tamanho reduzido não superando 2 cm, mas pelo emprego de um lascamento mais cuidadoso.

A julgar pelas características das lascas, talão linear, punctiforme ou ausente, também pela sua espessura bastante fina, foi utilizada a técnica de percussão por pressão ou então a percussão direta, mas com percutor brando.

Assim, dentro da categoria microlascas foram inseridas outras subdivisões com lascas de reavivamento de gume, lascas de retoques e lascas obtidas por pressão, conforme podemos ver nas imagens abaixo:



Imagem 15 – Face externa de exemplares de lascas de reavivamento de gume.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 16 – Face interna de exemplares de lascas de reavivamento de gume.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 17 – Face externa de exemplares de lascas oriundas de percussão por pressão.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 18 – Face interna de exemplares de lascas oriundas de percussão por pressão.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 19 – Face externa de exemplares de lascas de retoque.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 20 – Face interna de exemplares de lascas de retoque.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 21 – Face externa de exemplares de lâminas.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 22 – Face interna de exemplares de lâminas.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

Essas lascas estão diretamente ligadas à produção dos instrumentos identificados no sítio.

As lascas de retoques (Imagens 19 e 20) são o resultado de retoques diretos e curtos, com morfologia bastante recorrente nos negativos encontrados instrumentos.

Já as lâminas (Imagens 20 e 21) parecem estar associadas à produção de pontas de projétil pela espessura fina e o caráter invadente, como também em instrumentos de morfologia piramidal (Ver item 3.2.2.7.2.8).

As lascas de reavivamento de gume são oriundas de extremidades mais abruptas, como o bordo ativo de raspadores. Nessas lascas “o talão é liso ou facetado e o dorso na extremidade proximal apresenta as marcas de uso e retoques anteriores e algumas vezes negativos de outras retiradas de reavivamento” (QUINTANA, 2010). Por vezes, a retirada de lascas de reavivamento pode modificar a morfologia do instrumento, tornando o inativo pelo esgotamento, ou reformulando sua funcionalidade.

3.2.2.2. Estilhas

As estilhas, também conhecidas por esquirolas (RIBEIRO, 1983), estilhaço (PROUS e LIMA, 1986/1990) são resíduos do lascamento, tanto unipolar quanto bipolar, de tamanho diminuto. Não apresentam características, como talão, bulbo, etc., para que possam ser classificadas como lascas, ou outro atributo.

No caso do lascamento unipolar, as estilhas não ultrapassam 1 cm de comprimento (Imagem 24). Já no lascamento bipolar, e, portanto no lascamento de quartzo, as estilhas são bem mais frequentes, consideram que o quartzo muitas vezes já possui fraturas internas na sua constituição e a técnica bipolar apresenta muito menos controle do artesão. No Sítio Corredor do Bolso, as estilhas de quartzo muitas vezes, ultrapassam 1 cm, mas não se enquadram como lascas bipolares, por exemplo (Imagem 23).



Imagem 23 – Exemplos de lascas de quartzo.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 24 – Exemplos de lascas de matérias-primas diversas.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

3.2.2.3. Núcleos e Nucleiformes

Os núcleos são pouco recorrentes na coleção do sítio em questão. A indústria lítica é toda estruturada sobre lascas, e os suportes parecem ser debitados até seu esgotamento e/ou fratura/quebra. Dessa forma, os núcleos esgotados são reaproveitados como instrumentos, ou após a sua quebra, provavelmente por esgotamento, deixam de apresentar características, como a presença de negativos de retiradas de lascas, sendo então classificados na categoria “fragmento”

Já, os nucleiformes, produtos do lascamento bipolar, são definidos como “peças relativamente espessas, que não apresentam gumes muito agudos (PROUS & LIMA, 1986/1990, p.99).

Assim, por serem mais espessos, os nucleiformes foram usados como núcleos com lascamento unipolar, ou foram utilizados como suportes pra alguns instrumentos.



Imagem 25 – Exemplos de nucleiformes
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 26 – Exemplos de núcleos
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

3.2.2.4. Fragmentos

Os fragmentos agregam todas as peças que não se enquadram em nenhuma categoria anteriormente listada, mas que possuem o caráter arqueológico por estarem presentes no sítio. Como vimos antes, na área do sítio arqueológico não há

fontes de matéria-prima e o solo é arenoso com granulometria fina, então, as rochas ali presente foram levadas pelo grupo pretérito.

Sendo assim, foram considerados fragmentos rochas com tentativas de percussão sem sucesso, rochas fraturadas oriundas de processos de lascamento consideradas refugo, como os *cassons*¹⁰, rochas sem indícios de lascamento, mas encontradas na escavação em camadas arqueológicas, entre elas algumas termóforas e seixos. Dias (2007), classifica ainda os fragmentos como “Fragmentos Naturais, Fragmentos de Lascamento e Fragmentos de Artefatos”.

A maioria dos fragmentos possui córtex (1153 peças contra 259 sem córtex). Esse dado pode indicar várias hipóteses: um lascamento inicial em rochas corticais, mais intenso, com menos controle provocando fraturas; transporte de rochas a mais que o necessário para o sítio como reserva de matéria-prima; e transporte de rochas como elemento construtivo dos cerritos.

Quanto ao tamanho e matérias-primas são os mais diversos, como podemos ver abaixo:



Imagem 27 – Exemplos de fragmentos encontrados no sítio arqueológico.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

¹⁰ Segundo Prous e Lima (18986/1990, p. 101) *Cassons* são “resíduos maciços de tendência poliédrica, sem face interna nem gume agudos”.



Imagem 28 – Exemplos de fragmentos encontrados no sítio arqueológico.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

3.2.2.5. Instrumentos

Os instrumentos são o objetivo final dos artesãos do grupo pré-histórico. Sua produção pode dizer muito do modo de vida e subsistência desses indivíduos. A identificação e análise desses objetos são fundamentais, mesmo que por vezes hipoteticamente, para compreender a relação entre o homem, as matérias-primas disponíveis, a obtenção e preparo de gêneros alimentares e a divisão do seu espaço doméstico.

Para tanto, foram observados na coleção resgatada no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso instrumentos passivos, instrumentos ativos e instrumentos ligados à atividade de caça.

Cabe lembrar, que padrões de tamanho e morfológicos definidos com as palavras “micro”, “alongados”, por exemplo, que definem categorias apresentadas no decorrer do trabalho, são pensados em relação à coleção material como um todo. Sobre algumas categorias não foram encontradas referências anteriores na bibliográfica consultada, mas isso não dá o caráter de “novo” aos instrumentos aqui

descritos, apenas orientam o trabalho. Quando o contrário acontece, as referências são mencionadas e a terminologia é adotada, ou mesmo complementada.

Também a orientação distal e proximal, bordo esquerdo e bordo direito dos instrumentos abaixo descritos seguem seu eixo morfológico.

Outro dado significativo, é que termos corriqueiros usados em análises de material lítico, a citar como exemplo os tipos de retoques, têm como base bibliográfica o trabalho dissertativo de Luiz Coimbra Nunes, intitulado “Terminologia Lítica: tecnologia para o estudo da pedra lascada”, que compila obras de referência tidas como manuais e é bastante atual. Mesmo assim, algumas dessas obras são citadas diretamente no decorrer do trabalho quando necessário.

3.2.2.5.1. Instrumentos Passivos

Por definição grosseira, os instrumentos passivos são aqueles que recebem a ação de outros instrumentos. No caso do sítio em questão, os instrumentos identificados são utilizados como base para atividades de moagem e/ou preparo de alimentos por maceração, através de movimentos de pressão/percussão em sua superfície. O atrito causado entre as rochas dos instrumentos ativos e passivos produz superfícies côncavas nos objetos que definem sua classificação.

3.2.2.5.1.1. Pedra com depressão semi-esférica

A denominação desses instrumentos é sugerida por Ribeiro (1983), que também as define como “quebra-coco”. Prous (1986/1990) comenta essa definição:

tais artefatos são chamados de quebra-coquinhos, por acreditar-se que tal foi sua utilização. Em algumas regiões, o suporte não era utilizado até o ponto de criar uma depressão, e a marca não passa de um pequeno círculo quase polido e brilhante, devido ao óleo expelido pelos cocos. (p. 13)

As arqueólogas Dias e Hoeltz (1997) melhor definem esses instrumentos denominando-os de peças com depressões semi-esféricas:

Correspondem a blocos ou seixos, preparados ou não, que apresentam depressões semi-esféricas isoladas, sobrepostas ou agrupadas em uma ou várias faces da peça. Podem ou não apresentar polimento no interior das depressões. Sua funcionalidade é desconhecida, embora sejam designados como “quebra-coquinhos”. (p. 45)

Em publicação mais recente, Dias (2007) utiliza do termo “quebra-coquinho” para classificar esses instrumentos nas coleções por ela analisadas.

Esses instrumentos embora tenham a denominação de “quebra-cocos”, não indicam a presença de coqueiros na vegetação na área de estudo ou a inserção de cocos na dieta desses grupos, e sim, a possível retirada de amêndoas de caroços de alguns frutos silvestres.

No Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, foram encontrados três desses instrumentos inteiros, um confeccionado em basalto e os outros em granito, com depressões semi-esféricas em ambas as faces, de forma isolada, aproximadamente no centro da peça. Os três foram intencionalmente preparados com o arredondamento intencional de suas extremidades. Mais um exemplar foi intencionalmente elaborado, mas apresenta depressão em apenas uma face.

Para outro desses instrumentos foi utilizada um seixo de siltito silicificado de formato poliédrico, onde 3 faces apresentam leves depressões semi-circulares.

Um quinto “quebra-coquinho” utiliza um suporte robusto de arenito, e aparentemente após sua utilização, foi intencionalmente lascado para a retirada de lascas.

Também foram encontrados 3 fragmentos, ambos de basalto, um bastante reduzido, mas atribuídos a essa classificação de instrumentos por seu tamanho e devido marcas de arredondamento em sua face externa; já os outros, apresentam as mesmas marcas de confecção intencional, ao mesmo tempo em que, apresenta parte ainda visível da depressão semi-esférica.



Imagem 29 – Exemplos de instrumentos com depressão semi-esférica encontrados no sítio arqueológico.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

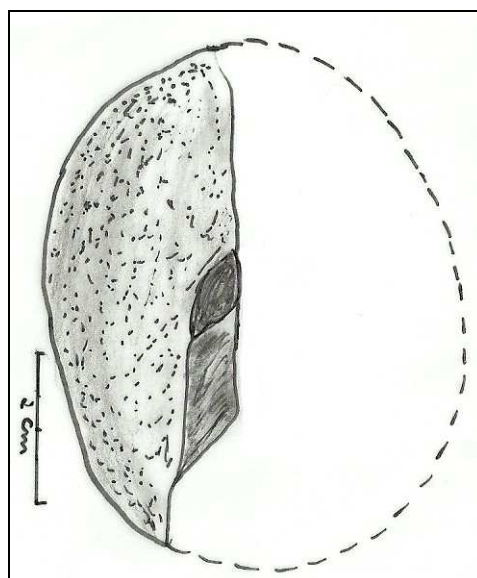


Figura 03 – Tentativa de reconstituição de um instrumento com depressão semi-esférica a partir de um fragmento.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.1.2. Pedras-Queijos

Esses instrumentos são caracterizados por grandes e rasas depressões côncavas, que abrangem quase a totalidade de uma ou duas de suas faces. Devido

a sua morfologia semelhante a um queijo e conhecido pelo termo “pedra-queijo”, embora, segundo as classificações adotadas por Prous (1986/1990) para instrumentos passivos brutos, possa ser definido como bigorna para vegetais ou bigorna de triturador.

Algumas dessas peças apresentam ainda estrias características do lascamento por técnica bipolar, passando a ser denominados, além do termo bigorna, como apoio para a percussão bipolar (DIAS & HOELTZ, 1997; PROUS e LIMA, 1986/1990).

Na coleção por esse trabalho analisada foram resgatadas duas peças, uma de arenito e outra de basalto, ambas com as duas faces côncavas, pouco modificadas, ou seja, as rochas escolhidas para serem utilizadas como esses instrumentos deveriam apresentar um formato já arredondado, a julgar pela coloração do córtex ainda presente.



Imagem 30 – Exemplos de instrumentos “Pedra-Queijo”.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

Outros quatro instrumentos apresentam forma irregular: três deles com depressão côncava em apenas uma face, sendo dois confeccionados em suportes de siltito silicificado (um em placa e outro em seixo) e um sobre seixo de arenito; e o outro produzido em basalto, apresenta duas com depressões côncavas, uma polida

pelo abrasamento devido ao uso, e outra com sinais de utilização para ao lascamento bipolar, ou seja, marcas de contra-golpe lineares (PROUS & LIMA, 1986/1990).

Tem-se ainda um instrumento em arenito com morfologia poliédrica, bastante robusto, com depressão semi-esférica em uma de suas faces e na outra depressão côncava. Devido sua dimensão (13 cm x 8 cm x 13 cm), que destoa dos instrumentos “quebra-cocos”, foi classificado como “pedra-queijo”.

3.2.2.7.2. Instrumentos Ativos

Novamente usando uma definição generalista os instrumentos ativos servem para transformar a matéria (PROUS, 1986/1990), seja pelas ações de cortar, raspar, furar, macerar, moer, percutir, amassar, etc.

Esses instrumentos podem ser usados brutos, ou seja, utilizados da forma que foram encontrados na natureza, ou então lascados alcançando formas que melhor atendam as necessidades do grupo.

3.2.2.7.2.1. Percutores

São denominados de percutores os instrumentos que de forma genérica,

Correspondem a seixos ou pequenos blocos compactos de rocha, utilizados para os desbastes dos núcleos. Para realizar tal atividade, os percutores devem apresentar uma conformação geral arredondada, na medida em que protuberâncias poderiam provocar seu próprio lascamento durante a percussão (DIAS & HOELTZ, 2007, p. 44).

Não só isso, mas protuberâncias poderiam dificultar a preensão do percutor, e num ato mais intenso, com maior demanda de força, arestas não arredondadas, comum em fragmentos de blocos poderiam vir a machucar o artesão.

Prous continua:

... são os batedores (ou “percutores”), pedras utilizadas como martelos para lascas rochas frágeis, picotear superfícies de pedra”, fincar estacas, etc. (...) Os locais de impacto mostram um esfarinhamento, espécie de picoteamento de utilização. A localização e a disposição destes sinais de uso e o peso das peças permitem distinguir várias categorias, que correspondem também a atividades diferentes. (PROUS, 1986/1990, p. 13)

Diante disso, embora usados para percussão, os percutores apresentam escolhas e usos diferenciados visíveis através das marcas em suas extremidades, como muito bem coloca Prous acima. E por isso, a classificação que segue foi adotada para a coleção do Corredor do Bolso.

3.2.2.7.2.1.1. Percutores plenos

Foram assim definidos os percutores bastante utilizados, com quase a totalidade de sua superfície macerada e/ou picoteada. Seu uso intenso deixou sua morfologia arredondada de fácil preensão, o que atribui um uso pessoal a esses instrumentos, ao mesmo tempo em que não é mais como definir sua proveniência de seixo ou bloco, ou se houve alguma transformação intencional ou não antes de sua utilização.

As marcas de percussão, agregadas ao volume e densidade desses instrumentos, mostram sua utilização em rochas menos densas e provavelmente para obtenção de lascas ou confecção de instrumentos de menor proporção.

Quanto à matéria-prima, 2 percutores são de sílex (sendo um de lenho silicificado); e um de quartzito.



Imagem 31 – Exemplos de percutores plenos.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

3.2.2.7.2.1.2. Percutores em superfície natural

Esses percutores são caracterizados pela utilização de superfícies naturais para o lascamento. É facilmente identificável o uso de nove seixos, sendo três de arenito, dois de siltito silicificado e quatro de quartzo, e um fragmento de bloco de quartzo, para a percussão.

Todos os percutores apresentam parte de sua superfície cortical macerada, mas também fraturas que indicam seu emprego no lascamento de matérias-primas de maior dureza, de porções maiores de rocha, ou mesmo em uma ação de lascamento mais intenso, com maior aplicação de força



Imagem 32 – Exemplos de percutores em superfície natural de seixos de arenito e siltito silicificado.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 33 – Exemplos de percutores em superfície natural de seixos de quartzo.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 34 – Exemplos de percutores em superfície natural de bloco de quartzo
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

3.2.2.7.2.1.3. Percutores em superfície lascada

Dentro dessa classificação enquadram-se cinco percutores, todos em quartzo, que são caracterizados pela utilização de fragmentos de rochas anteriormente

lascados. Provavelmente esses fragmentos são oriundos de lascamentos com técnica bipolar e têm o formato poliédrico.

Suas arestas encontram-se maceradas, mas não de uma forma muito intensiva, o que pode sinalizar o uso de produtos de lascamento para uma percussão expeditiva.

Outra relação possível, é o uso de fragmentos de quartzo para o talhe de suportes também de quartzo, já que a dureza das rochas se equivaleria, tornando o uso dessa matéria-prima recorrente.



Imagem 35 – Exemplos de percutores em superfície lascada
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

3.2.2.7.2.1.4. Percutores brandos

Esses percutores são empregados para o lascamento de rochas menos densas, e/ou de menor proporção, lascamento por pressão e retoques mais delicados. Embora não tenham sido encontrados durante a escavação, sua utilização é perceptível em lascas características da percussão leve ou por pressão. Essas lascas geralmente possuem o talão linear, ou puntiforme (PROUS, 1986/1990) e são recorrentes nos cerritos escavados.

O material utilizado para esse fim provavelmente foram ossos, chifres e madeira.

3.2.2.7.2.2. Batedor-trituradores

São seixos usados em conjunto com bigornas ou “quebra-coquinhos” para macerar, esmagar e/ou triturar. A denominação “batedor-triturador” é retirada de Ribeiro (1983), quando define esses instrumentos como tendo uma forma mais ou menos circular, com picoteamento em todas as laterais e faces, mas possuindo uma face mais alisada que as outras. Já Dias e Hoeltz (1997), a partir de Prous (1986/1990), definem “trituradores” como “seixos usados para triturar pigmentos ou grãos, que exercem pressão/percussão em superfícies côncavas. Este tipo de peça apresenta marcas de picoteamento e estrias em ambas extremidades” (p. 44). As autoras também definem “maceradores” como “seixos utilizados para exercer pressão sobre superfícies lisas. Apresentam faces paralelas ao eixo longitudinal da peça, podendo ter sido usado para esmagar pigmentos ou grãos” (DIAS & HOELTZ, 1997, 44).

Como vimos “maceradores” e “trituradores”, embora possuam a mesma função, são utilizados em superfícies diferenciadas. No entanto, as duas estão corretas e definem bem os “batedor-trituradores” da coleção do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, pois possivelmente as faces das bases onde esses instrumentos foram utilizados inicialmente eram planas e foram ficando côncavas pelo atrito de seu uso. Da mesma forma, os “batedor-trituradores” adquiriram uma face achatada.

Por fim, foram encontrados dois “batedor-trituradores” durante as atividades de campo, sendo um de granito e outro em hidróxido de ferro, duas matérias-primas bastante resistentes, apropriadas à função que lhes foi atribuída.



Imagem 36 – Exemplos de batedor-trituradores
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

3.2.2.7.2.3. Lascas brutas

São lascas utilizadas sem modificações ou retoques. Embora identificadas apenas duas lascas, ambas em sílex, acredita-se na ocorrência frequente de lascas empregadas de forma bruta para cortar. Elas apresentam marcas de uso em apenas uma de suas bordas.



Imagem 37 – Exemplos de lascas brutas utilizadas
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.

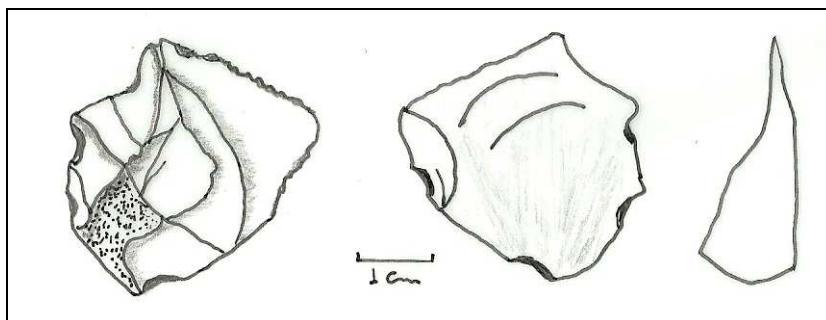


Figura 04 – Desenho representativo de lasca utilizada bruta.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

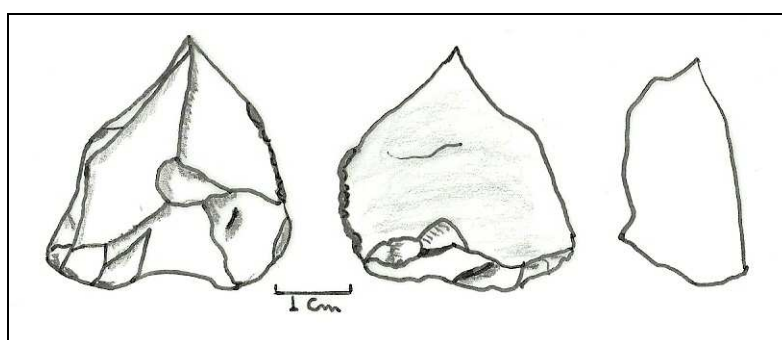


Figura 05 – Desenho representativo de lasca utilizada bruta.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.4. Lascas retocadas sem padrão morfológico

Nessa categoria enquadram seis instrumentos confeccionados sobre lascas, que não apresentam um padrão morfológico ou funcional claro. Apresentam retoques em uma ou nas duas bordas, que poderiam definir sua função tanto para cortar quanto para raspar.

Esses instrumentos apontam para um caráter expeditivo. A exceção é uma lasca de sílex, cuidadosamente retocada em sua parte distal formando uma “ponta entre entalhes” (vide Figura 07 abaixo).

Quanto à matéria-prima escolhida, dois instrumentos são produzidos em arenito, dois em siltito silicificado, um em sílex e um em quartzo. Três deles ainda possuem superfície cortical em sua face dorsal.



Imagem 38 – Exemplos de lascas retocadas sem padrão morfológico.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

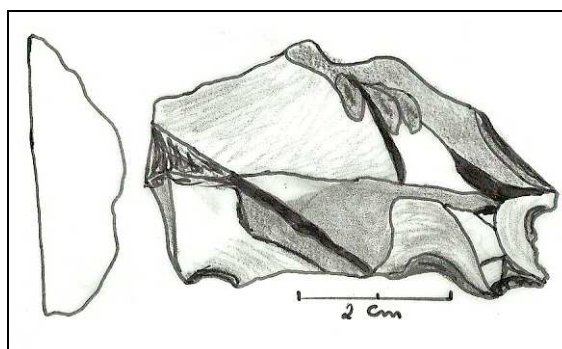


Figura 06 – Desenho representativo de lasca retocada sem padrão morfológico.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.5. Instrumentos sobre lascas corticais

Embora também confeccionados sobre lascas corticais, esse dois instrumentos aqui descritos, ambos de siltito silicificado, possuem uma morfologia circular, com retoques curtos nas partes distais e proximais e no bordo direito, preservando o bordo esquerdo para a preensão. Os retoques, pouco elaborados, diretos e curtos, aproximam as bordas ativas dessas peças dos 90°, o que indicam sua utilização para raspar. Conforme Prous, ao definir objetos utilizados como raspadores: “Seus retoques são curtos, muito oblíquos, e o ângulo do gume formado pela interseção do retoque com a face interna se aproxima de 90°” (p.32).

Esses instrumentos têm uma dimensão maior, destoando do restante dos instrumentos da coleção, aparentando um caráter expeditivo, a julgar pela escolha de lascas corticais, retoques pouco trabalhados e morfologia pouco transformada.



Imagem 39 – Exemplos de instrumentos confeccionados sobre lascas corticais.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

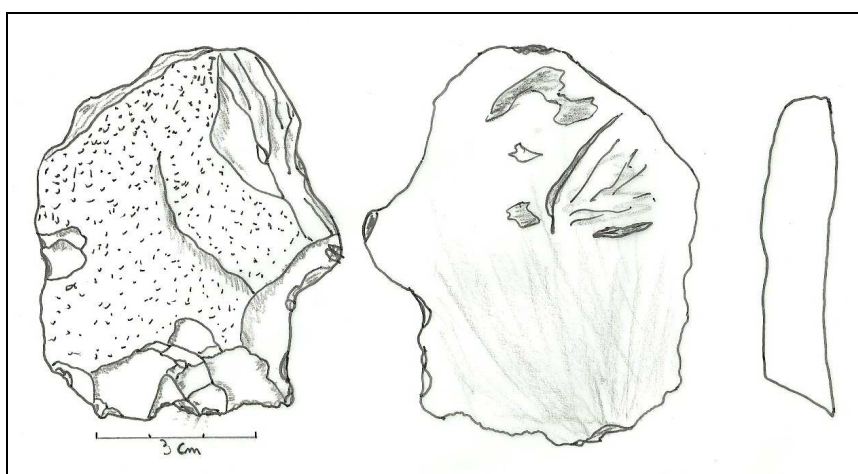


Figura 07 – Desenho representativo de instrumento confeccionado sobre lasca cortical.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.6. Instrumentos sobre seixos sem padrão morfológico

Esses instrumentos são confeccionados sobre seixos, sem um padrão morfológico definido. Novamente é atribuído um caráter expeditivo a eles, pois os

retoques são curtos e diretos e a morfologia é pouco modificada para o uso. Os retoques são próximos a 90°, e a superfície cortica ajuda na preensão das peças.

Os únicos dois instrumentos dessa categoria são produzidos em siltito silicificado.



Imagem 40 – Exemplos de instrumentos confeccionados sobre seixos sem padrão morfológico.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

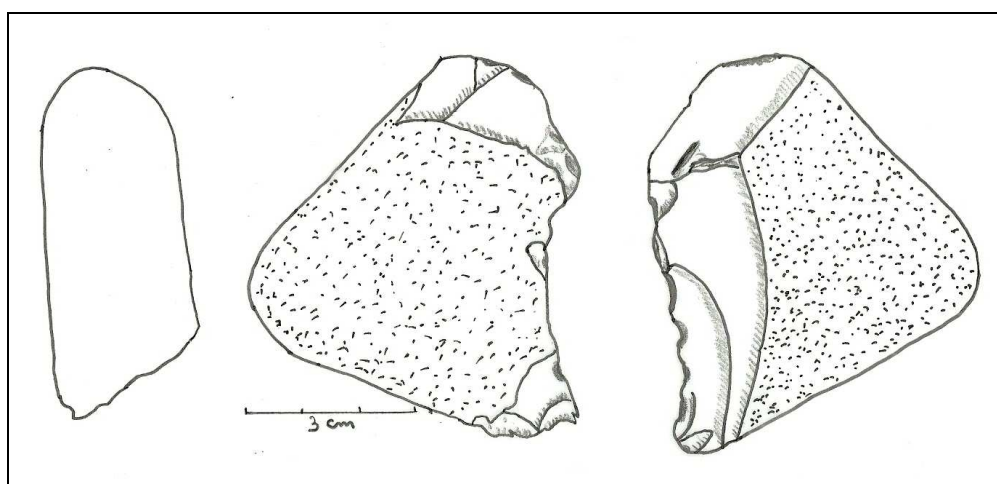


Figura 08 – Desenho representativo de instrumento confeccionado sobre seixo sem padrão morfológico.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.7. Instrumentos sobre seixo com padrão morfológico

Nessa categoria se encaixam três instrumentos, cuja matéria-prima é o arenito, confeccionados sobre pequenos seixos. São caracterizados pela retirada de uma ou mais lascas que geram uma base aplainada e uma aresta próxima a 90° onde são feitos retoques curtos e diretos.



Imagem 41 – Instrumentos confeccionados sobre seixos com padrão morfológico.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 42 – Instrumentos confeccionados sobre seixos com padrão morfológico. Visão lateral.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

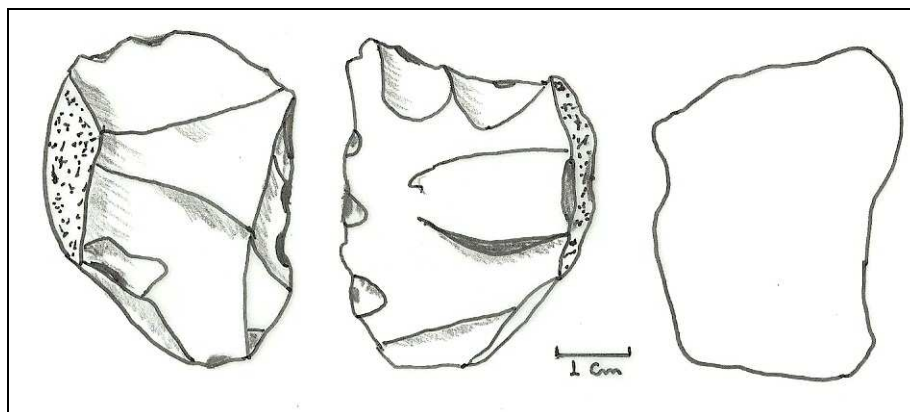


Figura 09 – Desenho representativo de instrumento confeccionado sobre seixo com padrão morfológico.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.8. Raspadores piramidais

Esses instrumentos são caracterizados por retiradas invadentes e retoques que convergem para uma crista ou creta na sua superfície dorsal. Essa crista pode ser linear, formada pelo encontro de duas ou faces intencionais, até mesmo uma face cortical; ou pode ser representada pela retirada de uma lasca anterior a concepção do suporte.

As sequencias de gestos de transformação dos suportes podem produzir, com retiradas invadentes a partir de ambos os lados cetas longitudinais sinuosas: quando as retiradas são muito curtas, preservam porções centrais lisas – testemunhos (prováveis) das faces superiores dos suportes originais (que, nesses casos, podem ser os mesmos que aqueles aproveitados para a fabricação de raspadores e raspadeiras). (FOGAÇA, 1995, p.149)

Os suportes utilizados para a confecção desses instrumentos são lascas unipolares e bipolares de tamanhos bastante reduzidos.

A morfologia desses instrumentos assemelha-se a plano-convexos, não ultrapassando três centímetros de comprimento em média.

Alguns dos retoques são diretos, e alguns são característicos de percussão por pressão. Sua disposição em algumas peças é pontual, já em outras ocupa quase todos os bordos, preservando o talão, normalmente com inclinação de 90°, sendo muito abrupto para utilização.

Mais uma vez, a angulação dos bordos ativos das peças é característica de instrumentos usados para raspar.

Quanto às matérias-primas escolhidas, estão três instrumentos de siltito silicificado, três de arenito, sete de quartzo e três de sílex.



Imagem 43 – Exemplares de instrumentos com morfologia piramidal
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 44 – Exemplares de instrumentos com morfologia piramidal . Visão lateral.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

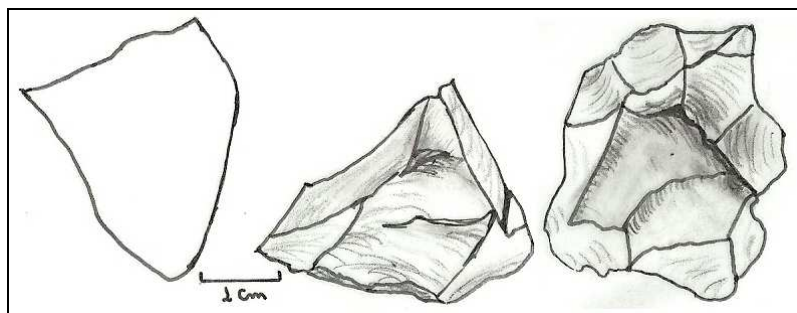


Figura 10 – Desenho representativo de instrumento com morfologia piramidal
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.9. Micro raspadores pendulares

A denominação “micro raspadores pendulares” foi pensada a partir da morfologia recorrente de vinte e quatro instrumentos identificados.

Esses instrumentos são caracterizados pela presença de retoques abrangendo a totalidade ou quase totalidade de um dos bordos da peça de morfologia semi-circular. A parte não ativa dos instrumentos é marcada pelo encontro de duas faces abruptas que podem ser naturais, acidentais, ou mesmo intencionais, formando uma espécie de pêndulo.

Os suportes utilizados são lascas de pequeno porte, não ultrapassando três centímetros em média, pequenos seixos, ou então fragmentos de rochas de formato poliédrico sem definição de orientação morfológica, também de tamanho reduzido.

Os retoques são curtos, diretos e irregulares, alguns poucos parecem ter sido produzidos por pressão ou uso, mas o que se mostra recorrente em quase todos os instrumentos é a intencionalidade de confecção de uma ou mais “pontas entre entalhes”.

O tamanho diminuto desses instrumentos sugere hipoteticamente o uso de encabamento pela difícil preensão dos mesmos. No entanto, não foram encontrados durante a escavação vestígios que pudessem comprovar esse fato, o mesmo não ocorrendo na análise direta dos instrumentos. Possivelmente, o encabamento utilizado tenha sido feito através de alguma substância, como uma resina, pois o tamanho dos instrumentos não permitiria adaptar um cabo de madeira, por exemplo, diretamente sobre sua superfície.

Quanto à matéria-prima empregada, temos cinco peças de sílex, duas de arenito, quatro de quartzito, 10 de quartzo e três de silito silicificado.

Nas bibliografias consultadas, Ribeiro (1983) e Dias (2007), mencionam “micro raspadores pendunculados”, apresentando desenhos e foto. A morfologia e dimensões são semelhantes. No entanto, o termo pedunculado, segundo a compilação presente em Nunes (2008) sugere a produção intencional através de retoques de concavidades laterais, o que não é percebido nos instrumentos aqui descritos.



Imagem 45 – Exemplares de Raspadores Pendulares com a presença de córtex.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 46 – Exemplares de Raspadores Pendulares sem presença de córtex.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

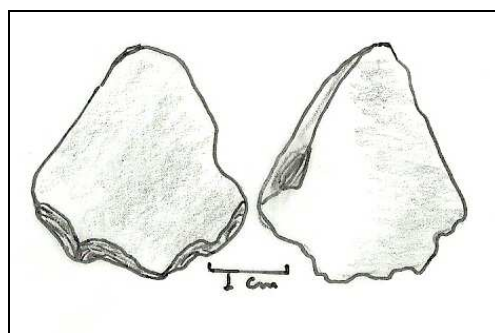


Figura 11 – Desenho representativo de um Raspador Pendular.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

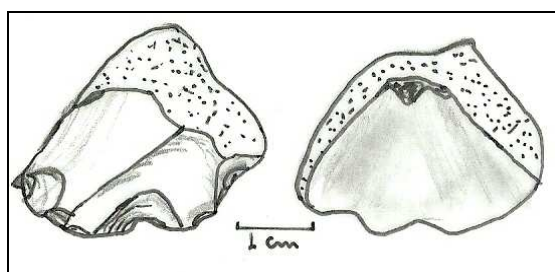


Figura 12 – Desenho representativo de um Raspador Pendular.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

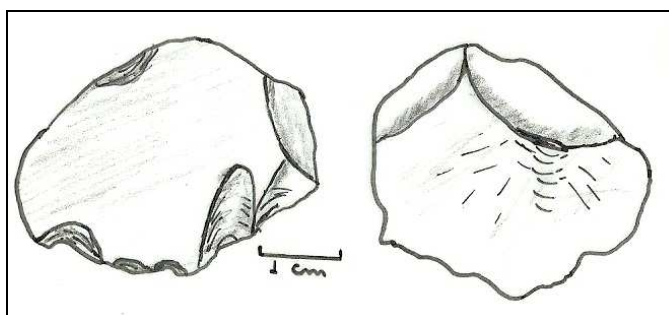


Figura 13 – Desenho representativo de um Raspador Pendular.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.10. Micro instrumentos com entalhe

Esses instrumentos são caracterizados pela presença de um entalhe produzido por retoques sobrepostos.

Ribeiro (1983), descreve lascas com entalhes, “com retoques somente no entalhe em forma de “J” ou em semicírculo; ângulo 70 a 90°” (p.29). No entanto, no caso da coleção dos cerritos não podemos definir como lascas, pois não há nenhuma características que aponte para essa afirmativa. O que se percebe é que esses instrumentos são confeccionados em fragmentos de lascamento não superiores a três centímetros.

Segundo Nunes (2008), através de autores como Tixier (1980) e Caldarelli (1983) esse entalhe é definido pelo termo “coche”, ou retirada clactoniana, que em geral é um entalhe côncavo produzidos por diversas técnicas de retoque, ou uma grande retirada côncava.

Sobre a matéria-prima utilizada temos quatro instrumentos em quartzo e um em sílex.



Imagem 47 – Exemplos de micro instrumentos com entalhe
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

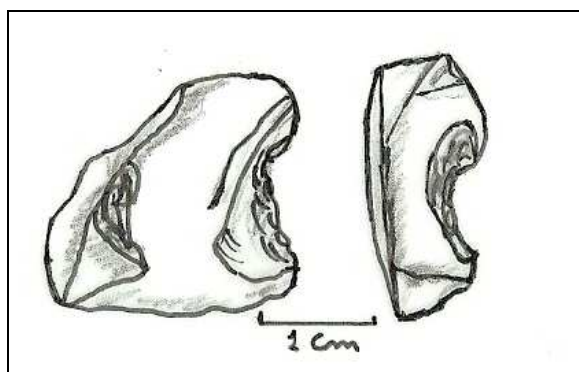


Figura 14 – Desenho representativo de dois micro instrumentos com entalhe
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.11. Raspadores pontiagudos

Esses instrumentos são caracterizados pela sua morfologia multifuncional: raspar por causa do ângulo algo que varia entre 70° e 90° nos bordos ativos; e perfurar devido a extremidade distal pontiaguda.

Os retoques são curtos, diretos e por pressão, distribuídos de forma irregular tanto no bordo esquerdo quanto direito, e convergem para uma crista ou creta central na face dorsal dos instrumentos, modelando uma ponta.

Os suportes desses instrumentos são lascas que foram fraturadas intencionalmente em sua parte proximal, com plano de percussão na sua face ventral, objetivando sua diminuição de tamanho.

É recorrente na coleção fragmentos de lascas com fraturas abruptas, muitas delas apenas apresentando a parte proximal, ou seja, com o talão presente, sem qualquer tipo de retoque ou transformação. Isso pode indicar que os instrumentos aqui descritos foram concebidos diretamente em suportes reduzidos intencionalmente para sua produção.



Imagem 48 – Lascas com fraturas abruptas. Face externa.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, Ricardo Pellegrin Marion



Imagem 49 – Lascas com fraturas abruptas. Face externa.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, Ricardo Pellegrin Marion

Na coleção lítica temos seis instrumentos confeccionados sobre lascas de arenito e um sobre lasca de quartzo.



Imagem 50 – Exemplos de Raspadores Pontigudos.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

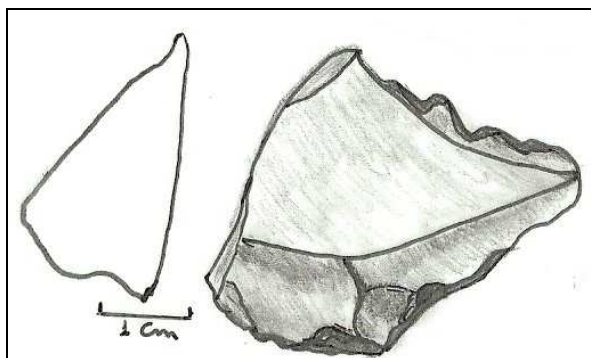


Figura 15 – Desenho representativo de um Raspador Pontiado.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

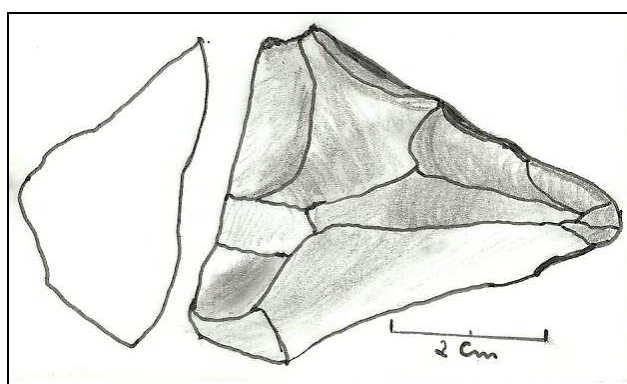


Figura 16 – Desenho representativo de um Raspador Pontiado.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.12. Raspadores unilaterais

Esses instrumentos são caracterizados por retoques em apenas um de seus bordos, apresentando no bordo oposto ao retoque uma quebra abrupta que pode ser ocasionada intencionalmente pelo lascamento, um acidente *siret*, pela posição do talão, ou mesmo pela face ventral da lasca suporte inicial.

Os suportes são diversos, como lascas, pequenos seixos, superfícies naturais e fragmentos de rocha e as dimensões variam entre dois a sete centímetros.

Os retoques são curtos, irregulares, diretos e por pressão, com uma angulação próxima a 90°, o que indica a utilização para raspar.

No total foram identificados trinta e dois instrumentos, sendo oito de quartzo, três de sílex, dois de silito silicificado, cinco de quartzito e quatorze de arenito.



Imagem 51 – Exemplos de Raspadores Unilaterais
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

Ainda existem dois instrumentos, ambos em quartzo, que foram confeccionados sobre suportes naturais, apresentando parte de sua superfície cortical, mas mantendo as características desses instrumentos, um bordo abrupto oposto ao bordo ativo.



Imagem 52 – Exemplos de Raspadores Unilaterais em suportes naturais.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

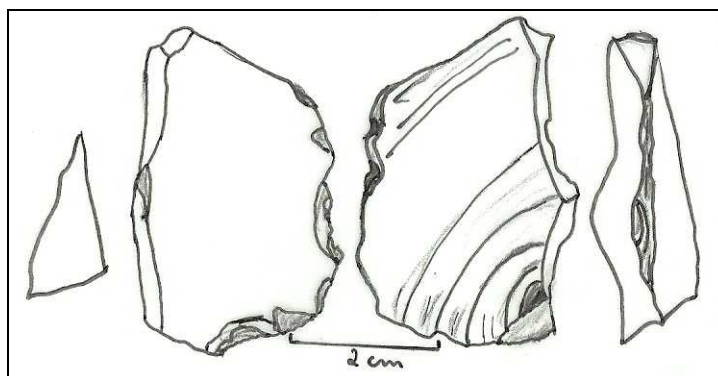


Figura 17 – Desenho representativo de um Raspador Unilateral.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

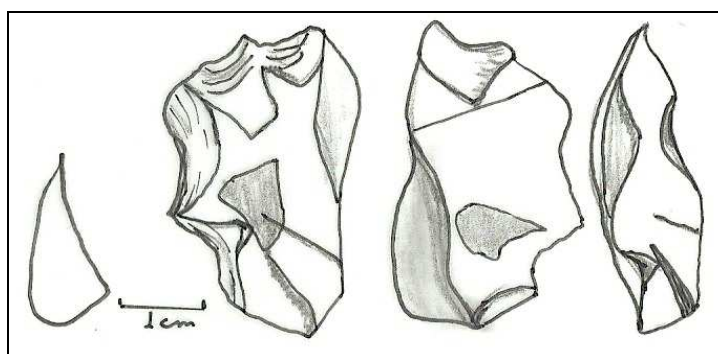


Figura 18 – Desenho representativo de um Raspador Unilateral.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.13. Micro raspadores alongados

Esses instrumentos são confeccionados sobre lascas unipolares e bipolares não maiores que três centímetros em média. Logo, o termo alongado não é aqui empregado devido à dimensão das peças, e sim pela extensão dos retoques nos bordos desses instrumentos.

Os retoques curtos, diretos e irregulares abrangem toda a extensão dos bordos direito e esquerdo desses instrumentos, culminando em uma ponta mais branda, em forma de “U” na parte distal. Algumas peças ainda apresentam retoques inversos e bifaciais que possivelmente objetivavam o melhoramento e/ou reavivamento do gume.

Quanto à matéria-prima utilizada, sete instrumentos são de quartzo e dois de sílex.



Imagem 53 – Exemplos de Raspadores Alongados.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

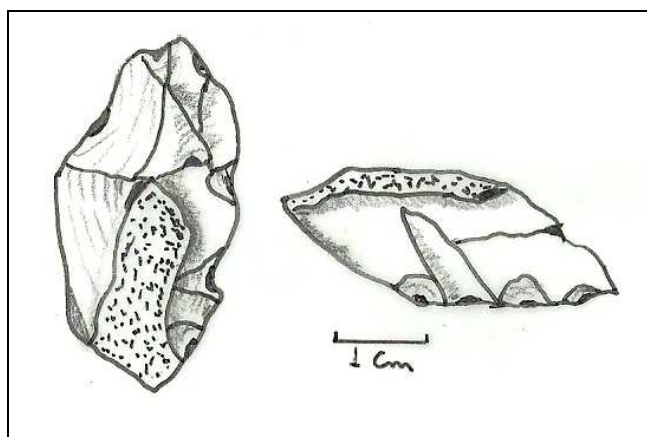


Figura 19 – Desenho representativo de um Raspador Alongado
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

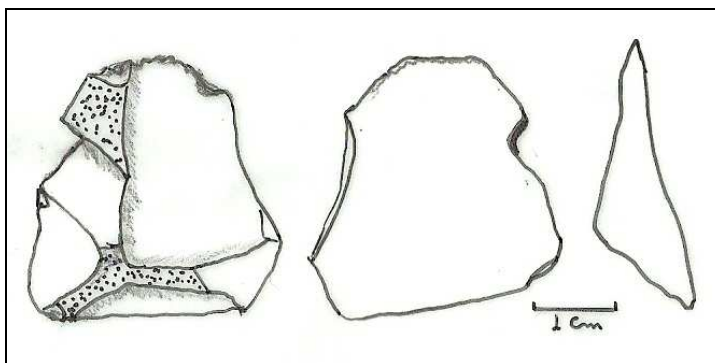


Figura 20 – Desenho representativo de um Raspador Alongado.
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.14. Pré-bifaces

Essas peças não são propriamente o instrumento acabado, mas a julgar pela sua morfologia e a recorrência de instrumentos bifaciais em sítios arqueológicos atribuídos a Tradição Umbu, pode-se considerá-los pré-formas de bifaces.

Seus bordos possuem retiradas alternantes, algumas delas invadentes que objetivam o adelgaçamento das peças. Um delas apresenta uma retirada dorsal que forma uma crista que orienta as demais retiradas, mas também parece buscar afinar a peça.

Dias (1997), acredita que formas pré-bifaciais produzidas sobre lascas, como essas identificadas, podem dar origem a pontas de projétil, como vemos na afirmação a seguir:

As pré-formas de ponta de projétil originam-se a partir da modificação primária bifacial de uma lasca ou biface que lhe confere forma triangular através de retoque por percussão direta com percutor brando que será preservada no corpo da ponta de projétil, após o retoque por pressão que dá origem as aletas e ao pedúnculo. Nesta etapa de produção, a pré-forma pode sofrer também modificação em sua espessura, através de retoques invasores, facilitando o encabamento e melhorando sua amplitude de vôo. (p.48)

Algumas lascas identificadas na coleção são características de remoção intencional do dorso de algumas peças, readequando o volume das mesmas.

É perfeitamente possível afirmar a existência da fabricação de peças bifaciais, ou de lâminas, etc. apenas porque encontram-se resíduos característicos da sua elaboração; é o caso, por exemplo, de lascas de

adelgaçamento de peças plano-convexas ou foleáceas; (PROUS, 1986/1990, p.28)



Imagem 54 – Lascas características de readequação volumétrica. Face externa.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 55 – Lascas características de readequação volumétrica. Face interna.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

A matéria-prima dos dois pré-bifaces identificados é o arenito.



Imagem 56 – Pré-Bifaces.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

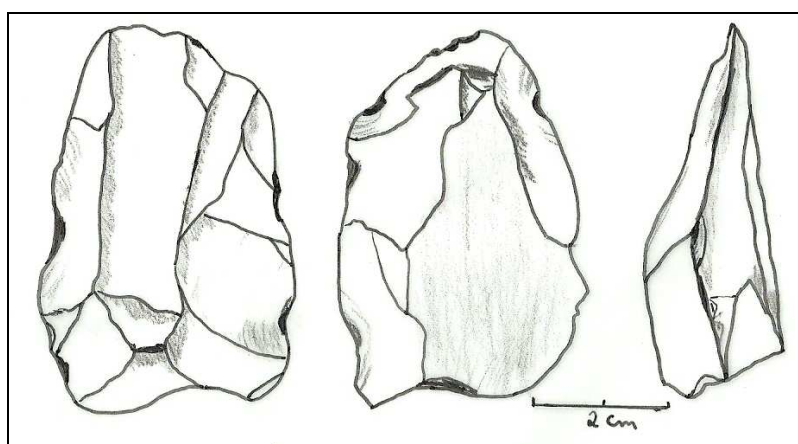


Figura 21 – Desenho representativo de um Pré-Biface.

Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.2.15. Instrumentos bilaterais

Os instrumentos dessa categoria são caracterizados por retiradas bilaterais e retoques alternantes produzindo um gume em toda a sua circunferência, excetuando-se a região do talão.

O suporte utilizado para os três instrumentos são lascas corticais robustas de granito (dois instrumentos) e arenito (um instrumento).

Esses instrumentos não foram considerados bifaciais, pois as retiradas que dão sua morfologia não foram concebidas nas mesmas zonas dos bordos.



Imagem 57 – Instrumentos Bilaterais. Face externa.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 58 – Instrumentos Bilaterais. Face interna.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

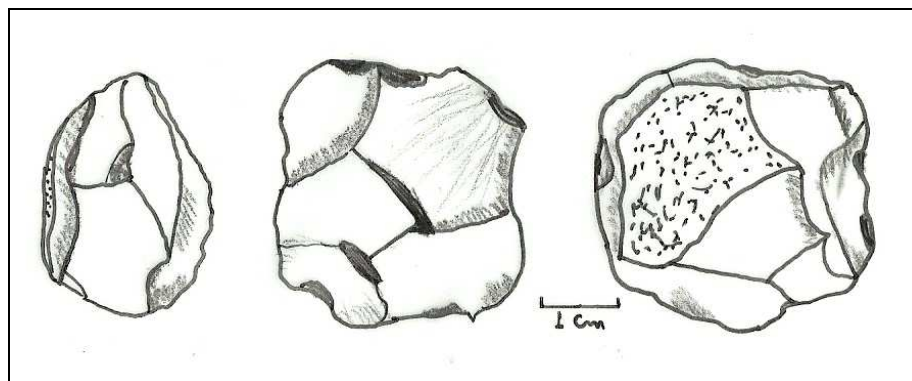


Figura 22 – Desenho representativo de um Instrumento Bilateral
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

3.2.2.7.3. Instrumentos ligados à atividade de caça

Os instrumentos aqui classificados são considerados pela bibliografia como instrumentos ativos, já que possuem função clara de atingir a presa pelo uso da força, através de um movimento dinâmico. No entanto, por ter uma funcionalidade visível ligada a caça, ou mesmo para a defesa do grupo, esses instrumentos não são utilizados de forma direta, necessitam de propulsores para seu arremesso ou uso incisivo.

Dessa forma, foram classificadas aqui as pontas de projétil e as bolas de boleadeiras.

Esses objetos possuem uma conotação simbólica pelo seu uso individualizado pela figura do caçador, e geralmente são encontradas em estruturas de enterramento, como os cerritos, juntos aos corpos.

Na coleção foram encontradas uma ponta de projétil fraturada produzida em sílex, 5 bolas de boleadeiras todas quebradas e bastante erodidas, sendo três de rocha basáltica, uma em granito e uma em anfíbolito.

Chama a atenção a ocorrência apenas desses objetos danificados sem condições de uso. Esse fato pode estar ligado à uma área de descarte, ou mesmo esses materiais serem usados como elementos construtivos e/ou simbólicos na construção dos cerritos.

A ocorrência de pontas de projétil vincula, de acordo com a bibliografia tradicional, o Sítio Arqueológico Corredor do Bolso a Tradição Umbu, visto que esses instrumentos são tidos como fósseis guias dessa Tradição.



Imagem 59 – Ponta de projétil fraturada.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion.



Imagem 60 – Exemplos de fragmentos de boleadeiras.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

3.2.2. Os fragmentos cerâmicos

A coleção cerâmica proveniente dos trabalhos de campo do Sítio Arqueólogo Corredor do Bolso é composta por 599 Fragmentos e, ao contrário do material lítico, foi melhor estudada em publicações passadas.

Assim, a análise desses fragmentos foi embasada nos artigos publicados nos anos 2002 e 2003¹¹, aliada a um estudo superficial e comparativo com os dados já divulgados.

De imediato, percebeu-se uma possível mescla das Tradições Arqueológicas Viera e Guarani na coleção, sendo atribuídos 70% dos fragmentos a Tradição Guarani (MILDER, et al. 2002a).

Esse dado, parte da análise elementos decorativos, tratamento de superfície e técnica de manufatura da cerâmica. Dessa forma, fica claro que na coleção existe uma predominância da técnica de manufatura acordelado, seguido do moldado; os tratamentos mais ocorrentes são o corrugado e ungulado, também deve-se mencionar o alisado; já a decoração, quando presenciada, é bastante diversificada: pintura vermelha sobre branco, somente vermelha, ou somente branca, e decorações plásticas como o ponteadado, o inciso, o trançado e o nodulado (MILDER, et al. 2003b).

As espessuras dos fragmentos variam de 8 a 11 mm, a granulometria do antiplástico pode chegar a 3,5 mm, devido a ocorrência de grânulos de quartzo na massa.

Outro dado significativo é o grau avançado de erosão de alguns fragmentos cerâmicos o que dificulta a sua descrição.

Diante desse quadro, os autores deixam em aberto a questão de sobreposição, assimilação, ou outra forma de contato entre as Tradições Vieira e

¹¹ MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio, PEDROSO, Alexandre Vijante; ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. **Informe preliminar sobre o estudo da cerâmica pré-colonial dos aterros do sul brasileiro**. In: Anais Completos VI Encontro de Iniciação Científica e II Encontro de Pós-Graduação. São José dos Campos, v. 2, 2002a.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio; ZIMPEL NETO, Carlos Augusto; CRUZ, Daniel Gabriel. **A Variabilidade Cerâmica Intrasítio como Processo Adaptativo de um Grupo Pré-Colonial Pampeano: o cerrito Corredor do Bolso, São Gabriel-RS**. In: Anais Completos VII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Pós-Graduação. São José dos Campos, v. 2, 2003b.

Guarani, reduzindo a relação a estrutura cerrito e a presença majoritária de cerâmica Guarani (MILDER, et al. 2002a; MILDER, et al. 2003b).

Contudo, o que parece ocorrer é uma reocupação de diferentes culturas em no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso em momentos distintos, como será melhor discutido no Item 3.3.



Imagem 61 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face externa.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 62 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face interna.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 63 – Fragmentos cerâmicos com decoração pintada. Face externa.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 64 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face interna.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 65 – Fragmentos cerâmicos com decoração unglada. Face externa.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion



Imagem 66 – Fragmentos cerâmicos com decoração corrugada. Face interna.
Fonte: Acervo LEPA, 2010, por Ricardo P. Marion

3.3.3. Análise do esqueleto

Como dito na Introdução desse trabalho, o motivo que mobilizou as pesquisas no Sítio Arqueológico Corredor do Bolso foi a descoberta de um sepultamento pelo proprietário da área do sítio.

Dessa forma, para descrever os restos do esqueleto encontrados utilizar-se-á o texto escrito por Milder et al. (2003a):

Segundo o relatório da arqueóloga Silvia Piedade¹² seria um indivíduo masculino, jovem, apresentando marcas de cortes em dois ossos. Na epífise proximal do fêmur, provavelmente causado recentemente, e na escápula esquerda, localizados (cortes) na porção compreendida entre o colo da cavidade glenóide e o acrômio, provavelmente causado no momento do corte de ligamento, para o desmembramento do indivíduo para o enterramento secundário em urna.

Apresenta ainda, oito fragmentos de crânio, cujas suturas não estão obliteradas, configurando um indivíduo jovem, Um fragmento de diáfise de úmero e um fragmento de osso de quadril.

O pouco desgaste dos dentes confirma a informação observada na satura craniana do indivíduo jovem, que possuía na dieta escasso consumo de amido e carboidratos oriundos de milho, mandioca, amendoim etc. Esta dieta é tradicionalmente ligada aos grupos horticultores pré-coloniais que, de acordo com os relatos dos cronistas do século XVII e XVIII, fabricavam estes utensílios funerários (urna).

Como é perceptível o enterramento é atribuído a horticultores, no caso do Sítio Corredor do Bolso ao grupo Guarani.

3.3. Resultados

Mediante do que foi exposto, resolveu-se analisar o conjunto lítico e cerâmico de modo sistêmico, compreendendo todos os elementos como constitutivos de um cenário onde houve diferentes ocupações e/ou reocupações.

Como não foi possível o registro de estratigrafias, a cultura material surge como o esteio que sustenta duas ocupações distintas: uma de grupos caçadores-coletores pré-cerâmicos, construtores de cerritos, e outra posterior por grupos Guarani.

¹² Arqueóloga (MAE-USP) do projeto Proja-Par.

As datas obtidas para o Sítio Corredor do Bolso através de sedimentos e fragmentos cerâmicos, divulgadas por Soares (2005), mostram uma ocupação atribuída a caçadores que se estende de 2.600 A.P a 2.400 AP, uma ocupação para a cerâmica Vieira por volta de 1.370 A.P. e uma data para a cerâmica Guarani em 175 A.P. Essa sobreposição de culturas citada por Soares é descrita anteriormente como hipótese nos Relatório emitidos logo após a escavação. No entanto, o material analisado não mostrou diferenças tecnológicas no material lítico e também não foram percebidos de maneira afirmativa fragmentos de cerâmica Vieira. Dessa forma, pode-se considerar uma ocupação de grupos cerriteiros, que se estende de 2.600 A.P a 1370 A.P. e uma ocupação Guarani mais recente, que se mostra superficial no sítio por volta de 175 A.P.

Seriam necessárias mais datações e uma estratigrafia clara para chegar a conclusão de crescimento contínuo dos cerritos, como mencionado por Bracco Boksar e Pantazi (1999). Mesmo assim, ao que parece, os cerritos foram ocupados por um longo período de tempo.

Contudo, esse trabalho vai se ater nas estruturas monticulares e no material arqueológico lítico atribuído a seus construtores, e tentar relacionar como a ocupação ceramista Guarani.

Sendo assim, embora o sítio estivesse bastante impactado, buscou-se inicialmente, entender a dispersão espacial da cultura material lítica resgata, para que agregada com sua análise fosse possível reconstituir um contexto de ocupação do grupo cerriteiro (Figura 23).

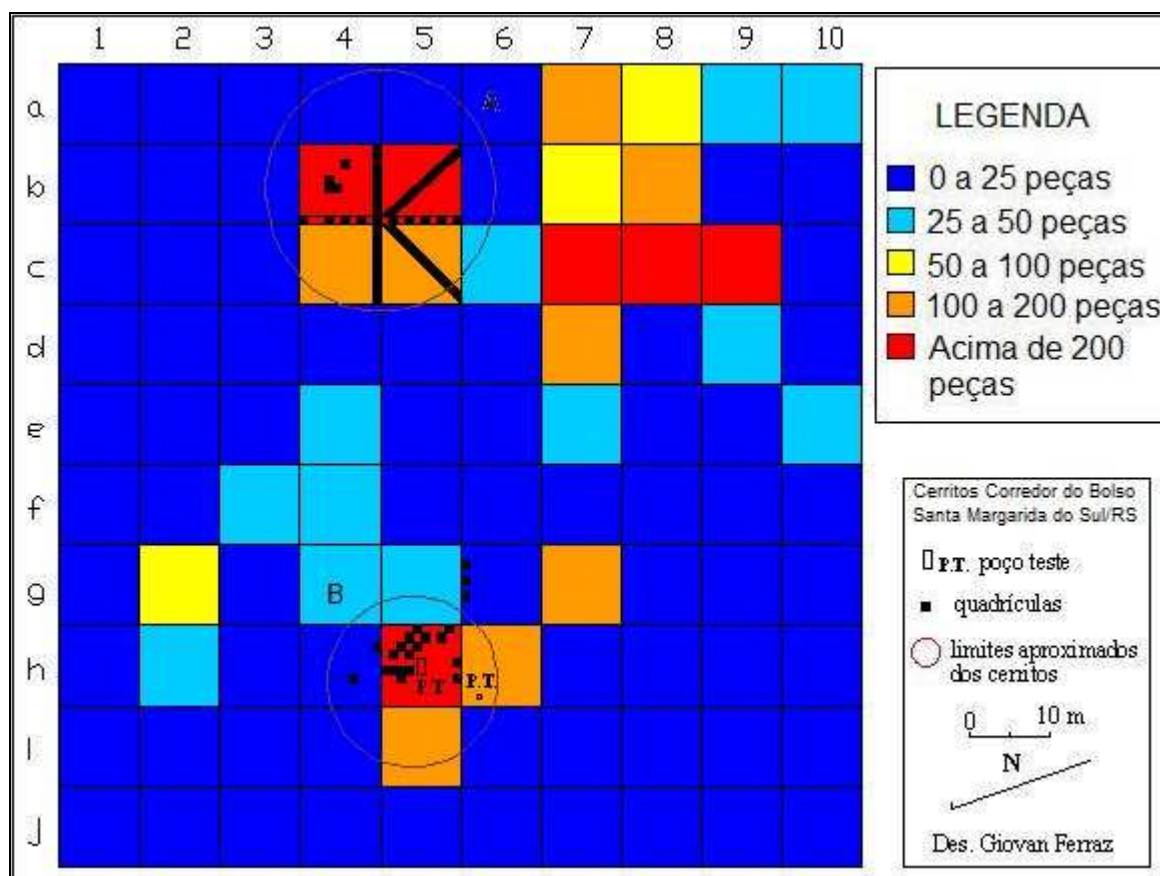


Figura 23 – Dispersão espacial do material lítico resgatado
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

Como vimos na figura acima, existe uma área de concentração de materiais líticos podendo indicar o local do acampamento, ou uma área de atividades específica dentro do grupo. Essa ideia fica mais evidente quando relacionamos a dispersão de todo o material lítico com a dispersão dos instrumentos.

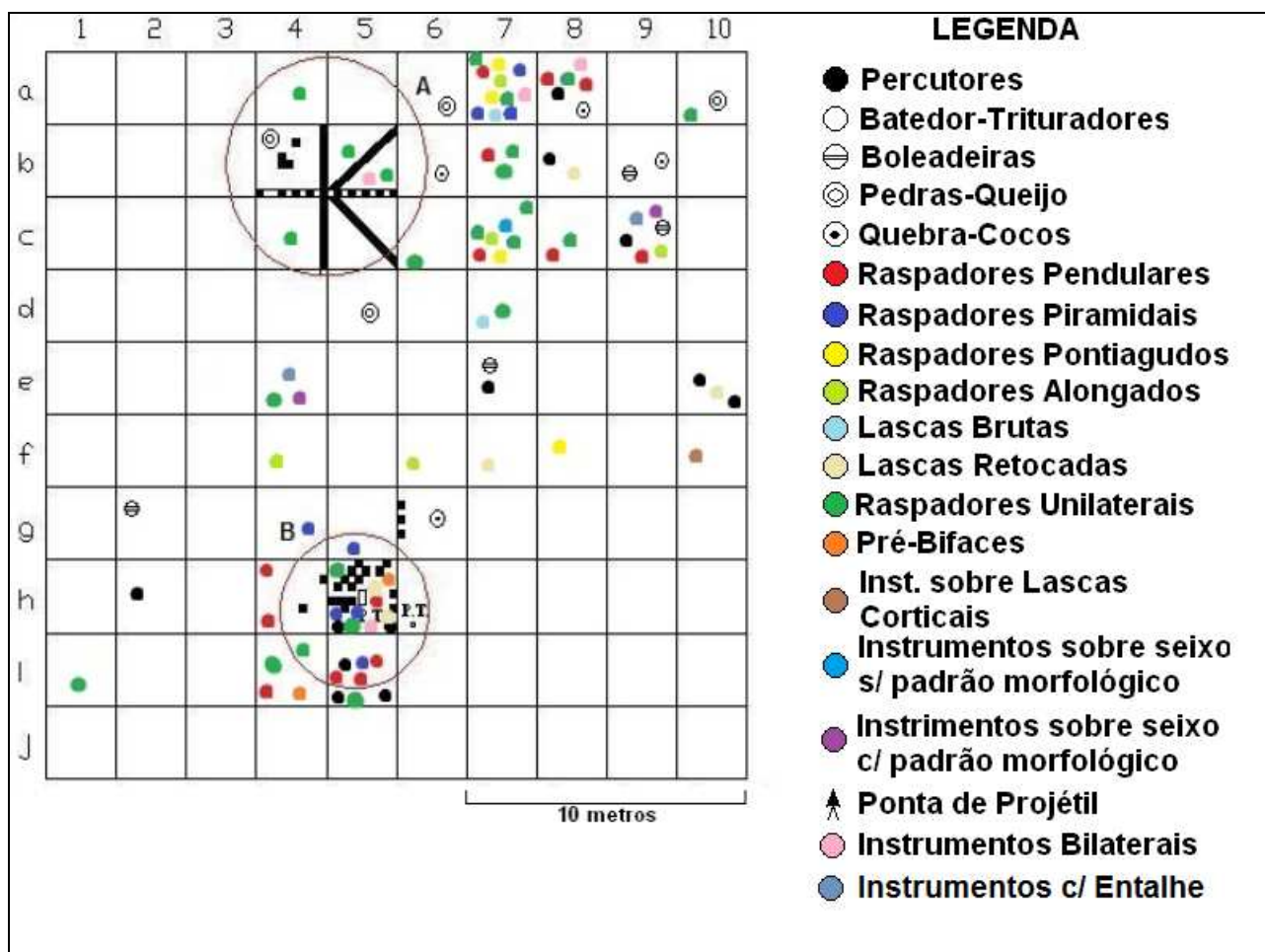


Figura 24 – Dispersão espacial dos instrumentos líticos identificados
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

Quanto às áreas circunscritas pelo cerritos, alguns instrumentos foram encontrados¹³ nas áreas escavadas, como podemos ver a seguir:

¹³ Infelizmente, devido a problemas no catálogo, houve dúvidas quanto à localização de alguns instrumentos, outros ficaram fora da área delimitada pela área de intervenção (n.º catálogo 238), e algumas peças tinham seu número de catálogo apagado. Mesmo assim acredita-se que para ilustrar a área de ocupação e a concentração de materiais sobre o cerritos os dados disponíveis foram usados com êxito.

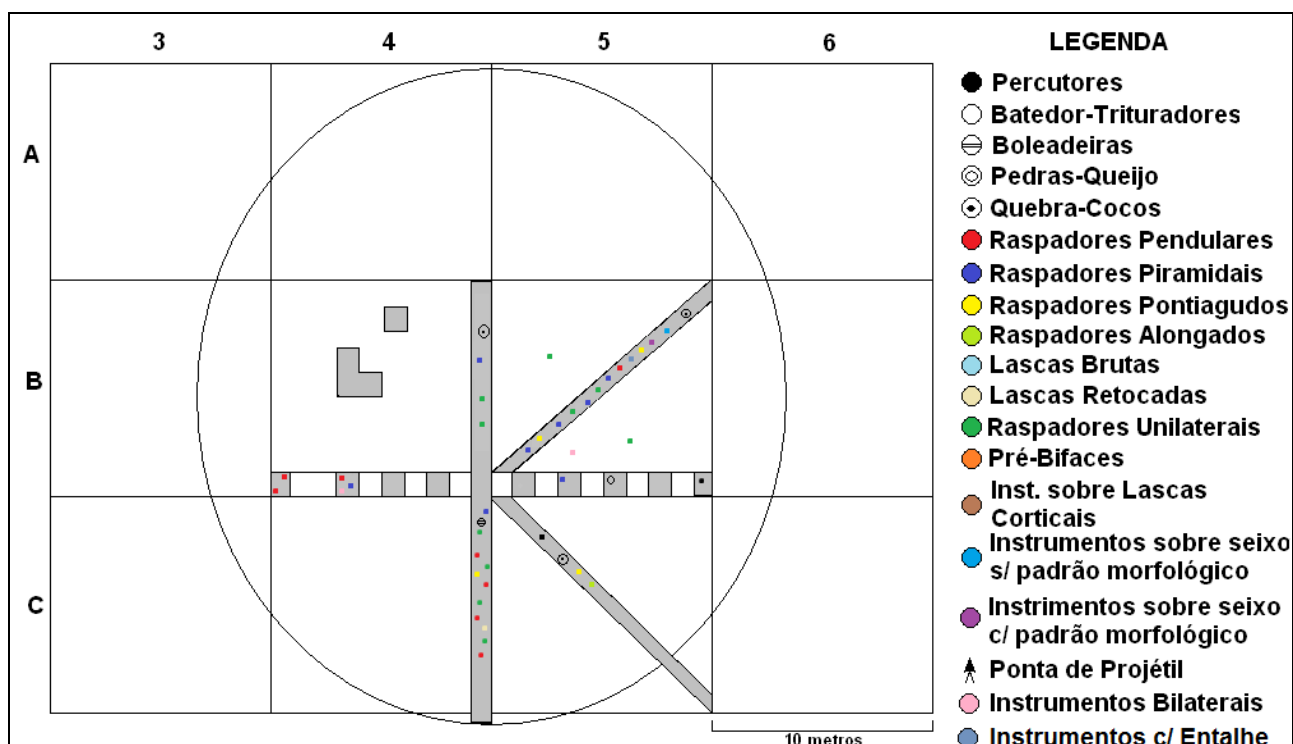


Figura 25 – Dispersão espacial dos instrumentos líticos identificados na área escavada do Cerrito "A"
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

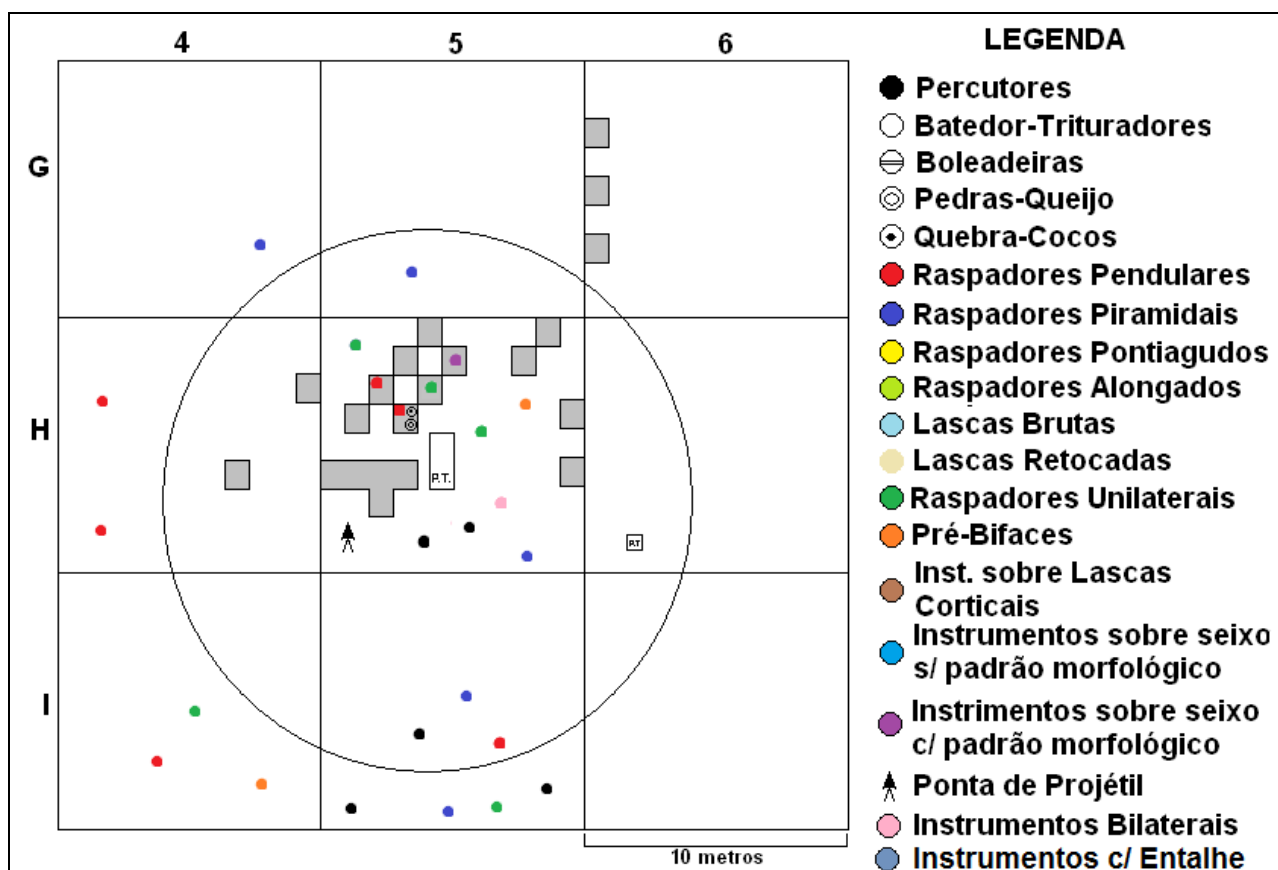


Figura 26 – Dispersão espacial dos instrumentos líticos identificados na área escavada do Cerrito "B"
 Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

Como fica claro, os instrumentos também se mostram recorrentes dentro da área delimitada dos cerritos e em área adjacente.

Esses dados colocam em dúvida a ideia de cerritos como uma estrutura de habitação, possuindo sim essas estruturas, um significado simbólico dentro do grupo que os construíram.

Mas e os materiais escavados nos cerritos? E que tipo de simbolismo os cerritos possuem?

Considerando o aspecto do solo arenoso da região dos cerritos, é possível que o grupo ao construí-los tenha percebido que ao juntar esse solo à erosão pluvial e também fluvial, logo faria com que a estrutura desaparecesse.

Dessa forma, os membros do grupo passaram a misturar ao solo materiais rochosos que estavam disponíveis, como fragmentos de rochas. Muitos desses fragmentos sequer foram lascados, e também amontoar resíduos de lascamento e instrumentos sem serventia, a citar a meia ponta de projétil.

Agregar componentes no solo para a sua estabilização é atualmente usado em projetos de engenharia como construção de estradas. O processo de agregar componentes rochosos no solo modificando a granulometria chama-se Estabilização Mecânica ou Granulométrica (WALLAU, 2004).

Bracco e Pantazi (1999) observaram algo semelhante nos cerritos por eles escavados, mas em relação a resíduos de combustão, que estavam dispostos de forma “empacotada” na estrutura dos cerritos, que levou à interpretação de que o carvão estava sendo usado como material construtivo junto com o material lascado.

Os diários de campo falam em solo antropogênico nas estruturas do cerrito; é provável que esse solo tenha sido levado para a estrutura juntamente com os materiais lascados. Mas isso também não descarta por completo o significado simbólico desse solo para o grupo, visto que é o solo de sua ocupação.

Quanto ao simbolismo das estruturas como um todo, embora não tenham sido encontrado indícios de enterramento, parece que elas tenham sido construídas para esse fim. Essa afirmação traz à tona uma discussão quanto a complexidade social do grupo cerriteiro que não será abordada (Milder, et al. 2003a).

Um aspecto que colabora com essa hipótese de estrutura funerária é a ocupação Guarani. Mais que apenas fragmentos cerâmicos e um indício de ocupação, os Guaranis deixaram evidências de pelo menos uma urna funerária sobre um dos cerritos, o que mostra uma forma de dominação simbólica de um grupo sobre o outro, ou mesmo, uma percepção do grupo Guarani do significado cultural da área onde estavam inseridos os cerrito, fazendo dali um lugar apropriado para seus enterramentos. Embora sejam conjecturas hipotéticas, esse tipo de associação material, cultura Guarani disposta superficialmente sobre os cerrito, é bastante comum. Como exemplo temos os trabalho de Milder et al. (2003a), Ribeiro (1983) e Cabreira e Marozzi (1997a).

Entre estos rasgos cabe destacar la localización de una urna funeraria de tipo tupiguaraní, la única ubicada en nuestro medio asociada a "cerritos de indios"; enterramientos humanos diversos que incluyen individuos de variadas edades (niños, jóvenes, adultos de edad avanzada), mostrando em algunos casos ofrendas funerarias complejas y elaboradas. (CABRERA e MAROZI, 1997a, p.55)

A partir da dispersão do material cerâmico (visível na Figura 27), mais a análise apresentada anteriormente, fica possível fazer algumas inferências:

- A primeira é quanto a baixa densidade de fragmentos cerâmicos como um todo, e principalmente fora da área circunscrita pelos cerritos. O baixo número de fragmentos cerâmicos é muito reduzido em comparação á uma área de habitação Guarani, não havendo uma área de concentração dos mesmos, como ocorre com o material lítico;
- A concentração de fragmentos sobre os cerritos remete a ideia de apropriação simbólica dos cerritos como estrutura funerária, corroborado pela presença da urna funerária.
- Seguindo, os fragmentos estão bastante dispersos na área considerada para a atividade de campo, ocorrendo quadrantes com ausência de fragmentos. Quando eles ocorrem é perceptível sua ampla distribuição, sem uma área de concentração fora dos cerritos. Isso decorre devido a ocupação Guarani ser bastante superficial, sendo mais suscetível ao impacto de atividades agrícolas;
- Como foi visto, existe uma dúvida em relação a associação tecnológica de 30% dos fragmentos cerâmico, que são atribuídos intrinsecamente

a Tradição Vieira, atrelada a construção de cerritos. No entanto, faltam dados para essa associação se torne efetiva, e na visão desse trabalho a ocupação ceramista é atribuída somente ao grupo Guarani devido alguns fatores: o solo arenoso, mais o impacto ocasionado pela atividade agrícola acelerou a degradação de muitos fragmentos cerâmicos dificultando sua análise e a dinâmica de adaptação do grupo ceramista ao ambiente pode ter ocasionado uma variabilidade local nas características da cerâmica Guarani (Milder *et al.* 2003b). Dessa forma, acredita-se que houve uma associação antecipada da ocorrência de cerâmica Vieira no Sítio Corredor do Bolso, dada principalmente pela existência dos cerritos e pelo aspecto erodido de alguns fragmentos.

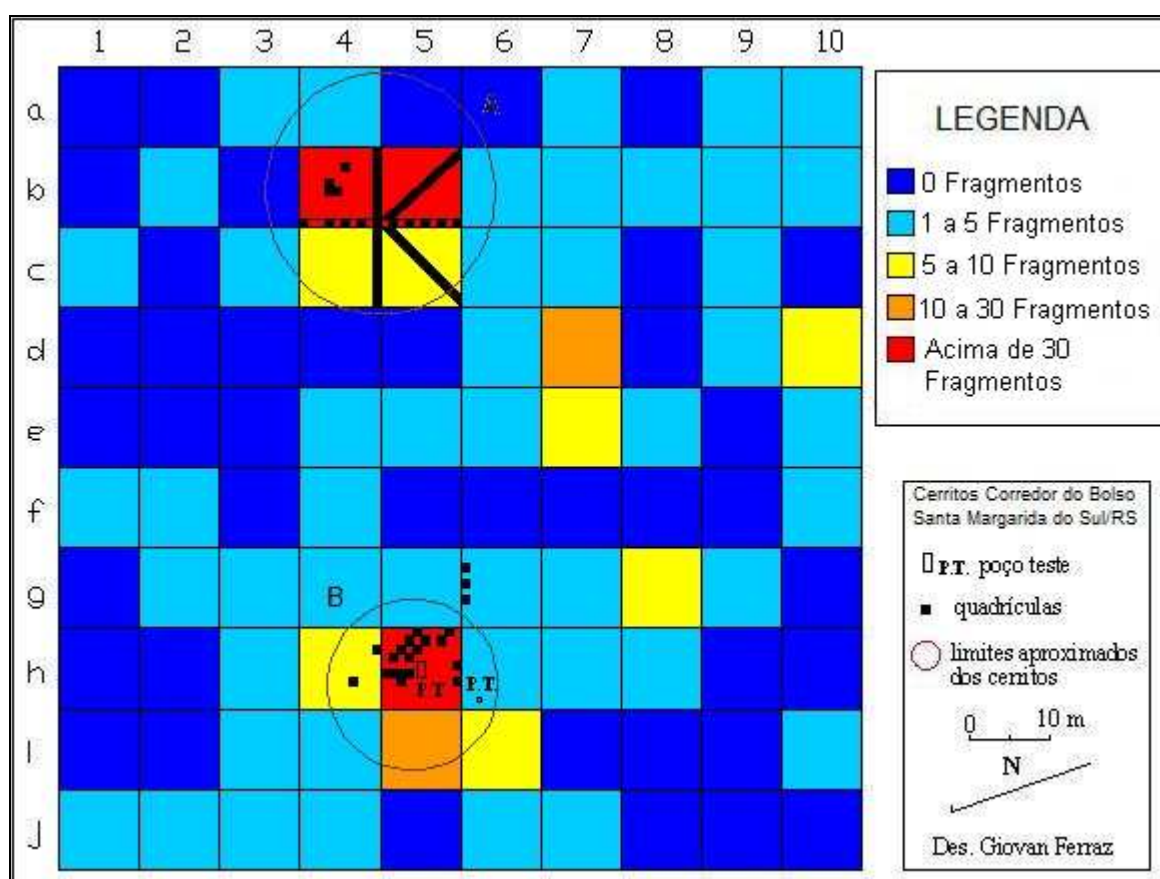


Figura 27 – Dispersão espacial dos fragmentos cerâmicos
Fonte: Acervo LEPA, 2010, elaborado pelo autor.

Voltando à área de concentração material adjacente ao cerrito “A” podemos considerar alguns aspectos para essa ocupação.

Ao que parece, a julgar pela quantidade de cultura material resgatada e pelas datas obtidas, a densidade populacional do grupo é baixa e o tempo de permanência no local é esporádico, provavelmente sazonal. Talvez, por isso, não se tenha encontrado indícios de estruturas domésticas, como fogueiras, nas áreas de maior concentração material.

A indústria lítica do grupo é constituída basicamente sobre lascas com o caráter expeditivo. A técnica empregada para o lascamento é predominantemente a unipolar. O emprego da técnica bipolar é constatado nas peças de matéria-prima quartzo, que pela sua dureza e resistência ao lascamento necessitam de maior força para o rompimento inicial de seixos ou blocos. Na sequência, alguns produtos do lascamento bipolar, são também debitados pela técnica unipolar. Dessa forma a técnica utilizada para o lascamento está diretamente ligada a oferta de matéria-prima, como muito bem coloca Dias (2007), ou se referir á sítios arqueológicos vinculados à da Tradição Umbu:

As estratégias de seleção das matérias-primas nos sítios da Tradição Umbu indicam exploração preferencial dos recursos mais abundantes nos locais de implantação dos sítios. O aproveitamento das matérias-primas apresenta-se relacionado com as tecnologias de produção utilizadas, sendo a variabilidade observada entre sítios decorrentes das estratégias tecnológicas predominantes em cada conjunto (p. 41).

Os instrumentos, com exceção das pontas de projétil e as boleadeiras, são pouco elaborados e utilizam suportes pequenos, o que dificultaria o reavivamento constante dos gumes, ou então, a reformulação morfológica da peça. Com isso, é mais apropriado produzir um novo suporte e rapidamente confeccionar um novo instrumento, o que explicaria a recorrência de instrumentos na estrutura dos cerritos, descartados e/ou reutilizados como material construtivo.

Em contrapartida, a recorrência de pequenos instrumentos de fácil elaboração e de caráter aparentemente expeditivo, pode indicar uma espécie de encabamento, já que a morfologia de muitos instrumentos tem ângulos abruptos opostos aos bordos ativos. No entanto, esse encabamento deveria ser realizado com resina, pois não haveria superfície suficiente para a fixação de um cabo por amarração, por

exemplo. De palpável, não foram encontrados vestígios de encabamento durante a atividade de campo.

As dimensões reduzidas dos instrumentos podem causar limitações em seu uso ou reaproveitamento, por outro lado, para um grupo caçador-coletor de mobilidade sazonal representaria facilidade no transporte. Quintana (2010) chama a atenção para outro fator que vai de encontro com a realidade dos instrumentos do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso:

Outro fator que influencia no funcionamento do instrumento é o formato da linha de gume. Linhas de Gume curvas são apropriadas para cortar e talhar. Sua área de ação é maior e melhor aproveitada. Já as linhas de gume retas são mais adequadas a furar e fatiar, mas limitam-se a uma área de ação menor. Note-se que os instrumentos da coleção em estudo possuem linhas de gume de ambos os tipos, entretanto seus ângulos são maiores de 70°, encaixando-se nas atividades de raspar. (p. 96)

Quanto à pouca quantidade de núcleos, acredita-se que tenham sido esgotados e fraturados após não terem mais como dar condições de obter novas lascas. Essa atitude pode indicar uma forma de economia de matéria-prima, que embora abundante e diversificada, não é presente próxima ao sítio arqueológico. Ainda segundo Dias (2007) a baixa frequência de núcleos indica que as matérias-primas sofreram um processamento inicial nos locais de coleta. O baixo número de lascas corticais também converge para a ideia de uma redução inicial dos suportes nas áreas de obtenção de matéria-prima.

Assim em comparação com outros sítios arqueológicos com a presença de cerritos, o Sítio Arqueológico Corredor do Bolso segue um padrão de assentamento típico dessas estruturas: área alagadiças, próximos a várzeas de rios. Mas possuir uma variabilidade regional parece ser uma constante entre os cerritos, principalmente quanto ao material lítico e a existência ou não de fragmentos cerâmicos.

Talvez seja essas diferenciações, encontradas de um sítio para o outro, que dificulte afirmações concretas sobre essas estruturas, o que torna cada dado obtido uma verdadeira descoberta.

CONCLUSÃO

Apesar do longo histórico de pesquisas os cerritos são estruturas ainda pouco conhecidas pela arqueologia, principalmente quanto sua finalidade. Esse fato se dá pela grande variabilidade regional, principalmente em termos de recursos naturais, oferta de matéria-prima e formas de relevo, que reflete na cultura material encontrada.

Mesmo assim, existem recorrências quanto o estabelecimento dessas estruturas em áreas alagadiças, o talhe bipolar de quartzo e a presença de pontas de projétil e boleadeiras na cultura material.

Pensando nisso, esse trabalho objetivou contribuir em três escalas: a primeira, de caráter desafiador, foi dar um significado em um contexto mais amplo as peças resgatadas no Sítio Corredor do Bolso, depois de 12 anos da realização das atividades de campo; a segunda, de aspecto regional, foi iniciar as pesquisas com cerritos na região central do Estado do Rio Grande do Sul, uma área tida como longe da “área nuclear” de concentração dessas estruturas; e a terceira, de alcance macro, levantar novos dados para o estudo dos cerritos como estruturas arqueológicas recorrentes nas “*tierras bajas*” da Região Platina.

Para tanto, buscou-se conhecer a coleção arqueológica, entender o modelo de ocupação dos grupos cerriteiros, reconstruir o espaço natural e interpretar o espaço social desses indivíduos, preservando a identidade do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso dentro de um contexto mais amplo. Como resultado obteve-se uma série de elementos que quando relacionados reconstituem um cenário.

Partindo da análise da cultura material, documento remanescente de imediato foi possível perceber três dados bastante importantes para o início das pesquisas: a presença de duas estruturas monticulares; vestígios arqueológicos de duas ocupações distintas; e uma diversidade de rochas usadas como matéria-prima para o lascamento.

Diante desse quadro, optou-se por entender melhor os cerritos e seu grupo construtor, direcionando o trabalho para a análise dos materiais líticos diretamente associada a essas estruturas. Posteriormente fazer uma relação com o outro grupo, no caso, a Cultura Guarani.

Os cerritos do Sítio Corredor do Bolso estavam localizados em uma região privilegiada quanto a recursos naturais, devido o encontro de diferentes formações geológicas, refletidas em dois compartimentos geomorfológicos, a Depressão Central e o Escudo Sul Rio-Grandense, de características distintas, permitindo uma ampla biodiversidade e ofertas de matérias-primas rochosas. Em um raio de apenas 30 a 40 km era possível a captação de diversas rochas aptas para ao lascamento.

Essas rochas, principalmente o quartzo e o arenito, eram então escolhidas, recebiam uma redução inicial no seu local de captação e levadas ao acampamento. Acredita-se que talvez pela distância entre o acampamento e os afloramentos, ou mesmo pela mobilidade constante dos grupos caçadores-coletores, os suportes escolhidos eram de pequeno e médio porte, refletindo em instrumentos de tamanho bem reduzido.

A dispersão espacial dos materiais lascados mostrou uma concentração de vestígios em uma área adjacente ao cerrito denominado "A". A ideia de que ali seja o local de habitação, ou mesmo uma área de atividades específicas do grupo é corroborada pela dispersão dos instrumentos líticos.

A indústria lítica do grupo construtor dos cerritos era toda sobre lascas, ou por vezes utilizava-se como suporte outros produtos do talhe, na análise aqui apresentada denominado de fragmentos. A escolha de suportes pouco elaborados e de pequeno tamanho reflete uma indústria expeditiva, sem uma morfologia preferencial de instrumentos, mas com características recorrentes em sua maioria, com uma face abrupta em um dos bordos; a formação frequente de uma "ponta entre entalhes" no bordo ativo; tamanho reduzido; e gumes ativos com ângulos entre 70° e 90°, o que indica a função de raspar.

A questão da face abrupta é curiosa, por sua origem muitas vez intencional e pela sua localização em oposição ao bordo ativo, que reflete a possibilidade encabamento.

No acampamento, essas rochas escolhidas como matéria-prima além de serem utilizadas para a confecção de instrumentos, eram empregadas na construção dos cerritos, juntamente como os refugos de lascamento, como elemento agregador do solo, pois sem isso a textura arenosa do solo não permitiria a formação do monte, sendo facilmente erodido. Os refugos de lascamento, provavelmente eram reunidos e transportados junto com o solo antropogênico de ocupação, e por isso a coloração

diferenciada do solo foi percebida na escavação dos cerritos, sem formar um piso de ocupação, sem delinear uma “mancha preta”, ou estar vinculada a uma estrutura de fogueira, por exemplo. O caráter expediente dos instrumentos da coleção é visível na presença deles nos cerritos, principalmente em áreas escavadas. O tamanho pequeno dos instrumentos não permite muitas retiradas que reavivam o gume tornando o inativo rapidamente e facilmente descartado.

Mas para que tanto trabalho para amontoar esses materiais e construir os cerritos?

Embora não se tenha encontrado nenhum vestígio arqueológico relacionado a enterramentos, é possível que os cerritos tenham sido concebidos como estruturas funerárias e/ou ritualísticas. É conhecido bibliograficamente inúmeras ocorrências de cerritos com enterramentos.

No caso, dos cerritos do Sítio Arqueológico Corredor do Bolso, o que colabora com essa hipótese e a existência da cerâmica Guarani.

A distribuição espacial dessa cerâmica mostra a concentração dos fragmentos sobre os cerritos, inclusive uma urna com restos mortais de um indivíduo, cujas características pertencem a uma dieta horticultora.

Assim, é possível que o grupo Guarani tenha assimilado o aspecto simbólico e funerário dos cerritos e ter realizado seus próprios rituais de enterramento sobre essa estrutura. É comum a ocorrência de enterramentos Guaranis sobre cerritos.

Quanto à possibilidade de contato entre o grupo cerriteiro e o grupo Guarani é bastante difícil, devido às datações apresentadas e a superficialidade da cerâmica encontrada no sítio. Os poucos fragmentos estão bastante espalhados pelo quadriculamento da atividade de campo, o que pode indicar o impacto ocasionado pelas atividades agrícolas.

Dessa forma, os resultados alcançados aproximam-se dos dados obtidos pelas pesquisas uruguaias, onde os cerritos são concebidos com estruturas ritualísticas. No entanto, não se acredita no caráter multifuncional dessas estruturas, que também atuariam como demarcadores de território e referenciais geográficos para os grupos que os conceberam.

Assim, demarcadores territoriais e mesmo referências geográficos necessitam de certa visibilidade no terreno e a longas distâncias, o que não ocorre com os cerritos do Corredor do Bolso, construídos próximos a mata ciliar do Rio Vacacaí e

Arroio Salso e há poucos quilômetros da escarpa do Escudo Sul-Riograndense prejudicando sua visibilidade.

Como qualquer proposta de trabalho, sabe-se que a pesquisa acadêmica é uma construção constante, que não se apresenta de forma fechada, correta e concluída. Mas sim, de forma viva e ativa, tendo consciência dos avanços e retrocessos de metodologias e conceitos aplicados, é sempre cabível de novas interpretações.

A dificuldade de se obter respostas definitivas através da análise desses materiais faz com que as pesquisas realizadas sejam permeadas de hipóteses, e muitas vezes dúvidas. A arqueologia não é uma ciência linear.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. **As rochas silicosas como matéria-prima para o homem pré-histórico: variedades, definições e conceitos.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 1991. p. 63-75.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. **As propriedades físicas dos arenitos silicificados e suas implicações na aptidão ao lascamento.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 1992. p. 63-75.

ARRUDA, Hilda Mirian da Rocha. **Evolução do uso da terra com ênfase aos plantios florestais no município de São Gabriel.** Monografia (Conclusão de Curso em História) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2008.

BEOVIDE, Laura. MALÁN, Maira. **Arqueología em los humedales costeros del sur, Uruguay.** División Antropología, Museos Nacionales de Historia Natural y Antropología, Uruguay (?)

BITENCUORT, Ana Luisa Vietti. Princípios, Métodos e Algumas Aplicações da Geoarqueologia. In: Geoarqueologia: Teoria e Prática. Goiânia: Ed. UCG, 2008.

BINFORD, Sally; BINFORD, Lewis. **New Perspective in Archeology.** Chicago: Aldine Publishing Company, 1968.

BRACCO BOKSAR, Roberto; LOPEZ MAZZ, José M.; CABRERA, Leonel. La Prehistoria de las Tierras Bajas de la Cuenca de la Laguna Merín. In: COIROLO, Alicia Duran; BRACCO BOKSAR, Roberto (Org). **Arqueología de las Tierras Bajas.** Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 2000, p. 13-38.

BRACCO BOKSAR, Roberto; PANTAZI, Cristina Ures. Fósforo y Áreas de Actividad en el Sitio PSP (Rocha – Uruguay): Ensanchando el Registro. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 389-402, Tomo I, 1997.

BRACCO BOKSAR, Roberto; PANTAZI, Cristina Ures. Ritmos y Dinámica Constructiva de las Estructuras Monticulares: sector sur de la cuenca de la Laguna Merín – Uruguay. In: LOPEZ MAZZ, José; SANS, Mónica (Org). **Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas.** Montevideo: Departamento de Publicaciones

de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Ed. Universidad de la Republica. 1999, p. 35-62.

BROCHADO, José Proenza; LA SALVIA, Fernando. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2ª ed., 1989.

CABRERA PÉREZ, Leonel; MAROZZI, Oscar. Las Áreas Domésticas de los "Constructores de Cerritos: El Sitio CG14E01. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 55-68, Tomo I, 1997a.

CABRERA PÉREZ, Leonel; MAROZZI, Oscar. Sitio PR14D01, Rio Tacuari, DPTO de Treinta y Tres. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 69-81, Tomo I, 1997b.

CABRERA PÉREZ, Leonel; DURÁN, Alicia; FEMENÍAS, Jorge; MAROZZI, Oscar. Investigaciones Arqueológicas en el Sitio CG14E01 ("Isla Larga") Tierra San Miguel. Dpto Rocha Uruguay. In: COIROLO, Alicia Duran; BRACCO BOKSAR, Roberto (Org). **Arqueología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 2000, p. 183-194.

CASTIÑEIRA, Carola; FERNÁNDEZ, Gabriela; CÉSPEDA, Carlos. Processo de Formação del Sitio Cráneo Marcado en el Litoral de Laguna de Castillos (Depto. De Rocha-Uruguay). Una Aproximación Interdisciplinaria para SU Reconstrucción Paleoambiental. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 101-114, Tomo I, 1997.

CATELAN, Daniela. **Análise temporal do uso da terra com imagens do satélite LANDSAT 7 SENSOR ETM +, no município de Santa Margarida do Sul**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Engenharia Agrícola) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2002.

CHMYZ, Igor (ed). **Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica**. Caderno de Arqueologia, Museu de Arqueologia e Artes Populares – Universidade Federal do Paraná. Paranaguá, ano 1, nº 1, 1976.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia**. 2.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1980. 188p.

CONSENS, Mário. Yacaré-Cururu: 18 años después. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 115-123, Tomo I, 1997.

COPAROLE, Marcela. Análisis del Material Lítico del Sitio “Cráneo Marcado”(Depto. Rocha). In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 93-100, Tomo I, 1997.

COPÉ, Silvia M. **A ocupação pré-colonial do sul e sudoeste do Rio Grande do Sul.** In: KERN, Arno (Org). *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul.* 2ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 191-220.

Geologia e Recursos Minerais do Estado do Rio Grande do Sul. Produzido Por CPRM – Serviço Geológico do Brasil. 1 DVD (120 min). Ano 2008.

CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (ORG's). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DA-ROSA, Átila Augusto Stock. Geologia do Quaternário continental do RS: estado da arte e perspectivas de trabalho. In: **Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos.** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2009.

DIAS, Adriana Schmidt; Da Tipologia à Tecnologia: Reflexões sobre a variabilidade das indústrias líticas da Tradição Umbu. In: **Das Pedras aos Homens: Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira.** Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

DIAS, Adriana Schmidt; HOELTZ, Sirlei Elaine. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. In: **Revista do CEPA.** Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, v. 21, n.25, 1997.

EBLE, Alroino B. **Considerações sobre o “Sítio Arqueológico”.** Anais do Museu de Antropologia, Florianópolis. UFSC, 1971, p. 71-77.

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos.** 2ª Ed. 2006.

FEMENÍAS, Jorge. **Cerâmica de los “Cerritos” de Noreste de Uruguay y Sureste de Brasil (discussión de los modelos resultantes).** In: *Revista do CEPA*, Vol. 17, nº 20.

FOGAÇA, Emílio. A Tradição Itaparica e as Indústrias Líticas Pré-Cerâmicas da Lapa do Boquete (MG – Brasil). In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 1995

FUNARI, Pedro Paulo A.; **Teoria Arqueológica na América do Sul**. Coleção Primeira Versão Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: 1998, vol. 76, pag. 1 -12.

GAMBLE, Clive. **Arqueologia Básica**. Barcelona: Editora Ariel, 2002.

GIANOTTI, Camila; LEOZ, Emiliano. Hacia una Arqueología del Movimiento en la Cuenca del Arroyo Yaguarí, Tacuarembó, R.O.U. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 135-146, Tomo I, 1997a.

GUERRA, Antonio José Teixeira; GUERRA, Antonio Teixeira. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GUERRA, Antonio José Teixeira; Marçal, Mônica dos Santos. **Geomorfologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HERRMANN, M.L.P; ROSA, R. Relevo. In: IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geografia do Brasil: Região Sul**. Rio de Janeiro: 1990.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. 2004 **Mapa de Biomas do Brasil**, Escala 1:5.000.000.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. 2004 **Mapa de Vegetação do Brasil**, Escala 1:5.000.000.

JORGE, Vitor Oliveira. **Olhar o Mundo como Arqueólogo**. Coimbra: Quarteto, 2003.

KERN, Arno (org.). **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. 2ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

LAVINAS, Carlota. **Glossário de Zonas Húmidas.** (?). Disponível em: <http://portal.icnb.pt/NR/rdonlyres/4C39C4DD-0BDE-4A2F-9F78-2A568E34923C/0/Gloss_ZH.pdf>. Acesso em: 17 fev.de. 2010.

LEITE, Sérgio. **Mapeamento Arqueológico do Município de Dom Pedrito – RS.** Relatório, (SD). Datilografado.

Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. Departamento de História. Relatório. Santa Maria. 1998a. **Relatório.** Impresso.

Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. Departamento de História. Relatório. Santa Maria. 1998b. **Relatório.** Impresso.

LIMA, Libiane Cargnin. **Abordagens sobre a cultura material dos montículos de São Borja/RS.** Monografia (Conclusão de Curso em História) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.

LOPEZ MAZZ, José M. Trabajos en Tierra y Complejidad Cultural en las Tierras Bajas del Rincón de los Indios. In: COIROLO, Alicia Duran; BRACCO BOKSAR, Roberto (Org). **Arqueología de las Tierras Bajas.** Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 2000, p. 271-286.

LOPEZ MAZZ, José M. Investigación Arqueológica y sus Usos del Pasado: las Tierras Bajas del este de Uruguay. In: **TAPA 19.** Paisajes Culturales Sudamericanas: de las prácticas sociales a las representaciones. Laboratorio de Arqueología e Formas Culturais, IIT, Universidade de Santiago de Compostela. Primera Edición, Diciembre de 2000.

LOPEZ MAZZ, José M.; PINTOS, Sebastián Blanco. Distribución Espacial de Estructuras Monticulares en la Cuenca de la Laguna Negra. In: COIROLO, Alicia Duran; BRACCO BOKSAR, Roberto (Org). **Arqueología de las Tierras Bajas.** Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 2000, p. 49-57.

LOPEZ MAZZ, José M. Construcción del Paisaje y Cambio Cultural en las Tierras Bajas de la Laguna Merín (Uruguay). In: MAZZ, José M. Lopez; SANS, Mónica (Orgs). **Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas.** Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 35-61.

LOPEZ MAZZ, José M. **Revista de Arqueologia.** Sociedade de Arqueologia Brasileira. V. 11. 1998, São Paulo: SAB. P. 87-105.

LOPEZ MAZZ, José M.; PINTOS, Sebastián Blanco. El Pasaje Arqueológico de la Laguna Negra. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 175-186, Tomo I, 1997.

LOPEZ MAZZ, José M.; CASTIÑEIRA, Carola. Estructura de Sitio y Patrón de Asentamiento en La Laguna Negra (Depto. de Rocha). In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 147-161, Tomo I, 1997.

LOPEZ MAZZ, José M.; GIANOTTI, Camila. Diseño de Proyecto y Primeros Resultados, de las Investigaciones Realizadas en la Localidad Arqueológica "Rincón de los Indios. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 163-174, Tomo I, 1997.

LOUREIRO, André Garcia. **Os Aterros (Cerritos) na Fronteira Brasil-Uruguai:** uma abordagem histórica e teórico-conceitual. In: *Techné*, n. 8, Instituto Politécnico Tomar, 2003, p 105-113. Portugal. Disponível em <www.cph.iph.pt/cph/angulo/2001-2002/cerritos.doc> Acesso em: 11/2009.

LOUREIRO, André Garcia. **Sítio PT-02-Sotéia:** Análise dos Processos Formativos de um Cerrito na Região Sudoeste da Laguna dos Patos/RS. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008.

MANSUR, M. E. Instrumentos líticos: Aspectos da Análise Funcional. **Arquivos do Museu de História Natural.** Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1986/1990, p. 115-169.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio, PEDROSO, Alexandre Vijante; ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. **Informe preliminar sobre o estudo da cerâmica pré-colonial dos aterros do sul brasileiro.** In: *Anais Completos VI Encontro de Iniciação Científica e II Encontro de Pós-Graduação.* São José dos Campos, v. 2, 2002a.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio, PEDROSO, Alexandre Vijante; ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. **Estudos sobre a indústria lítica dos aterros do sul do Brasil: análise, limites e possibilidades.** In: *Anais Completos VI Encontro de Iniciação Científica e II Encontro de Pós-Graduação.* São José dos Campos, v. 2, 2002b.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio; ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. **Hierarquia e Morte nas Terras Baixas Platinas**. Revista do CEOM, Chapecó: Argos, 2003a.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio; ZIMPEL NETO, Carlos Augusto; CRUZ, Daniel Gabriel. **A Variabilidade Cerâmica Intrasítio como Processo Adaptativo de um Grupo Pré-Colonial Pampeano: o cerrito Corredor do Bolso, São Gabriel-RS**. In: Anais Completos VII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Pós-Graduação. São José dos Campos, v. 2, 2003b.

MARION, Ricardo Pellegrin; **Um Sítio Arqueológico em Meio aos Areais de Quaraí/Rs: uma proposta de interpretação espacial**. Monografia (Conclusão de Curso em História) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2008.

MARQUES, Jorge Soares. Ciência Geomorfológica. In: CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (ORG's). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MORAIS, José. Luiz. **Perspectivas Geoambientais**. Tese (Livre Docência em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo: 1999

MORAIS, José Luiz de. Arqueologia da Paisagem como instrumento de gestão do licenciamento ambiental de atividades portuárias. In: **eGesta**, v. 3, n. 4, p. 97-115, 2007a.

MORAIS, José Luiz de. **Tecnotipologia Lítica**: A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima. Erechim: Editora Habilis, 2007b.

NASCIMENTO, Tânia Tomázia do. **Os Construtores de Cerritos do Rio Grande do Sul**: a Estruturação de uma Prática Arqueológica. Dissertação (Mestrado em Pré-História do Quaternário e Evolução Humana) – Instituto Politécnico de Tomar: Tomar, Portugal, 2006.

NEVES, Paulo César Pereira das; SCHENATO, Flávia; BACHI, Flávio Antônio. **Introdução à Mineralogia Prática**. Canoas: Ed. ULBRA, 2a Ed, 2008.

NOBILE, Juan. Asentamiento y Subsistencia en la Llanura Aluvial del Río Paraná (sector bajo Paraná): aproximaciones a un modelo regional. In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 187-193, Tomo I, 1997.

NUNES, Luiz Coimbra; **Terminologia lítica: tecnologia para o estudo da pedra lascada**. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) - Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2008.

OLIVEIRA, Maria de Lurdes Abruzzi Aragão de. A vegetação atual do Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Paleontologia, 2009.

PINTOS, Sebastián Blanco. Arqueologia en el Sitio Craneo Marcado Laguna de Castillos, Rocha (R.O.U). In: IX CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA URUGUAYA, 1997. Colonia do Sacramento. *Anais...* Colonia do Sacramento: p. 207-221, Tomo I, 1997.

PINTOS, Sebastián Blanco; BRACCO BOKSAR, Roberto. Modalidades de Enterramiento y Huellas de Origen Antrópico en Especímenes Óseos Humanos. Tierras Bajas del Este del Uruguay (R.O.U). In: MAZZ, José Lopez y SANS, Mónica (Compiladores). **Arqueologia y Biotropología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones/Universidad de la Republica, 1999.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editoria de UNB, 1992.

_____. **Os artefatos líticos – elementos descritivos classificatórios**. Arquivos do Museu de História Natural, vol. 11. Belo Horizonte, UFMG, 1986/1990, p. 1-90.

_____. **A Tecnologia de debitage do quartzo no centro de Minas Gerais: lascamento bipolar**. Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1986/1990, p. 91-111

QUINTANA, Vanessa Barrios. **Lugares Pensados, Lugares Transformados, Lugares Vivos**: os cerritos do Banhado do M'Bororé enquanto manifestações de uma cultura local. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010

QUINTANA, Vanessa Barrios. **Manifestações culturais nas terras baixas: os “cerritos de índios”**. Monografia (Conclusão de Curso em História) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2008.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **A tradição umbu no sul do Brasil**. In: reunião científica da SAB. Santa Cruz. V. 17, n 20, 1990, p. 129-156.

RIBEIRO, Augusto Mentz. **Sítios Arqueológicos numa Microrregião de Área Alagadiça na Depressão Central do Rio Grande do Sul – Brasil**. In: Revista do CEPA, VOL.10, nº 12, 1983.

ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de Fronteira**: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. Tese (Doutoramento em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2004.

ROSA, Ana Lucia Denardin da. **Influência da irrigação do arroz nas várzeas da Bacia do Rio Vacacaí**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Engenharia Agrícola) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2009.

ROSA, André Osório. **Relatório de Diagnóstico e Identificação do Impacto sobre o Patrimônio Arqueológico na Área Afetada pela Construção da Barragem no Arroio Jaguari, Bacia Hidrográfica do Rio Santa Maria/RS**. Relatório, 2008. Impresso.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geomorfologia: ambiente e planejamento**. São Paulo: Contexto, 2005.

RÜTHSCHILLING, Ana Luiza Bitencourt. Pesquisas Arqueológicas no Baixo rio Camaquã. In: **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil**. Documentos 03. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos, 1989, pp. 7-16.

SANS, Mónica. Pautas de Adaptación en el Este del Uruguay a partir del Estudio de los Restos Esqueletarios Humanos. In: MAZZ, José Lopez y SANS, Mónica (Compiladores). **Arqueologia y Biotropología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones/Universidad de la Republica, 1999.

SCHMITZ, Pedro Inácio. **Sítios de Pesca Lacustre em Rio Grande**. Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. PUC-RS. (Tese de Docência-Livre). Porto Alegre, 1976.

SCHMITZ, Pedro Inácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Basile. **Os Aterros dos Campos do Sul: a Tradição Vieira**. In: KERN, Arno (Org). **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. 2ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 221-250.

SCHMITZ, Pedro Inácio (Org.). **Pré-História do Rio Grande do Sul**. 2ª Ed. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 2006.

SCHMITZ, Pedro Inácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Basile. **Os Aterros dos Campos do Sul: a Tradição Vieira**. In: SCHMITZ, Pedro Inácio (Org.). **Pré-História do Rio Grande do Sul**. 2ª Ed. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 2006, p. 101-124.

SILVA, Luiz Carlos Junior. **Diversidade e Convergência das Dinâmicas Ambientais e Humanas na Região da Laguna dos Patos**: para um programa de estudo paleo ecológico do Banhado do Colégio, Camaquã-Rio Grande do Sul, Brasil. Dissertação (Mestrado em Pré-História do Quaternário e Evolução Humana) – Instituto Politécnico de Tomar: Tarragona, Espanha, 2006.

SOARES, André Luis Ramos; **Contribuição à Arqueologia Guarani: estudo do Sítio Röpke**. Santa Cruz: EDUNISC, 2005.

TAPIA, Haydée Alicia. Visibilidade Arqueológica de la Conquista en la Cuenca del Paraná-Plata. In: LOPEZ MAZZ, José y SANS, Mónica (Compiladores). **Arqueología y Biotropología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones/Universidad de la Republica, 1999.

VIEIRA, Euripedes Falcão. **Rio Grande do Sul: Geografia Física e Vegetação**. Porto Alegre: Sagra, 1984.

WALLAU, Juliano Reis. **Avaliação da Técnica de Estabilização Granulométrica como Revestimento Primário de Rodovias Não Pavimentadas**. Monografia (Curso de Engenharia Civil) Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí. 2004.